

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO

ADRIANA GUEDES ARCURI

**O RITUAL DE DESMATERIALIZAÇÃO DOS OBJETOS
SINGULARIZADOS E A TRANSFORMAÇÃO DA RELAÇÃO
PESSOA-OBJETO**

SÃO PAULO
2016

ADRIANA GUEDES ARCURI

**O RITUAL DE DESMATERIALIZAÇÃO DOS OBJETOS SINGULARIZADOS
E A TRANSFORMAÇÃO DA RELAÇÃO PESSOA-OBJETO**

Dissertação apresentada à Escola de
Administração de Empresas de São
Paulo da Fundação Getulio Vargas

Linha de Pesquisa: Marketing

Orientadora: Profa. Dra. Tânia
Modesto Veludo de Oliveira

SÃO PAULO
2016

Arcuri, Adriana Guedes

O Ritual de Desmaterialização dos Objetos Singularizados e a Transformação da Relação Pessoa-Objeto / Adriana Guedes Arcuri - 2016. 117 f.

Orientador: Tânia Modesto Veludo-de-Oliveira

Dissertação (mestrado) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo.

1. Comportamento do consumidor. 2. Colecionadores e coleções. 3. Livros eletrônicos. 4. Realidade virtual. I. Veludo-de-Oliveira, Tânia Modesto. II. Dissertação (mestrado) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo. III. Título.

CDU 658.89

ADRIANA GUEDES ARCURI

**O RITUAL DE DESMATERIALIZAÇÃO DOS OBJETOS SINGULARIZADOS
E A TRANSFORMAÇÃO DA RELAÇÃO PESSOA-OBJETO**

Dissertação apresentada à Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, como requisito para obtenção de título de Mestre em Administração de Empresas.

Linha de Pesquisa: Estratégias de Marketing

Data do Exame: 29/02/2016

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Tânia Modesto Veludo de Oliveira (Orientadora)
FGV-EAESP

Prof. Dr. Benjamin Rosenthal
FGV-EAESP

Prof. Dr. Ronan Torres Quintão
CEFET-MG

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Tânia Veludo, por ter me orientado muito mais do que no projeto de dissertação, mas na transição da carreira executiva para a vida acadêmica. Por ter acreditado no potencial do meu tema e na minha pesquisa. Pela detalhada orientação e preciosa paciência que foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

Aos professores da FGV-EAESP com quem tive oportunidade de conviver e aprender nos últimos dois anos. Mais que o título, o meu desenvolvimento pessoal neste processo se deve a todos vocês.

Aos colegas e professores estudiosos de CCT, principalmente Carla Abdalla, pelo apoio e ajuda em vários momentos deste projeto de pesquisa.

Aos membros da minha banca, professores Benjamin Rosenthal e Ronan Quintão, por todo o apoio e contribuição ao meu trabalho.

Aos meus pais e irmãos, pelo amor, compreensão e incentivo, e por serem os responsáveis por eu ser quem sou.

Ao meu namorado, Edgard, por tudo.

À CNPQ pelo fomento da minha pesquisa durante o curso de mestrado.

RESUMO

A transformação da sociedade nos últimos anos faz contraponto ao desejo de posse e acumulação física dos consumidores. A realidade digital abre inúmeras possibilidades de consumo e tem modificado a relação dos indivíduos com os objetos físicos e as posses materializadas. Consequentemente, vários pesquisadores de consumo (BELK, 2013; BARDHI et al., 2012; MAGAUDDA, 2011, 2012) têm se dedicado ao estudo da desmaterialização (o desaparecimento físico dos objetos). Embora estudos anteriores avancem na pesquisa sobre a singularização do objeto e sua re-comoditização (EPP; PRICE, 2010), contextos e processos em que indivíduos desmaterializam suas posses singularizadas carecem de mais pesquisas. A desmaterialização até aqui foi observada como sinônimo de digitalização (BELK, 2013) ou a transformação de objetos físicos em virtuais (MAGAUDDA, 2011). Em contraste, o presente trabalho analisa a desmaterialização como transcendendo o mundo digital. A desmaterialização é vista como o processo de ver as posses desaparecendo fisicamente da vida dos consumidores por meio de doação, venda, descarte ou digitalização. A desmaterialização pode ser uma forma de distanciamento físico, mantendo o valor imaterial, garantindo o acesso, salvaguardando a singularidade do objeto, e protegendo-o da comoditização. A contradição entre a materialização física e a liquidez na sociedade nos abre um promissor campo de estudo por elucidar como o processo de afastamento das posses influencia as transformações dos indivíduos (ROSTER, 2014; CHERRIER, 2010; MAGAUDDA, 2011, 2012; MOLESWORTH; DENEGRIT-KNOTT, 2012). Para compreensão do fenômeno, foram realizadas 11 entrevistas existencial-fenomenológicas com colecionadores de livros em diferentes fases do processo de desmaterialização. A Abordagem hermenêutica foi usada para compreender como as pressões da sociedade contemporânea modificam a forma como as pessoas interagem com os objetos singularizados. A análise revelou que a relação pessoa-objeto entre colecionadores e seus livros é permeada por sonhos e desejos. Ela existe em um espaço liminar entre o real e o imaginário. Este espaço liminar que o livro físico ocupa na mente dos proprietários é o elo que permite a desmaterialização. O valor do livro vem da sua capacidade de possuir e transferir o conhecimento imaterial. A relação que colecionadores tem com seus livros é essencialmente emocional, principalmente devido ao valor imaterial. Mas, por outro lado, a ligação física é o que torna difícil o ritual de desmaterialização. Quando colecionadores desmaterializam uma coleção de livros, eles enfrentam seus valores relativos à materialidade, ao apego e ao passado, e vivenciam a possibilidade de compartilhamento e transformação da relação com os objetos e outros seres humanos. Assim, a desmaterialização pode ser considerada como uma continuação do processo de autoconhecimento que começou com os rituais de materialização. Esta descoberta tem implicações significativas para a compreensão da natureza experiencial do consumo para os indivíduos. O presente trabalho aprofunda a compreensão da relação pessoa-objeto e a transformação das relações que os indivíduos estabelecem com outros objetos e o mundo ao seu redor.

Palavras-chave: desmaterialização, singularização do objeto, relação pessoa-objeto, rituais, livro, coleção, colecionismo, digital, conhecimento.

ABSTRACT

Digital technology has influenced postmodern consumers' desire for, and accumulation of, possessions. Consequently, consumer researchers (BELK, 2013; BARDHI et al., 2012; MAGAUDDA, 2011, 2012) have increasingly been interested in dematerialization (the physical disappearance of possessions). Although prior work has examined the singularization of an object and its recommodification (EPP; PRICE, 2010), it has not specifically focused on the processes by which singularized objects are dematerialized. Dematerialization has been viewed as a synonym for digitalization (BELK, 2013) or the transformation of the physical into the virtual (MAGAUDDA, 2011). In contrast, in this study dematerialization also transcends the digital world. Prior work on dispossession rituals is extended by viewing dematerialization as the process of seeing the special possessions physically disappearing via donation, gift-giving, sale, disposal, scanning or digitalization. The tension between physical embodiment and liquidity in society provides a promising opportunity to elucidate how the dematerialization process influences the transformations of individuals (BARDHI et al., 2012; MAGAUDDA, 2011). Therefore, in-depth unstructured existential-phenomenological interviews were conducted in 4 Brazilian cities with 11 book collectors in different stages of the dematerialization process. A hermeneutical approach was used to analyze and understand how the pressures of contemporary society change the way people interact with singularized objects. The analysis revealed that the person-object relationship between collectors and their books is embedded in dreams and desires, existing in a liminal space between the imaginary and material. This liminal space that the physical book occupies in owners' minds is the link that enables the dematerialization. The book has its value because of the knowledge it presents and that might be transferred to the owner. Its immaterial value offers power, learning and pleasure. The relationship that collectors have with their books is essentially emotional, mainly due to immaterial value. But on the other hand, the physical attachment is what makes it difficult to dematerialize. When consumers dematerialize a collection of books (whether in part or in whole), they confront their values related to materiality and attachment, the past, the possibility of sharing and the transformation of the relationship with singularized objects, and with other human beings. Dematerialization can be considered as a continuation of the self-knowledge process started with materialization rituals, such as exchanging, possessing and organizing. This finding has significant implications for understanding the experiential nature of consumption for individuals. This work deepens the understanding of the person-object relationship and the transformation of relationships with the objects and the world.

Key words: dematerialization, singularization, person-object relationship, rituals, book, knowledge, collecting, collection, digital.

Sumário

1.	Introdução	1
2.	Revisão Teórica.....	4
2.1	Singularização do objeto	4
2.2	Desmaterialização	7
2.2.1	Desmaterialização como digitalização	11
2.2.2	Outras formas de desmaterialização	13
2.3	Rituais em comportamento de consumo.....	17
2.3.1	Colecionismo como ritual de singularização de objetos.....	20
2.4	O livro	25
3.	Metodologia	28
3.1	Procedimentos Metodológicos	28
3.2	Amostra e seleção dos informantes	30
3.3	Método de coleta de dados	32
3.4	Informações sobre as entrevistas e entrevistados	34
3.5	Método de análise – ciclo hermenêutico	37
4.	Análise dos dados e interpretação	40
4.1	O limiar entre o material e imaginário.....	44
4.2	Possuir é conhecer, e conhecer é ser.....	51
4.3	O poder dos livros em remover fronteiras: transcendendo a materialidade.....	58
4.4	Transformação da relação pessoa-objeto.....	64
4.5	Separar os livros, separar dos livros	68
4.6	Estabelecendo novas relações: o livro digital.....	71
4.7	A ponte que une passado e o futuro.....	79
5.	Discussão.....	88
5.1	O ritual de desmaterialização	88
5.2	Manutenção do valor singularizado.....	90
5.3	Novas relações pessoa-objeto e interpessoais.....	91
5.4	Libertação das amarras	92
5.5	Afastamento físico e manutenção do amor aos objetos desmaterializados.....	93
6.	Considerações Finais.....	95
6.1	Implicações teóricas	96
	O ritual de desmaterialização	96
	Manutenção do valor singularizado dos objetos.....	96

Objeto de ligação na construção da relação pessoa-objeto-pessoa	97
Rituais como conexão entre o sonhos e realidade	98
6.2 Implicações gerenciais	99
6.3 Limitações e sugestões de pesquisas futuras	101
REFERÊNCIAS	103

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Principais pontos levantados nas entrevistas.....	34
Figura 2: Processo de materialização e desmaterialização e a transformação identitária.....	43
Figura 3: Dedicatória livro Cecília Meireles para Renata.	48

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Perfil dos informantes (com pseudônimos).....	32
---	----

1. Introdução

A transformação da sociedade nos últimos anos faz contraponto ao desejo de posse e acumulação física dos consumidores. A realidade digital abre inúmeras possibilidades de consumo e tem modificado a relação dos indivíduos com os objetos físicos e as posses materializadas. Consequentemente, vários pesquisadores de consumo (BELK, 2013; BARDHI et al., 2012; MAGAUDDA, 2011, 2012) têm se dedicado ao estudo da desmaterialização (o desaparecimento físico dos objetos). Embora estudos anteriores avancem na pesquisa sobre a singularização do objeto e sua *recomoditização* (EPP; PRICE, 2010), contextos e processos em que indivíduos desmaterializam suas posses singularizadas carecem de mais pesquisas. A desmaterialização até aqui foi observada como sinônimo de digitalização (BELK, 2013) ou a transformação de objetos físicos em virtuais (MAGAUDDA, 2011). Em contraste, o presente trabalho analisa a desmaterialização como transcendendo o mundo digital. A desmaterialização é vista como o processo de ver as posses desaparecendo fisicamente da vida dos consumidores por meio de doação, *gift-giving*, venda, descarte ou digitalização. A contradição entre a materialização física e a liquidez na sociedade nos abre um promissor campo de estudo por elucidar como o processo de afastamento das posses influencia as transformações identitárias dos indivíduos (ROSTER, 2014; CHERRIER, 2010; MAGAUDDA, 2011, 2012; MOLESWORTH; DENEGRIT-KNOTT, 2012). A desmaterialização pode ser uma forma de distanciamento físico, mantendo o valor imaterial, garantindo o acesso, salvaguardando a singularidade do objeto, e protegendo-o da comoditização. Com isso, uma das questões a serem aprofundadas é como o processo de distanciamento físico pode transformar as relações de indivíduos com as posses que já haviam sido singularizadas.

O que sabemos é que são os rituais de materialização como busca, posse e organização que fazem a transformação de uma *commodity* em um objeto singularizado, único. A interação com os objetos, a sistemática de rotulação, arrumação e exibição conferem o aspecto sagrado aos itens consumidos (BELK et al., 1989). Uma grande parte do que faz o consumo corriqueiro se transformar em algo extraordinário é o fato de os objetos terem sido procurados, selecionados e escolhidos, não o seu valor de uso (BELK, 1995). Kopytoff (1986) ressalta a função das coleções em dar um significado especial aos objetos pela remoção do uso no dia a dia e o pertencimento a algo maior, o que ele denomina ‘singularização do

objeto'. O objeto singularizado, além de possuir significado pessoal, acaba estabelecendo uma forte relação com a identidade do indivíduo. De acordo com Belk (1988), de forma consciente ou inconsciente, intencionalmente ou não, consumidores tendem a ver suas posses como uma extensão de si mesmos (BELK, 1988). Nesse sentido, o valor dos bens advém da sua capacidade de carregar, manter e transmitir um significado, que vai muito além do seu valor utilitário (McCRACKEN, 1986). Segundo Kopytoff (1986), itens podem ser singularizados e commoditizados diversas vezes na história da biografia dos objetos. A relação 'pessoa-objeto' é mutável no decorrer da vida útil dos itens, os rituais podem agregar ou subtrair valor nessa relação. A transformação de uma *commodity* em um objeto singularizado transforma o indivíduo participante e agente desse processo. Ao retirar o *status* de *comum* do bem e transformá-lo em algo único, o indivíduo também se transforma (EPP; PRICE, 2010; KOPYTOFF, 1986).

Pesquisas recentes já avançaram no conceito de *extended self*, mostrando como rituais de descarte e afastamento dos objetos físicos são também reveladores e transformadores da identidade (ROSTER, 2014; LASTOVICKA; FERNANDEZ, 2005; PRICE et al., 2000). O acesso também provê valor ao *extended self*, independente da posse, por meio das memórias imateriais que enriquecem a natureza humana e as experiências de vida (CHEN, 2009).

O acesso e a experiência ganham cada vez mais relevância como suficientes para justificar o consumo, sem a necessidade da posse (CHEN, 2009). As bibliotecas, públicas, virtuais e privadas, e outros tipos de recurso que permitam acesso e compartilhamento adquirem importância crescente no mundo atual e se constituem em objeto interessante para o avanço da pesquisa do fenômeno da desmaterialização (CHEN, 2009; SCARABOTO, 2015). Chen (2009) já sinalizava que os contrastes entre a posse e o acesso, dentro e fora do campo das artes, poderiam abrir possibilidades de pesquisas futuras. Exemplos concretos seriam livros, DVDs, carros, bicicletas e todo tipo de produto que pudesse ser considerado para compra, aluguel e/ou *leasing*. A desmaterialização dos itens pode ser uma forma de afastamento físico, mantendo o valor imaterial, garantindo o acesso, resguardando a singularidade do objeto e protegendo-o da commoditização.

No contexto de consumo de bens que conferem prestígio, que informam e transformam aqueles que os possuem, destaca-se o livro. O livro foi um dos primeiros itens a serem produzidos em série a partir da invenção da prensa. Possui um grande valor imaterial e representa tudo aquilo que transcende o que está escrito: histórias, imaginação e fantasia como passaporte para outra dimensão. Sua massificação simboliza a possibilidade de

acumulação de conhecimento a partir da aquisição de um objeto acessível e facilmente duplicado (PINO; ZULAR, 2007).

Da perspectiva do consumo, o livro pode ser consumido de duas formas: pela compra ou pela leitura. A primeira circunstância de consumo envolve pertencimento, propriedade, permanência (CHEN, 2009). Nesse contexto, uma coleção permanente e privada de livros pode dizer muito sobre a identidade dos consumidores e a natureza da posse, bem como os significados refletidos e embutidos nessa relação, entre o colecionador, o livro e a coleção.

Assim sendo, o objetivo deste trabalho é o entendimento dos rituais de desmaterialização do objeto singularizado no contexto dos colecionadores de livros e a transformação das relações pessoa-objeto. A principal pergunta de pesquisa é: como os rituais de desmaterialização dos objetos singularizados transformam a relação pessoa-objeto.

Além desta introdução, este trabalho está organizado em cinco partes: revisão teórica, metodologia, análise, discussão e considerações finais. A revisão teórica está separada em quatro seções. Primeiramente, inicia-se uma discussão sobre a singularização do objeto. Na segunda seção, o foco é a desmaterialização. A partir disso, na terceira seção, discorre-se especificamente sobre os rituais no comportamento do consumidor e o colecionismo como ritual de singularização dos objetos. A quarta seção faz o fechamento da revisão teórica, apresentando o livro e a escrita à luz do colecionismo, mostrando a importância do contexto escolhido para entendimento do fenômeno estudado.

2. Revisão Teórica

2.1 Singularização do objeto

Materialismo é um conceito interdisciplinar já vastamente pesquisado que examina as tensões do mundo material entre a sociedade e o indivíduo. O apego às posses materiais como uma extensão do *self* desempenha um papel central nas teorias sobre identidade, na construção das narrativas de pertencimento a grupos, identidade familiar e memória coletiva (BARDHI et al., 2012). Estudiosos de consumo já analisaram como a dimensão material do consumo é um elemento fundamental e constitutivo da vida e da cultura da sociedade de consumo. Desde as publicações dos estudiosos Douglas e Isherwood (1979), Appadurai (1986) e Campbell (1987), a materialidade do consumo foi vista não apenas como uma externalização dos processos psicológicos internos dos seres humanos, um espelho onde os consumidores projetam seus desejos socioculturais, mas também como uma interface pragmática que ativamente gera significados, ações e conexões sociais (MAGAUDDA, 2012).

No campo de pesquisa com consumidores, a acumulação de objetos, o apego ou a ligação a “coisas que chamamos de nossas” é denominada posse (BELK, 1988, p. 139). Caso considerem as posses como uma parte de si mesmo, proprietários tendem a usar suas posses para comunicar ao mundo e aos outros sua identidade social, em qual grupo se inserem, seus valores e expressar quem são (BELK, 1988). O constructo *extended self* é uma derivação do conceito do “*eu (self)*”, incluindo as posses e o sentido de “meu” - e não somente “eu”- para a definição identitária. O valor dos bens advém da sua capacidade de carregar, manter e transmitir um significado que vai muito além do seu valor utilitário (McCRACKEN, 1986).

Para Kopytoff (1986) é a cultura que promove a diferenciação, por atribuir significado e status aos objetos. Para explicitar sua argumentação, apresenta o conceito de biografia do objeto e explica o processo de observar sua história de vida: sua origem, as trocas, mudanças de donos e status, usos e pontos de transição. De modo similar à observação da história de vida das pessoas, entender os processos por que passaram os objetos e as relações estabelecidas com os donos poderá evidenciar as características deste fenômeno, bem como contribuir para a compreensão dos contextos e as situações culturais em que os bens se encontram na vida das pessoas, e ajudar a desvendar os significados atrelados a essa relação com os objetos. A análise cultural da biografia das coisas pode salientar aspectos que, de

outra forma, permaneceriam obscuros. Ao demonstrar como o objeto é percebido em determinada cultura e como seu valor se altera durante sua vida útil, evidencia-se o processo completo de geração de valor. Nesse sentido, itens podem ser commoditizados e singularizados diversas vezes na biografia do objeto, agregando ou perdendo valor, de acordo com o status que assumem, de *commodities* ou de objetos singularizados. Os bens se tornam *commodities* a partir do momento que perdem seu caráter único, exclusivo, singular. Se são únicos, não estão à venda, não seriam trocados por outros bens e, portanto, não possuem preço e valor de troca. Para Kopytoff (1986), as coisas não são *commodities* ou não-*commodities*, elas se tornam *commodities* pelo processo de commoditização:

... para ser vendido por dinheiro ou trocado por uma série de outros produtos é preciso ser como esses itens, que em última instância pertencem ao mesmo universo de coisas comparáveis. Para usar um termo apropriado, o item precisa ser comum, ou o oposto de incomum, incomparável, único, singular, e dessa forma, não intercambiável por outro item (KOPYTOFF, 1986 p. 68).

Por outro lado, as *commodities* seriam singularizadas ao serem removidas da sua esfera usual, de *commodity*. Ao ser separadas, passar a pertencer a alguém importante, como um rei ou uma rainha, faria com que uma outrora simples pedra se transformasse em uma joia da coroa, com valor imensurável. A singularização dos objetos, os rituais envolvidos no processo e sua capacidade de se diferenciar, gerar valor e adquirir características quase humanas é o ponto central na construção da teoria de Kopytoff. Para ele, a sociedade ocidental commoditiza pessoas e singulariza objetos. Atribui valor de troca a seres humanos, e humaniza bens e posses. Permite a relativização do valor e que o mesmo objeto seja percebido como *commodity* para uma pessoa e como singularizado para outra, ou como profano para uma, e sagrado para outra. Embora singularização e sacralização não sejam sinônimos, ambos os processos diferenciam os objetos especiais dos objetos comuns e mundanos, profanos. Kopytoff (1986, p. 74) explica que a sacralização pode ser obtida pela singularização, mas a singularização não garante o status de sagrado. Itens singularizados não possuem valor de troca, não são vendidos e nem comparáveis, mas não necessariamente são considerados sagrados. Para Belk, Wallendorf e Sherry (1989), seguindo estudos de Durkheim e Eliade, algumas propriedades garantiriam o status de sagrado ao objeto: oposição ao profano, sacrifício, ritual, mitos, mistério, experiência de êxtase, contaminação, entre outras. Como resultado da secularização da religião e sacralização do secular, a distinção entre sagrado e profano se tornou aplicável ao contexto do consumo (Belk et al., 1989). Essa separação, catalogação e hierarquização dos objetos, do sagrado e do profano, também fica

muito mais fácil de ser entendida pela comparação, assim como no caso da comparação entre objetos singularizados e *commodities*.

Vários lugares, experiências, pessoas e objetos podem ser considerados sagrados. No contexto das coisas tangíveis, ícones, roupas, artefatos e posses são sacralizadas, separadas do mundo profano e depois amadas, cultuadas. Requerem atenção especial e um lugar diferenciado para serem adoradas. Algumas coisas intangíveis também podem ser consideradas sagradas, como fórmulas mágicas, danças, cultos, nomes e músicas (BELK, et al., 1989).

Esses processos continuam ainda muito reais e verdadeiros, mesmo quase 30 anos depois da publicação do artigo seminal que estuda o sagrado e o profano (BELK et al., 1989) e do capítulo do livro sobre a biografia do objeto, publicado por Kopytoff (1986). O consumo continua um veículo para expressão e experiência do sagrado, do singular. Entretanto, as análises existentes estão ancoradas na materialidade das coisas e nos processos físicos necessários para a singularização. Sabemos como transformar coisas comuns em posses cheias de significado a partir de rituais e práticas diárias e habituais (cerimônias, limpeza, customização, restauro, colecionismo) e os artifícios para proteger o precioso valor simbólico, que envolvem as posses especiais com uma aura de proteção. Esses esforços são energizados pelo desejo de tornar visíveis as barreiras e fronteiras entre o que é comum e o que é sagrado, impondo uma ordem na ecologia dos objetos na nossa casa e na nossa vida (DENEGRINKNOTT et al., 2012). Mas as enormes mudanças na sociedade nas últimas décadas e a última onda de tecnologias digitais estão transformando de forma significativa o comportamento do consumidor, especificamente no que tange à relação com os objetos e o conceito de *extended self* (BELK, 2013). Estabelecer os mesmos processos, ordem e delimitar fronteiras para objetos não-materializados ou materializados em condições de instabilidade traz uma complexidade até então não incorporada à discussão teórica, e que começou a ser analisada nos últimos anos. Belk (2013) publicou uma revisão do artigo seminal de 1988 sobre as posses e o *extended-self*, incluindo a perspectiva do ambiente digital e das transformações causadas na sociedade pela revolução digital e da informação. Vários autores vêm publicando artigos que avançam e dialogam com os artigos seminais, procurando trazer novos *insights* que complementem a teoria sobre a ligação entre os objetos e a identidade dos indivíduos nessas novas condições.

Nas próximas seções, vamos discutir como as relações pessoa-objeto vêm sendo transformadas em condições nas quais a mudança e a descontinuidade são constantes. A teoria

avança à medida que novos contextos são analisados e que as relações com os objetos acontecem em situações de instabilidade e transitoriedade. Os processos identitários dos indivíduos transcendem a relação com os objetos físicos, e a experiência tem cada vez mais espaço.

2.2 Desmaterialização

No mundo globalizado de hoje, o apego aos objetos físicos se torna cada vez mais complexo, e desafia a tradição de pesquisa que vê as posses materiais como a expressão máxima e extensão do *self*. Nas últimas décadas de pesquisa com consumidores, as posses físicas aparecem como cruciais na manutenção e transformação do *self*, pela conexão simbólica que estabelecem com os valores, a ética e a cultura dos indivíduos. As posses materiais funcionam como uma âncora e estabilizam a identidade, reconfiguram um espaço definido e o transformam em um lugar de pertencimento. Proporcionam ligações concretas entre o *self* e o mundo material. A globalização, por outro lado, é caracterizada justamente pelo processo de abertura das fronteiras dos países, permitindo um fluxo muito maior de pessoas, objetos e informação. Ao abrir as fronteiras e flexibilizar as barreiras, modifica e rompe com o padrão comportamental rígido e definido da modernidade. A quantidade de informação disponível, os avanços tecnológicos, a mobilidade e as limitações de espaço são desafios que conflitam com o desejo de posse e acumulação física (BARDHI et al., 2012). Bauman (2013) propõe o termo modernidade líquida para explicar esse fenômeno que dissolve as instituições e termos de referências para as ações humanas e estratégias de longo prazo. O peso da estrutura social é diluído, as escolhas individuais são maiores, mais livres e menos cerceadas. Nessa condição volátil pós-moderna, os projetos identitários estão em constante mudança, e as relações com os objetos se tornam cada vez mais líquidas e transitórias.

De acordo com os autores Bardhi, Eckhardt e Arnould (2012), os estudos de comportamento de consumo durante os últimos 25 anos privilegiaram o enfoque estático e sólido na reflexão sobre posses e consumo. Para eles, esses estudos foram feitos sob a moldura do paradigma ontológico moderno, que presume solidez e estabilidade como atributos principais da relação com a materialidade, a relação pessoa-objeto. Ao estudar um grupo específico de indivíduos que segue um estilo de vida nômade e globalizado, caracterizado por trocas frequentes de país, consequentemente uma mentalidade flexível e aberta a mudanças, os autores acima citados contribuíram com um novo olhar sobre a relação

pessoa-objeto, ou sobre as relações flexíveis construídas entre as pessoas e suas posses. Eles denominam essa nova relação com os objetos de relação líquida. Uma relação pessoa-objeto líquida é caracterizada por uma conexão desapegada com as posses, tirando o enfoque sobre a singularização do objeto. Nas relações pessoa-objeto líquidas, os objetos são valorizados pela sua imaterialidade. A imaterialidade é flexível e permite um projeto identitário adaptável, ligado à posse. Não é o objeto *per se* que tem valor, mas sua funcionalidade e acessibilidade. É como se o elemento temporalidade fosse acrescentado ao estudo de *extended self*, ao mesmo tempo que uma nova etapa entrasse na biografia dos objetos, que vai além da singularização ou da comoditização. Os objetos passam a ter valor situacional, e os indivíduos estabelecem uma relação temporal, e não eterna com eles. As práticas de consumo com uma natureza imaterial têm importância crescente para entender o significado que as posses líquidas adquirem na vida dos consumidores na atualidade.

Anteriormente, alguns autores já vinham se dedicando a entender contextos que levam consumidores a se afastarem de suas posses, muitas vezes singularizadas. Vários estudiosos analisaram que se as posses são vistas como uma parte do *self*, a perda dessas posses poderia acarretar sofrimento como uma diminuição da imagem ou do próprio *self*. Uma evidência desse comportamento obtém-se na observação de como as posses são ritualizadas e tratadas após a morte ou como roubos e catástrofes com perda de pertences podem afetar a percepção identitária (BELK, 1988). Mesmo descartes voluntários podem acarretar tristeza e sentimentos de perda quando consumidores se afastam de objetos que simbolizam pessoas, momentos, lugares e eventos importantes. O papel dos bens no senso de formação do *self* pode ser compreendido a partir de estudos antropológicos de rituais ligados à aquisição e perda de bens, como os causados pela morte, divisão de heranças, divórcios, incêndios e catástrofes que provocam profundo senso de perda e até luto (McCRACKEN, 1986). Um fenômeno interessante acontece quando objetos são descartados por não representarem mais o *self* (desejado, atual ou futuro) (KLEIN; KLEIN; ALLEN, 1995). De acordo com McCracken (1986), o ritual de *desinvestment* demonstra um desejo do consumidor de apagar o significado investido no bem a ser presenteado, doado ou vendido. Sugere que, por meio do ritual de mudança de dono, os significados e valores atrelados aos bens podem ser transferidos, apagados ou esquecidos.

Ainda que toda perda ou afastamento cause sofrimento, algumas pesquisas já demonstraram que rituais de descarte podem representar oportunidade de reinvenção, transformação e reconstrução da identidade (CHERRIER; MURRAY, 2007; ROSTER, 2014).

Para Roster (2014), rituais de descarte ou *dispossession* estão definidos como o processo psicológico e emocional no qual os donos renunciam ou se afastam voluntariamente das suas posses. Essa definição reflete a habilidade das posses em se tornar parte do *self* (BELK, 1988), a natureza dinâmica do *self* dentro de um ciclo de vida dinâmico e natural de transformação (FURBY, 1978), e a libertação de amarras existenciais por meio do ritual de separação das posses. *Dispossession* é um processo de separação que afeta e provoca transformações na identidade, definindo-nos não apenas pelo que temos, mas também que possuímos no passado e não possuímos mais (ROSTER, 2014).

Consumidores usam várias táticas para se afastar de suas posses singularizadas, para desapegar. Na pesquisa feita por Price, Arnould e Curasi (2000), informantes acima de 55 anos tinham como objetivo principal passar adiante as posses importantes antes da morte, para ter certeza de que estariam sendo bem-cuidadas. Para eles, passar os objetos que tinham conservado durante toda a vida, para filhos, netos ou sobrinhos escolhidos não era o mesmo que descarte: se o bem continuar na família, ainda que não mais sob seu próprio domínio, ele não foi alienado. A grande questão é a garantia do futuro do objeto, assegurando-se de que ele continuará sendo cuidado, e não esquecido. Nesse momento de revisão de vida, o papel das transições e decisões voluntárias de afastamento das posses especiais e significativas fica latente. O futuro dos objetos representa a continuidade da narrativa de vida dos indivíduos, o confronto com a finitude da existência, o medo do esquecimento e o desejo de deixar um legado para as futuras gerações.

Nos momentos de separação física e desapego, quando indivíduos vendem e se desfazem de suas posses singularizadas, eles podem se ver confrontados com o significado refletido na memória desses objetos (LASTOVICKA; FERNANDEZ, 2005). Posses significativas seriam aquelas capazes de carregar e transferir significados públicos (comuns, de *commodity*) e privados (pessoais e não absorvidos, singularizados) entre estranhos. No momento da venda, vendedores e compradores compartilham o *self* e veem suas identidades conectadas pelo objeto à venda, e é isso que torna possível a passagem/venda de posses singularizadas e significativas para estranhos.

Quando posses singularizadas são dadas, vendidas ou compartilhadas com estranhos existe um alinhamento do *self* de ambos. Lastovicka e Fernandez (2005), em seu estudo sobre os passos necessários para o desapego de posses especiais, e a doação ou venda para estranhos, mostram como esses atos aproximam os seres humanos no ato de compartilhamento. Isso porque as posses foram singularizadas, cuidadas, e seu valor está

sendo simbolicamente transferido para a outra pessoa, independente se por doação ou venda. É estabelecida outra relação entre doador/vendedor e o receptor, em que a posse é transferida, e seus valores também, mas a perda é minimizada.

O acesso, em detrimento da posse, é outra forma de desapego, com a manutenção dos benefícios proporcionados pelo objeto e sem a necessidade de aquisição. Essa modalidade de experiência, que permite o contato, uso ou apreciação do objeto sem necessidade de posse, tem se tornado cada vez mais comum nos dias atuais (CHEN, 2009). Uma das conclusões do estudo de Chen (2009) é que a posse não é o desejo máximo de todos os consumidores. Para o apreciador de arte, uma visita ao museu e o conhecimento da obra significam o acesso à arte sem a necessidade de compra do objeto. A compra é uma das opções para a concretização da relação pessoa-objeto, mas não a única possível. O ato de consumir pode ser realizado pela posse ou por outras formas temporárias de consumo. Enquanto as relações de posse envolvem pertencimento e permanência, o acesso é livre, leve e descompromissado, permeado por sensações e emoções. O fator subjetivo e sensorial tem um valor diferente da posse, da relação com a propriedade e com a materialidade. Consumidores que valorizam o acesso em detrimento da posse estão mais preocupados com o aspecto experiencial do consumo, das emoções internas do que com a comunicação e exibição, para o mundo, das suas posses. Sua satisfação emocional e o prazer passam a se situar e ser ativados na mente, e não na dependência exclusiva da experiência física, do toque, do uso ou da posse do objeto. Exercer o controle sobre o significado simbólico do objeto é suficiente para desencadear a sensação de prazer (CAMPBELL, 1987).

Outra forma de afastamento material e físico das posses é a digitalização, ou o consumo de bens digitais virtuais. A transição das práticas de consumo rumo a digitalização representa uma característica-chave da era contemporânea. Nos últimos anos, consumidores passaram a consumir de diferentes formas pela internet, e a digitalização causou profundas mudanças na abordagem de consumo de bens e serviços (MAGAUDDA, 2012). De um ponto de vista teórico, a voracidade com que crescem os mercados de itens digitais e o apetite dos consumidores por esses produtos virtuais e desmaterializados desafiam os conceitos apreendidos até então, como as estratégias para carimbar nossa posse nos bens (DENEGRIT-KNOTT et al., 2012). As análises existentes estão ancoradas na materialidade das coisas e nos processos físicos necessários para singularizar os objetos. Esses esforços são energizados pela necessidade em diferenciar e estabelecer fronteiras entre o que é importante, diferente, singular e sagrado do que é comum, ordinário, *commoditizado* e profano. Todos esses

esforços por diferenciar, *descommoditizar* e singularizar parecem ser desafiados pela natureza vaporosa dos bens digitais.

O fenômeno da desmaterialização é uma das consequências dessas mudanças causadas pela sociedade da informação e pelo mundo digital. A relação pessoa-objeto em condições de desmaterialização se modifica. No domínio da pesquisa com consumidores e marketing, o foco no estudo da desmaterialização ainda é recente, e o tema tem espaço para aprofundamento (MOLESWORTH; DENEGRIT-KNOTT, 2012). Até agora, o fenômeno da desmaterialização vem sendo estudado como sinônimo de digitalização (BELK, 2013) ou a transformação dos objetos físicos em virtuais (MAGAUDDA, 2011). No presente estudo, a desmaterialização transcende o conceito de digital e virtual. A desmaterialização é vista como uma continuidade dos trabalhos em *dispossession rituals* (LASTOVICKA, FERNANDEZ 2005; ROSTER, 2014), como um processo mais amplo, quando os objetos físicos, materiais, desaparecem da vida dos consumidores, se desmaterializam, via doação, *gift-giving*, venda, descarte e digitalização. Nos próximos dois tópicos, analisaremos as diferentes formas de desmaterialização e o avanço da literatura e do conhecimento sobre o tema nas últimas décadas.

2.2.1 Desmaterialização como digitalização

A rápida disseminação das tecnologias de comunicação, a chamada sociedade da informação, conjugada com a centralidade do consumo na vida dos indivíduos, deu origem a uma nova gama de processos que pode ser denominada digitalização do consumo (LEHDONVIRTA, 2012). Num primeiro momento, estudiosos de consumo focaram seus esforços em entender o impacto das tecnologias e *devices* na vida dos consumidores: quantas donas de casa têm acesso à internet, qual o perfil dos usuários de *smart phones*, etc. Mas a adoção de tecnologias no dia a dia influencia a forma de consumir outros produtos e serviços, bem como a forma de pensar e interagir com outros indivíduos. Os produtos podem ser comparados, comprados e pagos por meio de serviços digitais. Os consumidores se organizam em blogs e fóruns, discutem informações sobre os produtos e assumem papéis ativos em redes sociais, processos de *crowdsourcing*, *crowdfunding* e outros tipos de tecnologias. Bilhões de dólares são gastos em itens virtuais por meio de *networking sites*, *online games* e outros tipos de *digital hangouts* (LEHDONVIRTA; ERNKVIST, 2011).

Consumo digital virtual, *digital virtual consumption*, segundo os autores Denegrit-Knott e Molesworth (2010) abrange um espaço experiencial que combina características do

mundo real e do mundo ideal. Um lugar que estimula a imaginação, permite que os consumidores testem suas preferências e realizem os sonhos de consumo. O consumo virtual proporciona uma expansão daquilo que pode ser possuído e adquirido, incluindo o mundo idealizado, da fantasia e dos sonhos no rol dos desejos de aquisição dos consumidores, extrapolando as possibilidades do mundo material. Assim como as posses materiais singularizadas carregam um valor imaterial, a intangibilidade das memórias armazenadas na história de vida do objeto, os objetos virtuais carregam uma possibilidade de materialização, impressão e visualização (ainda que por meios digitais), que os objetos que estão apenas nos sonhos não possuem. Objetos digitais, ainda que existam em um lugar no mundo virtual, podem ser comprados, colecionados, armazenados na nuvem ou em um *device*, enquanto os sonhos existem apenas na mente. Os bens virtuais residem nesse limiar entre a imaginação (onde consumidores sonham sobre as possibilidades de consumo) e o consumo material (onde os sonhos são realizados), um lugar intangível, mas muito mais real do que um sonho na mente dos consumidores, um delírio, uma imaginação (LEHDONVIRTA, 2012).

A relação entre o consumo digital virtual e a materialidade é um tema relevante e nada simples. Denegri-knott e Molesworth (2010) e Magaudda (2012) complementam que os objetos digitais virtuais podem ser compreendidos também como a hibridização da materialidade (transformação do material em algo híbrido) ou, de outro ponto de vista, do ambiente virtual extrapolando a imaginação. Nesse sentido, o mundo digital se transforma no potencial do material com a idealização do virtual – a necessidade do material para moldar e possibilitar que a nova cultura de consumo digital faça sentido, e que propicia experiências não necessariamente possíveis por meio do consumo material. Shields (2003) propõe que vejamos o mundo material e virtual como reais, em oposição ao mundo abstrato das possibilidades e probabilidades. Espaços em que os objetos digitais virtuais são comercializados poderiam ser descritos como em constante mudança, alusivos à materialidade (e uma cópia dos ambientes materiais) e saturados de informação, imagens e dados.

No entanto, os bens digitais virtuais possuem limitações: por um lado, negam aos donos a marcação e categorização que demarcam a transformação de um bem simples, comum em singular. Bens virtuais não podem proporcionar a contaminação ou a mágica que acontece com o objeto físico ao ser abraçado ou associado a lugares sagrados onde foram adquiridos. Denegri-knott e Molerworth (2010) enfatizam que a falta de materialidade, textura e *material-appeal* fazem com que os bens digitais não possam preencher as necessidades físicas, nem serem usados.

Os bens virtuais são vistos como objetos bastante ambíguos devido a sua falta de corporalidade e visibilidade. Podem ser percebidos como efêmeros, e seu significado é melhor percebido nos momentos em que são adaptados, mudados, copiados, digitalizados ou rematerializados, impressos ou salvos em um CD – o que traz de volta a materialidade para o processo de transferência de significado (MAGAUDDA, 2012). Os avanços nos estudos de tecnologia demonstram que os artefatos tecnológicos digitais usados diariamente são resultado da sociedade que os criou e são agentes ativos e influenciadores nos hábitos dessa própria sociedade. A mudança do papel da materialidade no contexto do mundo virtual, os significados culturais e o mundo social onde a interação com o materialismo e a materialidade acontece se tornam um promissor campo de estudo para expandir o entendimento dos significados atrelados a posses especiais. Observando mais profundamente as transformações contemporâneas nas formas de consumo, podemos perceber que a digitalização do consumo e a mudança do papel da materialidade são intrigantes do ponto de vista conceitual, teórico e empírico (MAGAUDDA, 2012).

Os impactos do processo de desmaterialização dos bens rumo à imaterialidade são sensíveis e complexos e fazem parte de um movimento de mudança mais amplo no mercado de bens culturais e produtos de entretenimento e lazer como livros, filmes, música, games, fotografias, jornais, entre outros (MAGAUDDA, 2011). Fotos, músicas, mensagens e livros podem existir digitalmente e constituir uma coleção virtual, invisível e imaterial que, embora real e presente na vida dos consumidores, são invisíveis e imateriais. Podem estar armazenadas em uma nuvem, servidores ou em um disco rígido e só se tornarão físicos se houver necessidade de impressão ou materialização (BELK, 2013). Pesquisas recentes mostram também como bens virtuais podem atingir níveis de apego emocional com espaços *on-line*, independente da materialização. Músicas digitais, fotos, coleções e outros bens digitais virtuais também nos conectam ao nosso passado, preenchem nosso senso de dever, nossa identidade e *extended self* (DENEGRÍ-KNOTT et al., 2012).

2.2.2 Outras formas de desmaterialização

A tecnologia abre inúmeras alternativas ao objeto materializado. A desmaterialização é inerente ao mundo digital, mas a digitalização não é a única forma de desmaterialização e nem toda desmaterialização envolve o ambiente virtual. O termo desmaterialização tem sido amplamente utilizado já há alguns anos pelos pesquisadores de tecnologia e engenharia para caracterizar a queda ou a diminuição do peso dos materiais usados na fabricação de produtos

finais (HERMAN et al., 1990). E também pode descrever a redução de energia intrínseca nos produtos industriais, como um avanço tecnológico na produção, que precisa de menos massa para entregar o mesmo produto ou resultado. Inquestionavelmente, muitos produtos têm ficado mais leves e menores com o avanço tecnológico: computadores, TVs, máquinas de lavar, carros. O processo de desmaterialização da sociedade tem sido percebido. Alguns autores têm usado o termo desmaterialização para descrever o estágio evolutivo lógico em que se encontram as economias avançadas, nas quais a necessidade por materiais foi substancialmente saciada e diminuída. Desmaterialização pode ser definida como a mudança no montante de desperdício de bens industriais, tanto sob a perspectiva da produção quanto do consumo.

Por outro lado, de acordo com Thomas (2003), desde os anos 70, cientistas ambientais vêm sugerindo, com suas pesquisas, que a eficiência do uso de materiais, o melhor aproveitando, reuso e reciclagem estão contribuindo para a desmaterialização da economia e reduzindo drasticamente o desperdício. O potencial de crescimento dos mercados de segunda mão e produtos usados também mostra uma oportunidade para reduzir a demanda por itens novos (THOMAS, 2003). Reuso, redução e reciclagem são ações que melhoram o impacto ambiental e contribuem para a desmaterialização, e, cada vez, existem mais consumidores engajados e mobilizados por esses discursos.

O conceito de *Sharing economy* parte do mesmo princípio, pois ao permitir compartilhamento, otimiza o uso, possibilita o reuso, diminui o apego e transcende a noção de propriedade privada na sociedade – e, conseqüentemente, a materialização. Belk (2010) define *sharing* como um ato que aproxima as outras pessoas, cria laços e tem o poder de criar sentimentos positivos de solidariedade e gerar uma conexão profunda, pelo alinhamento do *self* de ambos. *Sharing* se diferencia de *gift-giving* e da venda por não estabelecer uma dívida entre as partes que negociam. O sentimento de reciprocidade é intrínseco à relação, que termina com a troca, e não pressupõe nenhum tipo de necessidade de continuidade em um ato futuro. Nesse caso, o bem é compartilhado, mas não existe perda nem afastamento.

Contextos híbridos que conjugam iniciativas baseadas em regras de mercado, como *sharing*, e outras formas de troca são cada vez mais comuns. As iniciativas *peer-to-peer* como *Uber* e *Airbnb* utilizam estruturas pré-existentes (carros próprios, casas próprias) para hospedagem e serviços de táxi, diminuindo a necessidade por novos hotéis e novos carros. A internet, os *apps* e estruturas virtuais permitem a conexão entre os interessados e a inclusão de novos benefícios nas relações produtor-consumidor, reduzindo a necessidade de investimento

em novas estruturas hoteleiras e novos taxis, otimizando a ocupação e contribuindo para desmaterialização da economia. As diversas formas de troca são combinadas, e não substituídas entre uma ou outra. Assim, abrem um promissor campo de estudo para entender a biografia dos objetos em condições híbridas. Seguindo a trajetória do objeto e sua circulação, observando as características e mudanças de status, colaboração nas redes de criação de valor e venda em condições de economia de mercado, podemos entender do significado dos produtos e serviços e das relações humanas na nova economia (SCARABOTO, 2015).

Outro contexto híbrido que permite a reinvenção da lógica de mercado são os *sites* de compra e venda de produtos e leilões *on line*. Um exemplo é o site *e-bay*, que possibilita o consumo de bens materializados no ambiente virtual e modifica as regras do jogo da demanda e oferta, do descarte e da commoditização dos bens. Ao conectar potenciais compradores e vendedores em um ambiente onde acontece o descarte de objetos e realização de desejos, o site ativa o status de *commodity* dos bens: eles estão ali para serem comercializados potencialmente por seu maior valor. Não basta apenas subir uma foto, definir um preço e pronto. O processo de *disposition* pelo *e-bay* transforma as posses em estoque. Um estoque que necessita de investimento e atenção dos vendedores para ter seu valor maximizado. O grande objetivo não é promover o desapego do objeto, mas maximizar seu valor no processo de venda e transferência de dono. A energia colocada no processo de apego ao objeto físico é transferida para a transformação dele em um objeto de desejo para potenciais compradores. Transformar o *status* do objeto em uma *commodity* com o maior valor possível. Para os compradores, possibilita o encontro com objetos de desejo que não seriam encontrados facilmente em outros lugares, como raridades e itens de colecionismo, pelos quais estão dispostos a pagar (MOLESWORTH; DENEGRIT-KNOTT, 2009). Os objetos usados adquirem novo *status*. Para Molesworth e Denegrit-knott (2009), esse processo profissionaliza os rituais de *disposal* e acrescenta uma nova fase na biografia do objeto de Kopytoff (1986).

... quando bens são considerados commodity em potencial mesmo depois de serem singularizados, como no caso da transformação de posses em estoque, é preciso ativar seu valor de de troca latente. Explicando melhor, o estoque é o resultado da transformação da posse quando seu valor de troca é reconhecido e reativado quando for colocado à venda no e-bay. Essa classificação inclui uma fase na biografia dos objetos... (MOLESWORTH; DENEGRIT-KNOTT, 2009 p. 308).

O site, por um lado, possibilita o reuso de objetos que poderiam ser descartados e transformados em lixo. Por outro, estimula o consumo por possibilitar a ampliação do universo de realização de desejos. Essa dinâmica provoca, inclusive, uma aceleração na biografia do objeto e em relações pessoa-objeto promíscuas. Essas relações são caracterizadas por vários donos, por um curto espaço de tempo que empregam menos energia e atribuem

menos significados aos objetos (MOLESWORTH; DENEGRY-KNOTT, 2009). Os modelos híbridos e novas formas de consumo ajudam a demonstrar como a teoria pode ser ajustada para contemplar os modelos e aplicá-los às novas dinâmicas de mercado. Reforçam o conceito da transitoriedade das relações pessoa-objeto na atualidade e de como a lógica de singularização e commoditização vem sendo revista nos últimos tempos.

Os desejos que motivam consumidores a estabelecer relações temporárias com os objetos, ao invés de relações de longo prazo como no caso de colecionadores, são diferentes. Chen (2009) observa que colecionadores de arte desejam relações íntimas, de posse e controle com objetos que têm grande identificação, uma relação contínua e permeada por sentimentos, completude e entendimento. O grande valor, para esses consumidores, é a preservação das obras de arte e manutenção da relação pessoa-objeto. Já o desejo que motiva os visitantes de museus, que se contentam e se satisfazem com o acesso às obras, é outro: eles querem relações de curto prazo, circunstanciais e cheias de novidades. Querem ser surpreendidos a cada visita e compartilhar as experiências com outros visitantes. Curtir e aproveitar o momento. Não necessitam da mesma proximidade e intimidade que os colecionadores ambicionam. O grande valor é a simplicidade de apenas observar, a calma e a memória que fica das emoções vivenciadas na visita. Uma relação que permite imaginação e sensações.

O que a internet e os objetos digitais, as economias híbridas, o acesso e os rituais de descarte e *dispossession* têm em comum é a experiência de libertação das limitações de tempo, lugar e espaço e a criação de uma nova realidade: o *re-worlding* (BELK, 2013), um novo significado ampliado de mundo, que transcende o mundo físico. Ao proporcionar essa expansão, cria novas possibilidades: a habilidade de remodelar o ambiente virtual e estender o projeto identitário para muito além do corpo físico e da posse material. Dessa forma, lugares no mundo virtual podem ser considerados espaços vivos da identidade virtual, assim como o acesso provê valor ao *extended self* sem a necessidade de posse. Todas essas transformações causam também uma mudança radical no comportamento, e o que antes era um ato privado pode alcançar domínio público (BELK, 2013). O que, no mundo materializado, seria um ato individual de escutar música em casa, abrir um CD ou LP, agora pode ser compartilhado nas redes sociais. Como, por exemplo, a aquisição e apreciação de música transformou-se em uma prática de grupo: publicar uma *playlist* pode fazer um estardalhaço muito maior do que ouvir música em casa no último volume.

Todos esses fenômenos resumidos sobre o guarda-chuva da desmaterialização são bastante recentes e contemporâneos. Eles demonstram uma mudança no paradigma

ontológico e epistemológico modernista sobre o conceito do *extended-self*, e das posses em condições não estáticas e sólidas. O desenvolvimento tecnológico na comunicação e nas transações das últimas décadas causou imensas transformações culturais na sociedade, trazendo novas perspectivas para o debate das ciências humanas. O pós-modernismo, segundo os autores Firat e Dholakia (2006), seria um fenômeno cultural que traz um novo olhar e uma nova perspectiva a partir da revisão de alguns conceitos básicos que são os pilares da sociedade moderna.

2.3 Rituais em comportamento de consumo

Nos últimos anos, o estudo de rituais tem sido usado para entender diversos fenômenos, e não apenas aqueles ligados ao aspecto religioso. Essas pesquisas tratam o ritual como objeto de estudo, método e categoria de experiência e análise (BELL, 1992). Pesquisadores sociais passaram a explorar os rituais para analisar a sociedade e a natureza dos fenômenos sociais e para compreender as dinâmicas culturais e os significados por trás da experiência do ritual (ROOK, 1985; DRIVER, 1991; TURNER, 1987; McCRAKEN, 1986; BELL, 1992). As teorias sobre rituais estão imersas em grandes discursos, análises de informação sobre os fenômenos observados e na construção da teoria, do constructo teórico aplicado (BELL, 1992). A noção de ritual, como um termo formal de análise, emergiu no século XIX para identificar o que era percebido como uma categoria universal da experiência humana. Segundo Bell (1992), o termo expressava o começo de uma nova perspectiva de como a cultura europeia se comparava a outras culturas e religiões. Muitos dos teóricos de mitos olhavam para os rituais como forma de descrever e entender a religião observada.

Um dos primeiros pesquisadores de consumo a conceituar ritual foi Rook (1985). Na sua concepção, o termo ritual se refere a um tipo de atividade expressiva e simbólica, construída a partir de vários comportamentos que ocorrem em uma sequência fixa, episódica, e que tende a ser repetida. O comportamento ritualístico corresponde a um roteiro e uma ação, e deve ser realizado com formalismo, seriedade e intensidade interna. Os rituais são diferentes dos hábitos corriqueiros por possuírem começo, meio e fim, e são executados por participantes que assumem papéis e identidades dramáticas (ROOK, 1985). Ritual é ação, é real e observável e se distingue de outros aspectos da religião, como crenças, princípios, símbolos e mitos, que estão no campo do pensamento (BELL, 1992). O ritual é um hábito, uma rotina, uma expressão física, que pode ser copiada, mimetizada, e se tornar obsessiva ou

puramente formal (BELL, 1992). Crenças podem existir sem uma ritualização, mas o ritual não pode existir sem crenças ou princípios, caso contrário não se caracteriza como ritual. Por estar tão impregnado pelas verdades internas de seus participantes, e fazer parte do dia a dia e da rotina, o ritual é tão precioso como instrumento revelador da identidade. Por se manifestar nos comportamentos, abre perspectivas de materialização, experiência e observação dos fenômenos. Os rituais podem ser utilizados como uma janela para compreensão das dimensões culturais com que as pessoas constroem, reconstróem e alimentam sua percepção de mundo (BELL, 1992). Por meio do ritual, o mundo vivido e o mundo imaginado acabam por se tornar o mesmo (GEERTZ, 2013). A descrição e análise dos rituais se transformaram em uma ferramenta para organizar textos etnográficos e interpretativos, e trouxe grandes avanços para entendimento dos fenômenos sociais (BELL, 1992).

No campo de pesquisa com consumidores, o comportamento ritualístico tem sido um terreno fértil. O entendimento dos rituais de consumo tem possibilitado o avanço do conhecimento do comportamento do consumidor e da relação com os bens consumidos. Quando consumidores adquirem e interagem com os objetos, eles criam valor e perpetuam significados, conectando os sistemas de valores e as práticas observadas. Os regimes estabelecidos nas práticas ritualísticas sedimentam hábitos e provêm roteiros que nos mostram como as pessoas consomem, usam e estabelecem relações com os objetos materiais (ROOK, 1985; ARSEL; BEAN, 2013; WALLENDORF; ARNOULD, 1991).

Os rituais em consumo são realizados para construir a relação com os objetos, comunicar as distinções sociais e reforçar o projeto identitário (ARSEL; BEAN, 2013). McCracken (1986) analisou a transferência do significado cultural do mundo constituído para os bens de consumo. Para ele, os bens são uma instância da cultura material que absorve significados que depois são passados para os consumidores. Sugere que os consumidores estão sujeitos a três processos que evidenciam e provocam essa transferência: a propaganda, a moda e os rituais (de posse, troca, cuidado e *desinvestment*). Para McCracken (1986), o ritual é essa ação social destinada à manipulação cultural com objetivo coletivo ou individual de comunicação ou categorização. Uma oportunidade de afirmar, evocar ou revisar símbolos convencionais e significados da ordem cultural.

Para Turner (1987), rituais são a performance de uma complexa sequência de atos simbólicos. Uma performance transformadora, que revela significados profundos, sistemas classificatórios, categorias e contradições do processo cultural. Sua teoria é baseada nos *social dramas*, que ele define como a união de processos sociais harmônicos e desarmônicos, que

culminam em situações de crise e conflito. Quando algum indivíduo se move para um lugar diferente na ordem social, ele o faz por atividades ritualísticas. E uma crise emerge da situação, porque a mudança de status envolve um reajuste de todo o esquema social. Esse reajuste é um teatro, uma interpretação e é permeado por várias cerimônias e rituais. Turner (1987) analisa os dramas sociais usando a terminologia do teatro para descrever as crises, mudanças e situações de movimento e desarmonia na sociedade. Essas situações, como combates, ritos de passagem e rituais, refletem o fato de que os atos, na verdade, são a performance para uma audiência, e não simplesmente uma ação isolada. Existe um desejo de mostrar para os outros o que foi feito ou está sendo feito no momento. O mundo é um palco onde os rituais acontecem, são dramatizados.

Olhando para os rituais como um tipo de performance, Driver (1991) reforça a ideia de que a vida humana é modelada não apenas pelas ideias que temos em nossa mente, mas principalmente pelas nossas ações. Ações falam mais alto que palavras. No caso dos seres humanos, a melhor palavra a ser usada seria performance, que, para ele, não é um sinônimo de ação. A performance se diferencia da ação dos animais pela intenção de agir. Seres humanos não apenas agem, mas sabem que estão agindo. Além disso, a performance é uma ação feita para ser observada, seja o observador o próprio ator, um Deus ou a sociedade. E o ritual é a demonstração física, real (que precisa da corporalidade) da performance. Não pode acontecer apenas no plano das ideias, assim como também não pode ser uma ação mecânica no plano físico: a mente precisa estar presente e inteira para que a performance possa acontecer. A performance, então, é um tipo de ação intencional.

Para Driver (1991), o momento em que os rituais e as ações se encontram é quando construímos um novo mundo, alternativo, que nutre e proporciona vida, e une a realidade a uma a visão do ideal e imaginário. Assim, o consumo pode ser visto como um veículo para concretizar delírios e sonhos cotidianos. A rotina de vida urbana é envolvida por uma aura estética repleta de imagens que evocam e clamam pelo prazer e pelas sensações (FEATHERSTONE, 1991). Como o conceito de *flâneur* de Baudelaire, um homem caminhando pela cidade, apreciando e contemplando, experienciando tudo o que pode ser sentido, vivenciando, consumido. O mundo globalizado digital leva a *flânerie* às últimas consequências: não é necessário seguir até a próxima esquina para ter uma visão diferente ou acesso à vista, basta abrir uma nova janela do computador e ser transportado para outro lugar, outra realidade ou oportunidade de consumo, em qualquer lugar e a qualquer momento (LEHDONVIRTA, 2012). A narrativa estruturada não tem mais lugar nesse novo cenário e

social drama, a imaginação e os desejos têm cada vez mais espaço, e os rituais são revistos e redimensionados para permitir a concretização desse novo mundo e proporcionar mudanças.

Turner (1987) observou como os rituais são poderosos para transformar comportamentos. Em momentos de mudança de vida, quando as pessoas se casam, divorciam, têm filhos, mudam de casa ou país, elas passam por diversos tipos de rituais que simbolizam essas transformações. Esse processo, que envolve uma revisão identitária, provoca a transformação da relação com os objetos. No momento de nascimento de um filho, divórcio ou casamento, uma negociação em relação aos objetos que são “meus”, “seus”, importantes e descartáveis, é necessária para concretizar e demarcar a mudança de comportamento e *status*. A mesma coisa acontece com os avanços tecnológicos e as possibilidades digitais e virtuais: novos comportamentos implicam em estabelecer novos rituais a cada dia, com objetivo de construir pontes para o mundo virtual e buscar a realização de fantasias e sonhos de consumo. As repetições ritualísticas aumentam a consciência, estimulam o senso de controle e podem ser terapêuticas. Arsel e Bean (2013) analisam o ritual de redecoração da casa com usuários do site *Apartment Therapy* e concluem que ele proporciona cura. A cura vem dos rituais para cuidar da casa, e se reflete na melhoria do ambiente, da saúde do corpo e da mente. Ao combinar os objetivos de transformação no ambiente externo, com uma mudança de hábitos e a compra de novos produtos (ou descarte de outros), o ritual de transformação da casa culmina com uma transformação interna (ARSEL; BEAN, 2013).

O consumo, para Featherstone (1991), é visto como um projeto hedonístico, que vai muito além do significado social. Como Campbell (1987) afirma, o consumo não apenas constrói identidade, mas ele explora os limites e as fronteiras da identidade. A forma como buscamos concretizar nossos desejos de consumo, como lidamos com os objetos consumidos ou decidimos nos afastar deles seria a forma de explorar os limites da identidade. Ao aproximar ou se distanciar de produtos, possuir ou doar, organizar ou vender, a identidade é transformada e moldada pelas ações e rituais praticados e pelas respostas às diferentes escolhas que se apresentam.

2.3.1 Colecionismo como ritual de singularização de objetos

Colecionar é uma forma de consumo hedônico e simbólico, e uma atividade permeada por rituais para singularização dos objetos. O ato de colecionar é caracterizado pela ativa busca e relação com o tema escolhido para a coleção. O colecionador é um aficionado pelo

assunto. Lê, pesquisa e acaba por se tornar uma referência para outros em relação ao objeto colecionado, além de conquistar o reconhecimento pela própria coleção (SILVA, 2010). Possuir é um desejo do colecionador, que tem um grande senso de identificação com os itens colecionáveis, ou aspira por uma relação íntima e de longo prazo com esses objetos (CHEN, 2009). O colecionismo, pela sua própria natureza, está envolvido em várias atividades ritualísticas.

McCracken (1986) definiu 5 tipos de rituais que fazem a transferência de significado dos bens: busca, troca, posse, organização e *desinvestment*. Ao fazer essa divisão, ele definiu a existência de estágios para a transferência de significados para os consumidores. Para o colecionador, esses rituais garantem a singularização dos objetos e da coleção. A busca pela próxima aquisição é o primeiro ritual em que ele se envolve. Curiosidade é uma habilidade chave que o colecionador possui, além do gosto pela caça, pela procura. O pioneirismo e a busca pelo singular, pelo único e pelo exclusivo são grandes mobilizadores desse primeiro ritual (KOPYTOFF, 1986). O colecionador que se envolve em rituais para garimpar relíquias e exclusividades tem como objeto singularizar sua coleção. O ritual de troca acontece quando valores são transferidos de um dono para outro, por *gift-giving*, venda ou doação. A posse, por sua vez, é o processo de ritualização que permite o controle dos objetos. Essa fase pode acontecer com a restauração do objeto adquirido, a definição de um lugar para exibição do bem ou a catalogação (SHERRY, 1983). A posse também confere pertencimento ao grupo, seja esse grupo formal ou informal (BELK, 1988). Em relação à organização, tem-se que arranjar, classificar e manipular bens são meios de tentar controlar o mundo externo (BELK, 1988). Arrumar as coisas no lugar correto tem um significado maior do que colocá-las em um lugar específico. No lugar ‘correto’, significa organizar o mundo visível. Uma das características que definem a relação do colecionador com sua coleção é a organização, sua classificação e definição da lógica usada para isso (DION et al., 2014). A catalogação possibilita que o colecionador tenha controle não somente sobre cada objeto, mas sobre a coleção como um todo, sobre o que já possui e o que ainda falta ser adquirido. Arranjar, classificar e manipular são formas de controlar e cuidar da coleção e, consequentemente, de si mesmo e do mundo a sua volta (BELK et al., 1989). “Considerando em sua dimensão ordenadora, o colecionismo desponta como um dos fundamentos culturais de mais profundo enraizamento e de mais amplas consequências em toda a trajetória humana” (MARSHALL, 2005 p. 14). Os rituais de *desinvestment* ou desinvestimento ocorrem quando consumidores querem retirar as propriedades significativas antes da troca, da mudança de dono. Esvaziar o

significado dos bens antes de passá-los adiante, a fim de evitar a perda de significado ou a contaminação ou contágio para o próximo dono. Pode acontecer quando consumidores lavam uma roupa com objetivo de remover o cheiro, limpam um apartamento, removem marcas pessoais antes de vender ou doar um bem, ou passar adiante uma coleção.

O colecionismo, então, é essa forma de criar valor a partir da experiência de consumo, e, portanto, singularizar objetos. O hábito de colecionar e suas motivações são um campo de pesquisa que tem mobilizado pesquisadores por várias décadas (RIGBY; RIGBY, 1944; BELK, 1995; BELK et al., 1991; MARSHALL, 2005; CHEN, 2009, GAO et al., 2014; SILVA, 2010; O'BRIAN, 1981, McINTOSH; SCHMEICHEL, 2004). Coleções de arte, antiguidades, livros e outros colecionáveis estão presentes nas casas ao redor do mundo. Estima-se que 70% dos americanos colecionem algum tipo de produto, item, marca ou objeto (GAO et al., 2014; O'BRIEN, 1981). No Brasil, grandes acervos dos museus começaram a partir de coleções. A consolidação de um público apreciador e consumidor de arte no Brasil teve reflexo na constituição de importantes coleções. O colecionismo é um comportamento complexo que pode fornecer inúmeros *insights* para entendimento dos comportamentos humanos (McINTOSH; SCHMEICHEL, 2004).

Algumas manifestações de colecionismo são retratadas por historiadores nas civilizações logo que o homem deixou de ser nômade, começou a demarcar território e acumular posses. O hábito de colecionar, entretanto, se intensificou na Grécia Antiga, unificada, a partir da chegada de objetos exóticos conquistados de várias partes do mundo como pinturas e esculturas, ainda no século IV antes de Cristo. O período foi de grande prosperidade, advinda das guerras e conquistas, e os colecionadores eram comerciantes ricos e apreciadores de arte, com grande senso estético, seduzidos pela beleza dos itens trazidos de longe e que representavam a vitória (BELK, 1995). O colecionismo, entretanto, era restrito e estava limitado a uma pequena parcela da população. Na Idade Média, colecionar era privilégio dos reis, do clero, e de uma pequena aristocracia. Os servos e a maioria da população, não possuíam nada além de ferramentas para o trabalho, poucos utensílios domésticos e um abrigo rústico. A popularização e o crescimento do hábito de colecionar aconteceu após a Revolução Industrial, com o crescimento da oferta e do acesso ao consumo (BELK, 1995). Segundo Belk (1995), a alienação provocada pela divisão do trabalho, o aumento do salário e do tempo disponível permitiram que o ato de colecionar estivesse disponível para todos como uma forma de lazer e de busca de identidade. Nesse contexto, colecionar é uma forma especial de consumo, dentro do estudo de comportamento do

consumidor, uma forma de resgatar ou fortalecer a identidade fundamentada na aquisição de bens que têm um propósito, um significado.

Não é qualquer acumulação de bens que pode ser chamada de coleção, ainda que sejam itens raros e valiosos. Adotando a definição de Belk (1995, p. 67), “coleccionar é um processo seletivo, ativo e apaixonado de adquirir e possuir coisas tiradas de seu uso comum e transformadas em um grupo de objetos e experiências diferentes (não iguais)”. Devido ao propósito, ao comprometimento e à quantidade de tempo e energia investidos no seu desenvolvimento, é natural que a coleção seja vista como uma extensão do *self* mais explícita do que um item consumido isoladamente (BELK, 1995). O ato de coleccionar extrapola a necessidade de possuir para o uso utilitário, corriqueiro, diário e automático.

Uma das grandes questões para entendimento das coleções e dos rituais dos colecionadores é que a aquisição é apenas o primeiro passo no processo de coleccionar. A partir da posse, da incorporação do objeto à coleção, inicia-se o processo de alinhamento do conceito de *self* com o objeto adquirido, e a linha que separa o “eu” do “meu” já praticamente não existe (McINTOSH; SCHMEICHEL, 2004). A coleção é, então, uma forma de expressão simbólica do *self*, como um reconhecimento de si mesmo pela aquisição e cuidado com a coleção, de entrar em contato consigo mesmo, um processo contínuo de auto-conhecimento. Uma coleção, inclusive, pode começar como maneira de justificar a posse de mais itens do que seria explicável e aceitável como razoável pela sociedade. O cuidado e a devoção à coleção dão também senso de propósito aos itens colecionados. Coleccionar legitima a aquisição, o consumo e o investimento de tempo e dinheiro na formação da coleção, contrapondo-se ao consumo corriqueiro, utilitário e sem significado (GAO et al., 2014). Por outro lado, desafia o conceito de homem econômico e racional que maximiza suas escolhas, seus investimentos e seus recursos – dinheiro, energia, espaço e tempo – para investir em um *hobbie*, um lazer, um desejo.

Muitas coleções começaram, despretensiosamente, a partir de objetos recebidos como presentes. Coleções podem começar conectadas a mistérios, porque a natureza do presente pode ser desconhecida, despertar o desejo e estimular a compra de outros similares (BELK et al., 1989). Necessidade de completude pode também levar a compras mais intensas para ampliar ou completar a coleção, após a aquisição de um ou mais itens colecionáveis, ou a existência de similares ainda não possuídos ou itens diferentes e desejáveis para a coleção (GAO et al., 2014). A tese de autocompletude de Wiklund e Gollwitzer (1986) sugere que, quando existe baixa autoestima, a busca e a introdução de novos itens à coleção pode ser vista

como uma forma compensatória de completude do *self*. De toda forma, independente da razão, o colecionismo é uma das formas mais poderosas de transferir valor para os objetos e, depois, incorporá-lo ao *extend-self*. Esses significados podem depois também ser transferidos para outras pessoas, quando coleções são passadas adiante, vendidas ou doadas.

Quando os significados atrelados a posses singularizadas estão ancorados na materialidade, o que as deixa inalienáveis, a transferência de significado pode se dar apenas a partir de comportamentos ritualísticos. Douglas e Isherwood (1979) ilustram as razões de transferência do significado dos bens pela doação de coleções completas. E do reconhecimento que pode gerar aos colecionadores que desmaterializam suas coleções.

Talvez por isso, grandes colecionadores tenham ficado reconhecidos internacionalmente pela sua generosidade e cultura em função de suas coleções de arte e livros. Muitos se desfizeram de suas coleções inteiras doando-as para museus, deixando um legado para a sociedade. Talvez eles tenham gasto fortunas como *connoisseur collectors* de manuscritos e artes ou outro tipo de consumo que confere prestígio e um robusto retorno ao investimento (DOUGLAS; ISHERWOOD, 1979, p. 7).

A doação aqui é um ritual de transferência de dono de toda a coleção armazenada durante uma vida. E da transferência do valor gerado em todos os rituais de materialização dos itens colecionados. Um exemplo é José Mindlin, um dos maiores colecionadores de livros do Brasil, que doou sua biblioteca, a maior coleção particular de livros do Brasil, para a Universidade de São Paulo (USP), transformando-a na biblioteca ‘Brasiliiana Guita e José Mindlin’.

Em relação aos bens digitais, o significado pode ser transferido rapidamente de um *device* para outro, sem a necessidade de rituais (MOLESTWORTH; DENEGRİ-KNOTT, 2012). Por essa efemeridade, Lehdonvirta (2012) considera os objetos virtuais como pobres para instigar o colecionismo, se comparados aos seus similares físicos. Não existe o original, o exclusivo e diferente a ser buscado. Assim como não existe a escassez para ser administrada. Cópias podem ser feitas indiscriminadamente de artigos digitais, como fotos, artigos, livros, música, e todos podem ter tudo. A primeira edição do CD ou e-book não será esgotada, e não terá um valor diferenciado para um colecionador de raridades. Não é possível comprar um objeto digital de segunda mão, usado e que carrega o valor imaterial do seu ex-dono. Algumas empresas, entretanto, estão tentando fazer os itens virtuais ficarem mais próximos dos itens físicos. Uma nova tecnologia permite que os autores autografem *e-books* para deixá-los únicos e exclusivos. Ainda assim, os bens virtuais não são tão efetivos para estruturar relacionamentos, demarcar status e distinguir quem tem de quem não tem. Eles podem ser usados para transformar o gosto e acrescentar capital cultural para quem tem o

acesso, e construir distinção cultural. Ao mesmo tempo, a internet e o mundo virtual se estabelecem cada vez mais como veículos poderosos e cada vez mais usados por colecionadores para os rituais de busca, mesmo de produtos físicos. O que antes precisava ser garimpado em viagens e buscas intermináveis, agora pode facilmente ser encontrado com alguns *clicks*. As redes sociais também conectam colecionadores que podem trocar informações, comparar preços e encontrar raridades praticamente impossíveis de serem adquiridas de outra forma, ou por um custo infinitamente maior.

2.4 O livro

A transferência de conhecimento na história da humanidade evoluiu da forma imaterial, por meio da linguagem falada, para a transferência materializada na figura do livro, para retornar à transferência desmaterializada com os livros digitais. Essa transformação da relação com a informação, com o conhecimento e com a materialidade do livro físico, tem impacto na percepção identitária dos consumidores.

O livro foi o primeiro objeto industrial produzido em série na história da humanidade. Embora seja um objeto sacralizado por muitos, o livro é o protótipo do desenvolvimento tecnológico e do consumo de massa. Quando Guttenberg inventa a prensa e possibilita a reprodução em massa dos manuscritos antes produzidos à mão por monges copistas, não existiam ainda leitores suficientes para que a massificação se constituísse. O projeto burguês de educação universal permitiu a formação de leitores para que se concretizasse o consumo deste objeto passível de ser produzido *ad infinitum*. O mesmo objeto absolutamente reproduzível, em cópias idênticas. Nesse sentido, a literatura e o livro aparecem no cerne e no modo de configuração do que foi o projeto iluminista. Esse projeto previa acumulação, e não apenas a acumulação de dinheiro. A própria escrita e o livro podem ser considerados uma coleção e acumulação de palavras (PINO; ZULAR, 2007).

Se formos ainda mais longe, a etimologia profunda da palavra “coleccionar” (*collectio*) encontra-se na base da formação linguística europeia, no universo semântico em que se formou a raiz *leg*. Nessa formação, assinala-se o vínculo originário entre coletar e falar, assim como os traços genéticos e efeitos civilizatórios do colecionar. Coletando e, logo, colecionando, nossos ancestrais aprenderam a discernir recursos naturais e a selecionar possibilidades vitais no mundo; desde a pré-história e a cada nova geração, conseguimos organizar sons e sinais sob a forma de discurso. Com esses dois dons, coletar e falar, abrem-se

diante de nós as condições essenciais da vida comunitária: sobrevivência, continuidade da espécie e comunicação (MARSHALL, 2005).

Guiados por essa sede de comunicação e necessidade de sobrevivência, evoluímos como espécie com a utilização da linguagem oral para fazer a transferência de conhecimento, depois com a utilização da escrita e, finalmente, do livro físico e a constituição de coleções que simbolizavam o conhecimento adquirido. A acumulação do conhecimento poderia ocorrer materialmente por meio de bibliotecas e coleções como pela sabedoria *per se*. A sabedoria poderia ser adquirida no decorrer da montagem de uma biblioteca, garimpagem e aquisição dos títulos. Nesse processo, a biblioteca pode se transformar na tradução material do capital cultural (HOLT, 1998) que possibilita a sua desmaterialização sem a perda do conteúdo adquirido.

O livro material, entretanto, continua a despertar fascínio em muitos indivíduos. Colecionadores armazenam livros em cômodos inteiros, passam a vida buscando raridades e continuam comprando para aumentar a coleção. Peregrinar por livrarias em busca de novos lançamentos e pesquisar, na internet e sebos, antigas edições são resultado do desejo do colecionador de garimpar exclusividades e relíquias (McINTOSH; SCHMEICHEL, 2004). O prazer da posse de uma coleção de livros físicos, suas diferentes capas, edições, brochuras, traduções, manuscritos e encadernações tem enfeitado colecionadores do mundo todo há pelo menos dois séculos. O termo ‘bibliomania’ traduz a fixação por livros, a mania por colecioná-los, e foi usado pela primeira vez em 1734 (RAVEN, 2013). Nesse período e nas primeiras décadas do século XIX, houve um *boom* de crescimento de bibliotecas pessoais, revelando a mania por comprar livros e colecioná-los. De acordo com Thompson et al. (1994), as pesquisas com consumidores têm investigado as formas como as experiências são moldadas por redes multifacetadas de influências culturais. Nessa perspectiva, a linguagem é muito mais que uma grande coleção de palavras e regras gramaticais. É um sistema de significados inter-relacionados (narrativas) que proporciona ao emissor da mensagem uma moldura compartilhada de referência. A língua é uma herança cultural. O livro é a memória impressa da herança cultural. A coleção é o acúmulo da herança cultural. O apelo e simbologia das escrituras reflete a história da humanidade na busca pelo conhecimento e por acumulá-lo: tanto fisicamente, por meio de bibliotecas e coleções quanto pela aquisição de sabedoria.

Atualmente, todo o conhecimento existente está ao alcance da ponta dos dedos em uma tela *touch-screen*. É possível baixar e ler livremente na internet. Os *e-readers*, como

Kindle da Amazon, Kobo da Livraria Cultura ou Lev da Saraiva, possibilitaram o armazenamento de grande volume de literatura em um pequeno dispositivo. É possível ler no computador, no *tablet* ou no celular, sem possuir um único livro físico. A relação com a posse da informação está em transformação. Os consumidores podem escolher entre diversas possibilidades de canais para sua leitura, como computadores, celulares, *tablets*, *e-readers* ou *audiobooks* – todas manifestações da desmaterialização do livro impresso. A quantidade de informação e o acúmulo de coisas é um desafio que conflita com o desejo de posse e acumulação física.

O processo de desmaterialização inclui a revisão do papel do conteúdo e dos veículos materiais de acesso ao conteúdo digital. A mudança da dimensão cultural das práticas culturais é uma questão central na análise recente do desenvolvimento do comportamento de consumo, afetando as práticas de consumo e o mercado. Os setores de cultura e lazer estão passando por uma profunda rearticulação e revisão do papel do conteúdo e dos veículos materiais de acesso. A realidade digital da atualidade tem modificado enormemente a forma com que vivemos e convivemos, e isso claramente se expressa na forma com que lemos, produzimos textos e interagimos com ele e outros leitores. Conforme Pino e Zular (2007) sintetizam, a volatilidade e as inúmeras formas que o texto está exposto na atualidade representam a instabilidade da vida pós-moderna e as transformações que o consumidor vivencia diariamente.

... a revolução digital torna o texto volátil, imaterial... Além disso, surgem múltiplas formas de realização material, tornando os textos radicalmente instáveis e fazendo coexistir inúmeras versões. A intertextualidade é levada a tal ponto que se pode até falar em enunciação plural, seja pelos recursos reiterados de colagem, plágio, seja pela experiência de textos escritos em conjunto, *on-line*, com participação direta dos leitores (PINO; ZULAR, 2007, p. 57).

O texto, nesse cenário, é apenas uma metáfora da instabilidade relacionada às posses na atualidade. O texto volátil é apenas uma representação de diversas transformações que a tecnologia, a globalização e o ambiente virtual trouxeram para a realidade material. Nesse novo contexto, a digitalização, doação ou descarte se apresentam, então, como formas de se relacionar com os objetos na atualidade, pelas pressões de tempo, espaço e recursos, ou pela simples comodidade de ter o acesso sem a necessidade da manutenção do objeto físico.

3. Metodologia

3.1 Procedimentos Metodológicos

Este capítulo explica a metodologia utilizada no trabalho e descreve o processo de planejamento, coleta de dados, definição amostral e método de análise. O método selecionado foi a pesquisa qualitativa, assumindo que a subjetividade e a interpretação são necessárias para a compreensão dos fenômenos comportamentais, como a desmaterialização de objetos singularizados e a transformação da relação pessoa-objeto.

O interpretativismo traz uma crítica à posição clássica, positivista, de que a finalidade de qualquer ciência é oferecer explicações causais de fenômenos sociais, comportamentais, naturais e físicos. Partindo de um ponto de vista interpretativista, o que diferencia a ação social humana das ciências físicas e naturais é o fato de a primeira ser inerentemente significativa (SCHWANDT, 2003), isto é, seu significado precisa ser extraído pela interpretação dos dados, que pode variar de acordo com o contexto e o olhar do pesquisador. Nas ciências físicas e naturais, um fenômeno ocorrido em certas condições será reproduzido em condições idênticas, ainda que em outro lugar ou temporalidade. Já nas ciências humanas os significados não são absolutos. Um aceno ou aperto de mão podem ter significados distintos em culturas, circunstâncias e épocas diferentes. As ações são inerentemente significativas e sujeitas à interpretação. E, para que determinada ação seja entendida, o investigador deve compreender o significado da ação, seu conteúdo intencional, inserido dentro de um contexto, de um sistema de significados. O comportamento humano é visto como ação simbólica, uma ação com significado, e o papel do pesquisador, o de decodificador desse sistema entrelaçado de signos interpretáveis (GEERTZ, 2013).

Para extrair os significados implícitos nos processos de afastamento dos objetos singularizados, o método qualitativo de coleta de dados por entrevistas longas foi escolhido (McCRACKEN, 1988). A estratégia de entrevista existencial-fenomenológica foi selecionada para captar a experiência de consumo em um contexto onde a relação pessoa-objeto é permeada por emoções e apego (THOMPSON et al., 1989). A tradição de pesquisa existencial-fenomenológica vem ganhando atenção considerável dos pesquisadores de consumo. A premissa principal dessa tradição de pesquisa é a de que os significados das experiências dos indivíduos estão situados nos contextos de vida dos informantes e

relacionadas aos seus projetos de vida (THOMPSON et al., 1989). O objetivo não é encontrar padrões universais ou explicações gerais sobre um fenômeno, como por que consumidores comprem carros, livros ou bicicletas. Mas, ao invés disso, buscar uma compreensão mais profunda do significado dos objetos na vida das pessoas, ou o significado do carro, do livro ou da bicicleta, como representando “liberdade”, “independência” ou “poder” para aqueles indivíduos pesquisados. O foco dessa estratégia de entrevistas é o mundo vivido pelo indivíduo e narrado por ele, procurando entender suas experiências para encontrar padrões de comportamento e aprofundar no conhecimento do fenômeno, nesse caso sobre a desmaterialização dos objetos singularizados e as transformações causadas na vida dos indivíduos.

Depois de coletados os dados, o método de interpretação foi na dramatização das narrativas, envolvimento dos colecionadores com o tema, expressões-chave utilizadas, rituais e experiências vividas e contadas. A pesquisadora seguiu os ciclos hermenêuticos de interpretação, usando os dados das entrevistas e a teoria para construir os campos conceituais e as categorias de análise. Na perspectiva hermenêutica, a cultura media os significados expressos pelos informantes. O ciclo hermenêutico, na definição de Thompson, Locander e Pollio (1994), é um conceito multi-dimensional relacionado à natureza cultural do entendimento humano. Um processo metodológico de interpretação dos textos, iterativo, em que uma parte da informação qualitativa (o texto) é interpretada e reinterpretada em relação ao todo. O método usa o senso de processo circular em que a interpretação do texto completo leva à interpretação das partes e que, depois, leva ao entendimento do todo. Um movimento para frente e para trás, entre o intuitivo e o comparativo do texto. É também uma visão filosófica do processo de pesquisa, que encara o conhecimento científico como baseado em premissas e crenças advindas de uma perspectiva cultural. A visão do investigador neutro não tem espaço nesse processo de pesquisa, a interpretação e o ponto de vista do pesquisador fazem parte da pesquisa. O investigador participa, mas deve seguir alguns pressupostos para sua participação ativa, como considerar a ação humana significativa, evidenciar um compromisso ético na forma de respeito e fidelidade à experiência vivenciada, compartilhar do desejo de enfatizar a contribuição da subjetividade humana sem sacrificar a objetividade do conhecimento (SCHWANDT, 2003).

A combinação do método de coleta de dados existencial-fenomenológico com o método de ciclos hermenêuticos para analisar os dados foi fundamental para a interpretação do fenômeno. Ambos os métodos seguem a corrente epistemológica e ontológica

interpretativa, onde a realidade é construída, e não dada à priori. Tanto o olhar do pesquisador como do pesquisado influenciam os resultados. Nas próximas seções, vamos ver em detalhes os métodos de amostragem, seleção dos informantes, coleta dos dados e análise.

3.2 Amostra e seleção dos informantes

A seleção dos informantes foi feita com base em dois critérios. Primeiro, os informantes precisavam possuir ou ter possuído uma biblioteca física de livros e se encaixar no perfil de colecionador definido por Belk (1995 p. 67), ou seja, “o indivíduo envolvido no processo seletivo, ativo e apaixonado de adquirir e possuir coisas tiradas de seu uso comum e transformá-las em um grupo de objetos e experiências diferentes (não iguais)”. Segundo, os informantes deveriam estar em algum estágio de desmaterialização, vendendo, doando, digitalizando ou se desfazendo da coleção física.

A amostra foi construída progressivamente, trazendo um perfil diversificado de informantes. A técnica de amostragem utilizada foi bola de neve (MILES; HUBERMAN, 1994). Foram realizadas 11 entrevistas existencial-fenomenológicas com foco na história de vida dos indivíduos, somando 869 horas gravadas e transcritas. As transcrições ocorreram simultaneamente com as análises, utilizando-se o ciclo hermenêutico de abrir e fechar conceitos, ir e voltar nos agrupamentos das ideias e interpretação dos dados. A análise foi feita com base na teoria de rituais de materialização, desmaterialização, e do colecionismo como experiência identitária (*extended-self*). As entrevistas ocorreram entre Junho e Dezembro de 2015. Foram entrevistados nove homens e duas mulheres.

O Quadro 1 apresenta o perfil dos entrevistados, características de suas bibliotecas e os processos de desmaterialização utilizados.

Pseudônimo	Idade	Tempo Entrevista (minutos)	Cidade	Formação	Materialização	Desmaterialização
Cássio	45	68	São Paulo	Jornalismo	Biblioteca de livros de referência, literatura, romances, clássicos, coleção completa da revista Playboy, coleção de Revistas Piauí.	Sebo, doação
Felipe	44	110	São Paulo	Direito e Letras	Biblioteca de livros de poesia, literatura, religião, antropologia.	Doação
Augusto	44	78	São Paulo	Publicidade	Biblioteca de livros de arte, romances, fotografia, cinema, gastronomia, acumula também receitas, músicas e partituras.	Doação, armazenamento e leitura no <i>tablet (i-pad)</i> , armazenamento e leitura no <i>e-reader (Kobo)</i>
Renata	42	162	Rio de Janeiro	Administração	Biblioteca de livros de poesia, romance, literatura, livros de culinária, livros infantis.	Doação, armazenamento e leitura no <i>tablet (mini-ipad)</i>
Cadu	45	110	São Paulo	Administração	Biblioteca dos livros de economia, história, literatura, romances.	Doação, armazenamento e leitura no <i>e-reader (kindle)</i>
Juliano	38	86	São Paulo	Arquitetura	Coleção dos livros de viagem, coleção de livros de culinária, história, arquitetura.	Doação
Flávio	46	57	Brasília	História	Biblioteca dos livros de história, literatura, romances.	Doação, armazenamento e leitura no <i>e-reader (kindle)</i>
David	81	37	São Paulo	Administração	Biografias, religião, romances	Doação, armazenamento e leitura no <i>e-reader (kindle)</i>
Constanza	60	58	Recife	Economia	Biblioteca de livros de economia, biblioteca dos netos que irão nascer, literatura, romances.	Doação
Rodrigo	43	57	São Paulo	Medicina	Biblioteca dos livros de medicina, clássicos, raridades.	Leilão de livros raros

Antônio Pedro	55	56	Juiz de Fora	Direito, Teologia e Filosofia	Biblioteca de direito, filosofia, teologia, literatura russa, francesa, alemã, livros de arte.	Doação, armazenamento e leitura no <i>tablet (i-pad)</i>
---------------	----	----	--------------	-------------------------------	--	--

Quadro 1: Perfil dos informantes (com pseudônimos)

Fonte: este estudo

3.3 Método de coleta de dados

Antes do início, os entrevistados foram informados do objetivo da entrevista: uma conversa sobre o envolvimento com os livros, leitura, colecionismo e processos de desmaterialização. Também, foi dito que o áudio seria gravado e utilizado apenas para esta pesquisa acadêmica. Foi assegurado anonimato aos entrevistados e confidencialidade das informações pessoais obtidas por pseudônimos. As entrevistas foram realizadas em um ambiente em que o entrevistado se sentisse tranquilo e seguro para falar sobre sua relação com os livros e a biblioteca, e os processos de materialização e afastamento dos livros físicos. Algumas entrevistas foram realizadas na biblioteca dos colecionadores, outras em diversos lugares da casa, passeando pelas histórias e pelos livros. A conversa mudava de lugar conforme mudava o assunto, se era sobre os livros de gastronomia, poesia, infantis ou trabalho.

Cada entrevista durou em média uma hora, sendo que a mais longa chegou a 162 minutos e a mais curta teve 37 minutos de gravação. Por possuírem grande afinidade com o tema e o universo pesquisado, a entrevista se transformava em uma conversa sem pressa para terminar. O assunto parecia inesgotável, e a narrativa de vida dos colecionadores transitava pelas histórias dos livros e da biblioteca.

O roteiro da entrevista foi aberto e não estruturado, conforme proposto pela metodologia existencial-fenomenológica (THOMPSON et al., 1989). As entrevistas começavam sempre com uma questão de abertura, *grand tour*: “Como você começou a comprar, acumular, colecionar e construir sua biblioteca?” Essa pergunta iniciava a conversa, fazendo a ligação para as próximas perguntas e para o diálogo, com objetivo de explorar a experiência de vida dos colecionadores e os ganchos para o processo identitário. Nesse sentido, as próximas perguntas continuavam como *probe questions* com objetivo de compreender a história de vida desses indivíduos e como a leitura e o colecionismo entraram em suas vidas. Entender se os pais leram ou não para eles quando ainda não sabiam ler, se foram impactados por histórias específicas ou determinados autores no início de sua vida, se emprestavam livros para amigos, frequentavam bibliotecas, cresceram rodeados por livros ou

não. Perceber a influência de algum tio, parente ou amigo, e o impacto do universo literário. De acordo com Thompson, Pollio e Locander (1994), as pesquisas com consumidores têm investigado as formas como as experiências são moldadas por redes multifacetadas de influências culturais. O entendimento dessas redes é fundamental e cada vez mais utilizado para o estudo dos significados de consumo. No contexto estudado, a família é um elo importante que propicia o contato com o livro e incentivo ao colecionismo.

Cada entrevista seguiu seu próprio curso e foi marcada pelo significado pessoal da biblioteca na vida dos entrevistados, assim como também pelos processos de afastamento dos livros. As *probe questions* continuavam aprofundando nos rituais de materialização para entender os comportamentos e hábitos envolvidos, desde que começaram sua coleção, como os rituais de busca, posse e organização das bibliotecas. O entendimento do processo de acúmulo de livros, histórias e envolvimento com a literatura é o primeiro passo para, depois, aprofundar no processo/ritual de desmaterialização. Os rituais foram abordados como hábitos e práticas diárias para cuidado da biblioteca, assim como práticas de descarte, doação e digitalização. A desmaterialização foi abordada tanto na imaterialidade do processo de leitura e acesso ao conhecimento ou narrativas literárias, como armazenamento virtual nas nuvens, aquisição de livros físicos por portais virtuais, aquisição de livros digitais, venda de livros físicos para sebos até a doação completa de bibliotecas pessoais para bibliotecas públicas. A ordem das perguntas foi guiada pelo entrevistado, buscando deixar a conversa fluida, mas cobrindo todos os temas necessários para entendimento do fenômeno.

O roteiro de entrevista seguiu o processo destacado na Figura 1, em que a compreensão da relação dos entrevistados com os livros está intimamente ligada à compreensão da sua história de vida. Como a revisão da literatura mostrou, colecionadores têm uma relação de apego com os objetos singularizados, que representam uma extensão do *self*, das suas convicções como indivíduos (BELK, 1988; 1995). As narrativas sobre a relação pessoa-objeto estavam sempre relacionadas a algum momento de vida do colecionador, tanto os rituais de materialização como de desmaterialização, ambos refletidos nas transformações da identidade do indivíduo e sua própria história de vida.



Figura 1: Principais pontos levantados nas entrevistas

Fonte: este estudo

3.4 Informações sobre as entrevistas e entrevistados

A primeira entrevista ocorreu no dia 15/06/2015, no sebo de Cássio, em Pinheiros, São Paulo. Foi uma entrevista de 68 minutos gravados, mais aproximadamente 20 minutos sem gravação em que ele atendeu pessoas que queriam comprar ou vender livros. Ele contou toda a sua história de vida e envolvimento com os livros, até o momento que decidiu disponibilizar sua biblioteca pessoal para outras pessoas, abrindo um sebo na garagem da sua mãe. Hoje vive da venda dos livros da sua biblioteca, e da garimpagem de outros para completar a coleção e atender os clientes. Só compra aquilo em que vê valor com seu olhar de livreiro. Abandonou uma reconhecida carreira como editor de jornal para realizar seu sonho e hoje vive dos livros e para os livros. É conhecido como *sommelier* de livros, pela habilidade de recomendar o livro certo para o momento certo da vida do leitor que o procura.

A segunda entrevista ocorreu uma semana depois, dia 22/06/2015, na casa de Felipe. Em quase duas horas de conversa, o tema transitou sobre o poder do livro em transformar a vida das pessoas, como a sua. Procurador do estado, ele tem a literatura como *hobby* desde criança. Escreve poesias e foi daí que começou sua paixão: garimpando livros de poesia em sebos. O lazer se transformou em profissão depois de fazer mestrado e doutorado em literatura. Hoje, acumula as funções de procurador e professor de literatura em uma

conceituada universidade. Atualmente, sua grande questão é a administração e organização da sua biblioteca de mais de três mil livros. Ele vive uma crise de organização, porque sua biblioteca cresceu demais, e foi organizada afetivamente. Hoje, muitas vezes, ele não encontra o que procura, e em função disso parou de comprar livros temporariamente. Já até contratou uma organizadora pessoal, mas a questão continua sem solução.

Em julho de 2015, entrevistei o publicitário e surfista amador Augusto. Ele me contou sobre a biblioteca que tinha em Porto Alegre, antes de se mudar para São Paulo. Falamos sobre livros físicos e digitais, e sobre as transformações na sua vida desde sua infância até hoje, passando pelo momento que deixou a biblioteca para trás e começou a ler no *ipad* e depois no *e-reader Kobo*. Foi uma entrevista de 78 minutos de gravação e muitos *insights*.

A entrevista mais longa foi a realizada com Renata, em agosto de 2015. Começou na sua sala particular na universidade onde trabalha, no Rio de Janeiro, entre os mais de mil livros que possui só sobre seus temas de pesquisa. Ela contou que uma das vantagens que viu, quando começou a trabalhar naquela faculdade, foi o tamanho da sua sala, onde poderia armazenar vários livros que não cabiam mais em sua casa. A entrevista em sua casa, e passou por todos os cômodos onde estão armazenados os livros, do quarto dos filhos, onde estão os livros infantis, até a cozinha, onde estão os livros de culinária. Durou ao todo 162 minutos e foram tiradas 19 fotos. Falamos sobre várias mudanças de vida, doações de livros, alergia a poeira dos livros e o livro digital.

Em setembro, Cadu me concedeu uma entrevista de 110 minutos de gravação em um café próximo a sua casa. Cadu é amigo da mulher de Augusto, e um apaixonado por livros. Ele doou sua biblioteca quando se casou e se mudou para a casa dela, que já vivia lá com os filhos. Hoje ele lê no *e-reader Kindle*. Embora afirmasse ter uma relação racional com os livros durante toda a entrevista, Cadu usou expressões e palavras emocionais para descrever sua relação com os livros e seus sonhos da biblioteca ideal. Cadu é administrador de empresas e citou dois colecionadores na entrevista. Ao final, pedi os dois contatos, que se transformaram em mais dois informantes para esta pesquisa.

Ainda em setembro de 2015, entrevistei Juliano, arquiteto apaixonado por história, viagens e livros. Conversamos por 86 minutos em uma sala da universidade, e sua entrevista foi filmada e gravada. Filho e neto de acumuladores, ele tem também uma tendência a acumular objetos que armazenem a memória dos momentos vividos. Conversamos sobre sua coleção de livros de viagens, objetos e livros garimpados pelo mundo. Ele me contou sobre

seus processos de desmaterialização e as várias doações que fez, tentando se livrar do fantasma de ter a mesma tendência do pai, que hoje possui uma casa inteira para armazenar tudo que acumulou durante a vida. Nas últimas viagens, comprou bem menos livros do que comprava, e vem se desfazendo de várias coleções e objetos, mas o apego aos livros que possui ainda é grande.

Em outubro de 2015, foi a vez de Flávio, diplomata, que hoje está alocado em Brasília e já morou em diversos países. Flávio é amigo de Cadu, estudaram juntos no colegial e compartilham a paixão pelos livros. A entrevista foi realizada por *Skype* e durou 57 minutos. Flávio contou sobre sua condição de nômade e a dificuldade de transportar livros e objetos pelo mundo, explicando a necessidade de superar o apego aos objetos físicos. Ele hoje possui livros espalhados pela casa que deixa, ou “liberta”, em espaços públicos quando termina de ler. Lê também muito no *e-reader Kindle*, principalmente à noite, porque é alérgico e não gosta de ter livros físicos no quarto. Já doou várias bibliotecas em momentos diferentes da sua vida.

David foi o oitavo entrevistado. Ele é o pai de Cadu e quem lhe transmitiu o amor pela leitura. Com 81 anos, é um leitor ávido, que hoje lê principalmente no *e-reader kindle*. Com problemas de saúde e limitações físicas, reclamou várias vezes que gostaria de ler mais, que ama bibliografias de banqueiros que têm muita coisa interessante para contar. De família de imigrantes judeus, estudou nos Estados Unidos e lê principalmente em inglês. Daí sua paixão pelo *Kindle*, que permite comprar e ler livros importados em segundos, enquanto antes ele precisava esperar dias e, às vezes, meses pela chegada do livro. Foi a entrevista mais curta, de 37 minutos, pelas próprias limitações físicas e da idade do entrevistado.

No final de outubro de 2015, entrevistei Constanza. Ela é economista, mora em Recife e apaixonada por livros desde a infância. Guardou por muito tempo sua coleção “Os economistas” e a doou para uma sobrinha que passou no vestibular de economia recentemente. O mesmo aconteceu com as enciclopédias e vários livros que armazenou ao longo da vida, escolhendo a dedo alguém que merecesse sua coleção. Hoje, coleciona livros infantis e está organizando a biblioteca dos netos, que ainda não nasceram. Ela pretende passar a eles seu amor pela leitura, e já sonha com o momento que lerá histórias para eles como fez com suas filhas.

O décimo entrevistado foi Rodrigo, que é médico e possui uma loja de livros raros. Além de apaixonado por livros, ele convive com muitos colecionadores, buscando raridades.

Ele começou a colecionar garimpando livros nos sebos do centro de São Paulo. Os pais de um amigo tinham uma pequena loja de antiguidades, e os dois viram a oportunidade de vender alguns livros raros que conseguiam e ganhar um bom dinheiro. Médico de formação, conciliou as duas atividades por algum tempo e depois optou por viver da venda de livros raros. Quando gosta muito de um livro, tem dificuldade de deixá-lo ir, e não facilita a negociação para ver se o comprador desiste. Confessa ser difícil conciliar o amor pelo livro e a necessidade de vendê-lo, mas um prazer em intermediar a venda. Por isso, não coleciona mais, para evitar o conflito. A entrevista com Rodrigo também ocorreu em outubro de 2015 e durou 57 minutos.

O último entrevistado foi Antônio Pedro, um professor de filosofia e referência no estudo de Heidegger no Brasil. A entrevista aconteceu em dezembro de 2015. A conversa durou quase uma hora, e aconteceu na sua biblioteca, na casa de campo em que vive no interior de Minas. Antônio Pedro tem os livros como instrumento de trabalho, e quase todos os livros físicos que possui já estão também digitalizados na biblioteca que possui na nuvem e acessíveis no *tablet i-pad*. Morou 10 anos fora do Brasil e, quando voltou, trouxe mais de 200 quilos em livros, transportados em caixas pequenas de 5 quilos. Já doou duas bibliotecas completas. A primeira de direito, e a segunda de teologia. Já dos livros de filosofia, não imagina se desfazer, pois eles são a sua vida.

Após as entrevistas, outros encontros menores e conversas por telefone com os colecionadores permitiram acumular mais duas horas de entrevistas para sanar algumas dúvidas, e pedir esclarecimentos de alguns pontos que ficaram soltos.

Com base na transcrição e análise de todo esse material, e nas anotações durante e logo após as entrevistas, foi feita a análise que será apresentada no próximo capítulo. Antes disso, na próxima seção, será melhor explicado o método de análise utilizado e que propiciou o desenvolvimento dos *insights* e categorias classificatórias.

3.5 Método de análise – ciclo hermenêutico

A análise e interpretação dos dados foram baseadas nas transcrições das entrevistas. Foram analisadas as notas de campo e verbatins, usando uma abordagem interpretativa-hermenêutica (THOMPSON et al., 1994). O objetivo do processo de análise foi interpretar as camadas de significado implícitas na relação colecionador-coleção. Não apenas o acontecimento de falar, mas *como* foi dito: o pensamento, o conteúdo, a substância do falar

emoldurada pelo contexto do colecionismo de livros (GEERTZ, 2013). Nessa perspectiva, a linguagem foi encarada muito mais que uma grande coleção de palavras e regras gramaticais. Um sistema de significados inter-relacionados (narrativas) que proporciona ao emissor da mensagem (coleccionador desmaterializando o objeto singularizado) uma moldura compartilhada de referência. (THOMPSON et al., 1994). As expressões sobre o significado pessoal do colecionismo de livros foram vistas como auto interpretações, na qual os pontos de vistas culturais foram adaptados aos contextos individuais da vida de cada um.

A grande questão foi a busca por camadas de significado, e a tentativa de aprofundar além da superfície do que foi contado, além do óbvio (GEERTZ, 2013). A partir das referências, tentar encontrar metáforas, relações, categorias, padrões. Interpretar as histórias que colecionadores contam sobre suas experiências de consumo de livros e fazer conexões e análises para entender a questão da desmaterialização. Como o significado cultural não é encontrado apenas nas mentes dos indivíduos, mas nas esferas públicas da vida social, compreender o fenômeno no atual estágio de desenvolvimento da sociedade e comparar as categorias de significado encontradas com outras categorias existentes em outros contextos, ou mesmo categorias diferentes encontradas nesse grande contexto de colecionadores de livros, literatura, materialização, posse, acesso e desmaterialização.

A abordagem hermenêutica procura dar luz à comunicação implícita, não dita, dos significados culturais compartilhados que são interpretações da própria experiência dos colecionadores. A busca é pelo significado do acontecimento, da narrativa, não do acontecimento como acontecimento (GEERTZ, 2013). A partir dessa narrativa, do que foi dito e também não dito (os silêncios, as pausas, as elevações de tom de voz ou os sussurros, as linguagens corporais, as hesitações) construir estruturas de significação, categorias de significado, conceitos que traduzam e evidenciem os códigos estabelecidos pelos informantes e detectados pela pesquisadora. A partir dessas categorias significantes, construir o conhecimento sobre o fenômeno e situá-lo enquanto contexto onde ele se insere, localizá-lo no que já está construído sobre comportamento de consumo, rituais de materialização e desmaterialização e colecionismo. Alargar o universo do discurso humano por meio de comparações relativizadoras com estudos prévios e outros contextos (ROCHA, 1984).

Interpretar a linguagem compartilhada por esse microssistema de consumo (coleccionadores de livros), traçar uma curva do discurso social e fixá-lo de uma forma inspecionável (GEERTZ, 2013). O *locus* de estudo não é o objeto de estudo, ele é a moldura do estudo, que permite a comparação com outras molduras e, então, chegar a interpretações

que sejam também aplicadas para uma moldura maior, como o comportamento de consumo e o comportamento humano.

O ciclo hermenêutico é um processo iterativo. As transcrições foram analisadas separadamente, parágrafo a parágrafo, e quando algum padrão era encontrado em mais de duas entrevistas, ele era separado para formar uma categoria de análise, que se transformaram nas seções do próximo capítulo. As entrevistas também foram escutadas diversas vezes, prestando atenção na entonação da voz, expressões, suspiros, silêncios, e reações emocionais. Cada categoria era transformada em um relato, um testemunho que foi analisado e reanalisado diversas vezes, isoladamente e em comparação com outros relatos próximos, na busca por aprofundar em novas camadas de significado, sair da superfície e tentar captar o não dito, ir além do óbvio e explícito. Quando algum novo padrão era encontrado, ele era ainda reanalisado para ver se fazia sentido com o todo, com a análise completa, se poderia ser encaixado em alguma outra categoria previamente estabelecida ou se mudava alguma análise já feita.

4. Análise dos dados e interpretação

“toda leitura é um reencontro. O leitor lê-se a si mesmo, desenrola-se como uma bobina. A cada página que passa você fica mais perto de você – e de um segredo que só a leitura sabe”.

Otto Lara Rezende

O processo de entrevistas mostrou que os colecionadores enfrentaram desafios para manter suas coleções materializadas fisicamente. Com todas as mudanças de vida, de casa, país, carreira, casamentos e descasamentos e nascimento de filhos, os livros se tornaram pesados e caros para serem transportados e mantidos. As casas estão cada vez menores e não têm mais um ambiente para leitura, com uma poltrona bem confortável, uma luminária e muitos livros. “Meus filhos são alérgicos”, “minha esposa não queria os livros em casa”, “ler no livro digital não ocupa espaço e não incomoda minha esposa à noite, porque ela dorme antes de mim”, “eu não vou ler esses livros de novo”, “mudamos para um apartamento menor e não pudemos levar todos os livros”, “quando você muda tanto, você se cansa de carregar suas tralhas pelo mundo”, “eu não consigo organizar meus livros”.

Manter uma biblioteca em casa é trabalhoso, custoso. Os livros de referência e enciclopédias já não são tão necessários como antes da internet: a *Wikipedia* e o *Google* respondem todas as questões. Ler não é simples. Exige calma, dedicação e tempo, e hoje existem outras formas de lazer disputando espaço nas horas disponíveis. As cidades e a vida estão muito barulhentas, e a leitura virou um contraponto, assim como a imagem de uma biblioteca. Uma imagem que passa tranquilidade e acúmulo de conhecimento. Os colecionadores podem escolher entre diversas possibilidades de canais para sua leitura, como computadores, celulares, *tablets*, *e-readers* ou áudio-books – todas manifestações da digitalização do livro impresso. Muitos colecionadores doam suas coleções depois de morrer, e outros não esperam a morte. Muitos começam a doar em vida, a vender suas coleções, e a buscar maneiras de estar próximo aos livros sem precisar ter uma biblioteca privada fisicamente em casa.

Parece existir um chamado para o compartilhamento, ao invés de manter uma coleção de livros privada, confinada em uma casa ou apartamento para sempre. Um processo contrário ao que motivou o início da biblioteca que era inerentemente individual. Vários colecionadores demonstraram sentir um chamado ao desapego, compartilhamento com os outros ou com a família. A digitalização, doação, venda ou descarte apresentam-se como uma nova forma de se relacionar com os livros e com as outras pessoas. Renunciar ou afastar-se voluntariamente

das posses físicas é uma forma de apagar, esquecer, transferir ou manter os valores atrelados aos objetos (McCRACKEN, 1986). A desmaterialização de uma coleção de livros pode ocorrer a partir da imaterialidade do processo de leitura, do acesso ao conhecimento ou narrativas literárias, com o armazenamento virtual nas nuvens, aquisição de livros físicos por portais virtuais, aquisição de livros digitais, venda de livros físicos para sebos até a doação completa de bibliotecas pessoais para bibliotecas públicas, universidades e instituições de caridade.

Entretanto, esses processos de desmaterialização, além de demorados, não encerram a relação com o livro. Segundo o relato dos informantes, a desmaterialização das bibliotecas e o afastamento material dos livros não diminuiu o amor pelo livro. Muito pelo contrário. A ligação é intensificada pelo processo de desmaterialização, que reforça o valor do livro como transcendendo à materialidade. A relação pessoa-objeto estabelecida entre o colecionador e o livro parece ter uma ligação com as mais profundas e definitivas questões que os seres humanos se fazem, como as relacionadas com a natureza e com o verdadeiro propósito da existência – as questões do ser e do saber (CAMPBELL, 1987).

O contexto, *locus* de estudo que emoldura esta pesquisa, é bastante emocional. As palavras “sonho” e “desejo” apareceram em vários momentos. Mesmo quando os entrevistados queriam racionalizar a narrativa, eles pareciam escorregar e usar palavras emocionais para descrever momentos de leitura, de aquisição de alguns livros ou quando doaram ou se afastaram das bibliotecas. Em vários momentos do discurso, parecia que estavam falando de outras pessoas, e não de objetos.

Alguns colecionadores, quando perguntados sobre a coleção, se dizem seduzidos, tocados e até emocionados pelos objetos adquiridos. As expressões usadas demonstram que as motivações são emocionais e irracionais, o que as definiria como desejo (BELK et al., 2003). Desejo nesse contexto se diferencia das necessidades (*needs*) e do querer (*wants*) e se aproxima dos sentimentos de paixão e prazer. “Tudo é reversível se nos virarmos para o objeto. Aqui não é mais o sujeito que deseja, mas o objeto que seduz” (BAUDRILLARD, 1983, p. 127 apud BELK et al., 2003). Os colecionadores estabelecem relações dinâmicas e em vários níveis com os produtos colecionados. Essas relações envolvem desejo e atribuição de valor (CHEN, 2009).

Campbell (1987) fala sobre o lugar central ocupado pela emoção, imaginação e desejo na sociedade atual. O querer e desejar estão no cerne do fenômeno moderno de consumo, e é o que move as pessoas na ânsia de saciar suas mais profundas ambições como seres humanos.

Uma das questões centrais que aparece no processo de análise e interpretação das entrevistas é que a relação pessoa-objeto entre colecionadores e seus livros está permeada por sonhos e desejos, e se situa num espaço limiar entre o real e o imaginário. É o sonho da biblioteca idealizada que vai nortear a busca pelo conhecimento, pelos livros e pela construção da biblioteca. E essa busca será o início de uma jornada transformadora. Os rituais físicos que acontecem na busca, compra e materialização da biblioteca proporcionam a ligação entre o real, material e o ideal, imaginário, desejável. Importante reforçar que esse processo é absolutamente individual. Segundo Campbell (1987), a ideologia associada ao consumo, neste contexto, é individualista - os meus livros, a minha biblioteca. No contexto dos colecionadores de livros analisado, a relação pessoa-objeto é individual. Ela nasce do desejo e do direito dos indivíduos de decidirem, por si mesmos, que produtos e serviços consumir. A leitura também é um ato isolado, individual. Uma imagem de uma pessoa lendo próxima a um grupo de pessoas conversando é contrastante. O processo de leitura absorve o leitor e ele não escuta mais o que o grupo diz. Ele escuta a conversa dos personagens. Ele não está no lugar onde estão as outras pessoas. Ele foi transportado para outro lugar, outro século, outro país e outra dimensão que se situa em um espaço entre o limiar do real e imaginário. A leitura é esse ritual individual que sela a relação entre o livro e o colecionador e que é capaz de transformá-lo. Essa relação pessoa-objeto que foi materializada por vários rituais que são transformadores para o indivíduo. O colecionador que se envolve em rituais para garimpar relíquias e exclusividades transforma sua coleção e a si mesmo. Ele ama sua coleção, a vê como única e com valor imensurável. A posse é o que permite ao colecionador ter o controle sobre o objeto singularizado (BELK, 1988). Arranjar, classificar e manipular são formas de controlar e cuidar da coleção e, conseqüentemente, de si mesmo e do mundo a sua volta (McCRACKEN, 1986). E estabelecer esta relação, que ao se materializar está permeada por vários rituais que relacionam o material ao imaterial.

No caso dos bens singularizados, como no caso das coleções de livros para os colecionares entrevistados, a desmaterialização está intimamente ligada à materialização. Para entender o ritual de desmaterialização é importante entender os rituais de materialização, quando os colecionadores estão envolvidos com os rituais de busca, posse e organização das bibliotecas físicas. É no processo de materialização que se inicia o processo do alinhamento do *self* com o objeto adquirido e a remoção da linha que separa o “eu” do “meu” (BELK, 1988; KLEINE; KLEINE; ALLEN, 1995). A partir do ritual de materialização acontece o reconhecimento de si mesmo pela aquisição e cuidado com a coleção. É uma oportunidade de

entrar em contato consigo mesmo em um processo de auto-conhecimento. Assim, ambos os processos, de materialização e desmaterialização, revelam as relações identitárias entre os colecionadores e suas coleções.

A Figura 2 mostra como o processo de materialização se converte no processo de desmaterialização, impactando a transformação identitária e a história de vida dos indivíduos.

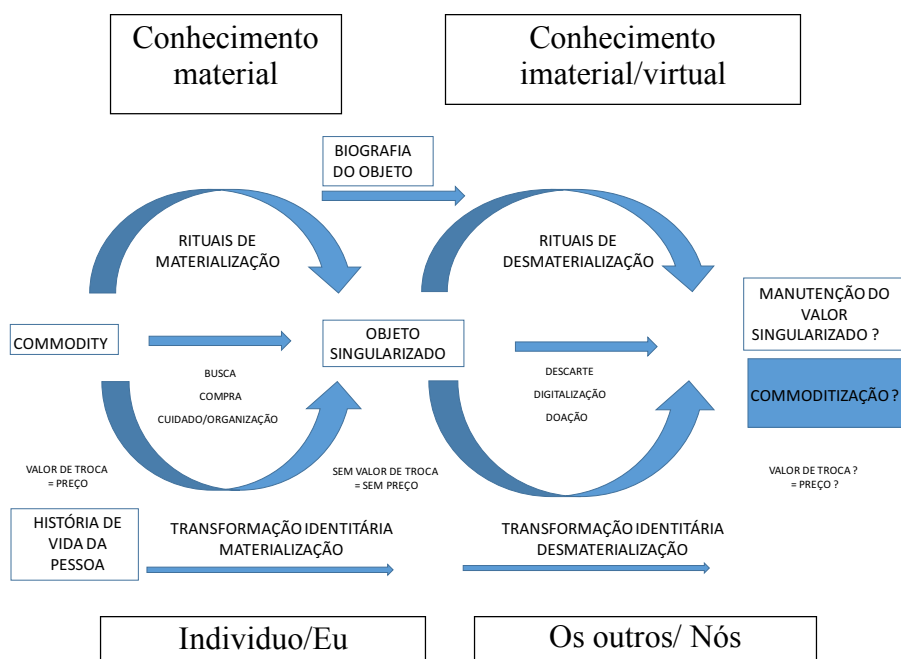


Figura 2: Processo de materialização e desmaterialização e a transformação identitária
Fonte: elaborado pela autora

Os rituais de desmaterialização do objeto singularizado podem ser considerados como uma continuidade do processo de auto-conhecimento, iniciado com os rituais de materialização. A desmaterialização para o indivíduo que singulariza o objeto é complexa, pois envolve sentimento, apego, cuidado, ou seja, está embutida em sua história de vida. Para um colecionador de livros, o descarte simples pode ser difícil e às vezes, até impensado. Alternativas de desmaterialização mais aceitáveis seriam a doação ou a digitalização do conteúdo. Um colecionador tem duas formas de doar sua coleção. A primeira é doar a coleção completa para um museu, universidade, instituição de caridade ou sebo, por exemplo. A segunda é doar aos poucos, livro a livro, de forma customizada, selecionando a dedo àquele que será presenteado com o item, e será capaz de valorizar o objeto singularizado. Pode existir também a venda, para outros colecionadores ou apreciadores de livros. Mas essa venda

será cuidadosa: o colecionador escolherá quem é digno de comprar e possuir seu livro. E, por último, a digitalização ou compra dos livros virtuais em substituição ao livro físico. Todas as formas de desmaterialização implicam no afastamento material e físico dos objetos. A digitalização pode representar, para um colecionador apegado, o afastamento, a separação e a perda do objeto material. Ele não mais será capaz de sentir o cheiro do livro, de limpar a poeira, de passar as páginas, de exibi-lo esteticamente na estante ou tê-lo fisicamente ao alcance das mãos e dos olhos. Para ele, o processo de desmaterialização pode representar uma ruptura. Porém, outro perfil de colecionador irá continuar os rituais de busca, posse e organização no mundo imaterial. Assim, ele poderá continuar sua peregrinação por relíquias no universo virtual e até possuir e organizar uma biblioteca digitalmente. Nesse caso, o sentimento de perda não será tão explícito. O auto-conhecimento faz parte do processo de transformação da materialização para a desmaterialização. O colecionador descobre seus limites, tem contato com seus valores mais essenciais e tem a chance de se reinventar.

4.1 O limiar entre o material e imaginário

Todos os informantes possuíam no momento das entrevistas, ou haviam possuído no passado recente, bibliotecas de livros físicos, ou seja, um espaço real, ocupado por livros materiais. Mas também falaram das bibliotecas físicas como se elas existissem em algum lugar imaginário, nos sonhos, um lugar de todas as leituras possíveis. Espaços que se situam entre sonhos, devaneios e a realidade já foram definidos por Campbell (1987). O consumidor de Campbell é assombrado por imagens que representam os objetos de desejo. Para McCracken (1986), os sonhos e delírios são mais elaborados, compostos de uma concatenação de relacionamentos, circunstâncias e estilos de vida que são “convocados para a memória e se concretizam na fantasia”, quando um objeto desejado é chamado à mente. McCracken (1986) descreve devaneios como subprodutos da distância que existe entre a realidade e os ideais, deliberadamente removidos de um contexto cotidiano para significar um estado idealizado de existência.

No depoimento de Cadu podemos perceber como sua biblioteca foi real um dia, mas na verdade ela sempre existiu e continua existindo em seus sonhos, em sua mente ou em algum lugar intangível, já que ela não existe mais materializada. Hoje ele é um leitor do *Kindle* e tem uma biblioteca virtual:

Cadu: Eu sempre tive um pequeno sonho, eu sempre quis ter... eu vou ter...sempre quis ter uma casinha no campo. Eu adoro andar descalço, colocar o pé na grama, coisas assim.. e quando eu penso na casa de campo, a primeira coisa que eu penso, que me vem a cabeça

não é a piscina, não é a sala... sempre me vem a cabeça, que eu nunca tive da forma como eu sempre quis...eu queria uma biblioteca, ou seja, um lugar para os meus livros, onde eu pudesse entrar, onde eu pudesse ter aquela poltrona gostosa, que se encaixa e se molda perfeitamente ao meu corpo, aquele silêncio, aquela meia luz, uma luz ideal para você poder ler, e... o silêncio, ou o zumbido do vento ou algum cantar de algum pássaro que seja para acompanhar a leitura e...aquele monte de livros te cercando, sempre tive essa visão, essa imagem na minha cabeça.

Cadu tem 45 anos, é empresário, administrador de empresas e apaixonado por leitura. Ele lê muito sobre história, economia e possuía até alguns anos atrás uma biblioteca física, que foi desfeita e doada quando se casou, e se mudou para o apartamento da esposa, que já vivia lá com os filhos do primeiro casamento. Interessante que ele fala da biblioteca que sempre quis ter, idealizada, e não da sua própria. Independente do rompimento da relação pessoa-objeto física, a relação com os livros e a biblioteca idealizada continua existindo e permanecendo nessa imagem na sua cabeça permeada por sensações visuais, táteis e reais: com uma poltrona perfeita, a luz ideal, vento e sons para acompanhar a leitura, envolvida por uma casa no campo e a natureza. Um lugar bucólico, localizado em algum local sem tempo nem endereço, mas perfeito para armazenar seus livros, seus objetos de desejo. Aqui aparece também não apenas o sonho, mas o ideal, a idealização de um lugar, de um momento, como McCracken (1986) explicita em sua teoria, um lugar e um estado idealizado da existência. Neste contexto, um lugar cheio de livros, perfeito para realizar a leitura, para experienciar e vivenciar a relação com o objeto desejado.

Felipe, outro informante na mesma faixa etária de Cadu, explica como começou a montar sua biblioteca. Ele tem uma biblioteca de mais de 3.000 livros, é apaixonado por poesia desde a infância e é escritor e professor de literatura em uma renomada universidade em São Paulo. Felipe me explicou como começou sua biblioteca, e todo o desejo que o impulsionou a comprar muito mais livros do que seria capaz de ler, e a construir a biblioteca real de todas as leituras possíveis.

Felipe: No começo a gente vai comprando os livros, acumulando, construindo uma biblioteca imaginária de tudo aquilo que a gente gostaria de ler. Na verdade, é a possibilidade por um ato de consumo de você configurar um espaço eu diria quase ideal de todas as leituras possíveis. Você vai construindo esse campo infinito de possibilidades que é a biblioteca.

Pelos rituais de busca de tudo aquilo que você gostaria de ler começa a construção da biblioteca imaginária, na mente, no campo das ideias, motivada pelo desejo. O desejo como mobilizador da busca pela construção da biblioteca idealizada composta por todas as leituras possíveis instiga a peregrinação pelos sebos no centro histórico da cidade – ele foi atrás dos

livros. E começou a encontrar aqueles que ele tinha que ler, e que ele “tinha” que comprar, ainda que não fosse ler.

Felipe: Eu comecei adolescente, mas sobretudo a partir da faculdade eu comecei a ir atrás dos livros, e eu frequentava muito os sebos do centro (da cidade de São Paulo). Foi aí que a coisa começou, e tem sempre a coisa da oportunidade, de encontrar o livro e aí você vai... UAU.. eu tenho que comprar esse livro, mesmo que eu não vá ler, e isso é fantástico... A gente começa a montar uma biblioteca pelo desejo de... é o desejo que encaminha todo esse começo, e a gente vai comprando infinitamente mais livros do que somos capazes de ler... e essa sensação é uma sensação que me acompanha até hoje...

Para Cássio, colecionador, jornalista e hoje dono de um sebo, a necessidade de materializar os livros, ter os livros por perto, foi o desejo que moveu os rituais de busca pela compra. Ele cresceu rodeado por livros, com o conteúdo ao alcance das mãos. Olhar para os livros, como algo possível, alcançável, despertou seu interesse pelo objeto, e pela leitura. Alcançar o valor armazenado nos livros, mais do que o livro em si, é ainda sua grande motivação. Não ter medo daquilo, como se fosse algo grandioso, que poderia amedrontar. Porque os pais deixaram os livros à mão justamente para as crianças não terem medo. Novamente vemos que o consumidor de Campbell (1987) assombrado pela imagem dos seus objetos de desejo.

Cássio: Na minha casa, meus pais deixavam os livros ao alcance das mãos, para não ter medo daquilo, não tratar como se fosse algo inalcançável... Porquê aconteceu com eles (meus pais): sempre fui estimulado a agir dessa forma (não considerar os livros algo inalcançável), e fui formando uma coleção relativamente grande, comprava muita coisa, ganhava muita coisa...Meu pai sempre disse: o consumo de conteúdo torna você mais interessante para o mundo...Meu pai gostava muito de colecionar e eu fui aprendendo com ele, ele era dono de um antiquário, minha casa tinha muita velharia...Depois que saí de casa comecei a montar a minha biblioteca. Toda viagem eu trazia muito material. Queria ter os livros por perto. Livros de referência. Saber que estão lá, caso precise fazer uma matéria (sou jornalista)...Desde a Britânica (enciclopédia), dicionários...gosto de ter a fonte de informação próxima, sempre à mão.

Ter a fonte de informação próxima, sempre à mão possibilita a aquisição do conhecimento e aproximação com aquele objeto supostamente inalcançável. A casa dos pais, a biblioteca e o hábito de leitura dos pais foram o passaporte. Os pais ajudaram a construir essa ponte entre o livro e o conhecimento, entre o inalcançável e o alcançável. E começar a montar sua própria biblioteca significa a aquisição da sua própria ponte para construção do conhecimento. Aqui também o desejo e o sonho aparecem. Crescer cercado de livros e das antiguidades dos antiquários permitiu que ele não tivesse medo dos livros. Medo neste caso pode ser interpretado como um receio, uma sensação de “isso não é para mim”. Ele cresceu

sendo estimulado a pegar nos livros, ler, torná-los coringas e braços direito na sua vida pessoal e profissional.

Para Flávio, outro amante dos livros e colecionador, a história também foi parecida. Os livros estavam por perto, ao seu alcance na casa da mãe. O pai, que não morava com eles, sempre o encorajava a encontrar as respostas para suas perguntas nos livros, na enciclopédia. À medida que foi crescendo próximo aos livros e lendo, ele foi consolidando essa relação e os livros fizeram, e fazem, parte da sua vida.

Flávio: eu morava com minha mãe e os livros estavam sempre lá, tinha uma biblioteca grande, para um apartamento era uma biblioteca grande, com todo tipo de livro... isso por um lado. Por outro, meu pai tem um papel importante nisso, porque sempre que eu fazia uma pergunta importante para ele, ele nunca me respondia. Ele dizia: vamos procurar nos livros, na enciclopédia. Na época as enciclopédias eram de papel, imagino que hoje ele falaria: vamos procurar no google (risos). Mas na época era na enciclopédia britânica que a gente ia procurar as coisas. Então, a partir daí eu tomei gosto por ler e procurar as informações nos livros, e conforme eu fui crescendo os livros fizeram parte da minha vida.

Ele hoje é um grande frequentador de livrarias, vai toda semana, independente de onde esteja. E sempre compra algum livro. Flávio é diplomata, já morou em diversos países, como China, Argentina e Espanha e hoje está baseado em Brasília. Ele conta que sua família toda ama os livros. E não somente os clássicos, literatura de primeira linha. O livro é também um passa tempo, uma diversão, e não é usado apenas para adquirir conhecimento.

Flávio: A nossa família é uma típica família imigrante de classe média. Meus pais vieram da Romênia. Os livros são para nós tudo, inclusive divertimento. Ficção, espionagem, livros policiais, essa literatura B sabe? Eu gosto muito. Prefiro do que ver TV. E acho que é uma estratégia para ler mais, porque é uma literatura mais simples. Eu gosto também de Dostoiévski, uma literatura mais densa. Mas na minha casa todos nós gostamos deste tipo de literatura B, é melhor que ver TV.

Flávio explica que ler é um valor na sua família, mesmo que seja um livro policial, romance, ficção ou espionagem, o que ele chama de literatura B. Por serem imigrantes, valorizam o conhecimento e a leitura. Ainda que seja para divertimento. Ele acha até que gosta dos livros supostamente mais simples para ler mais, estar mais próximo, ter os livros sempre à mão. Sempre próximos. Os livros estão espalhados por sua casa, seu escritório e ele lê vários livros ao mesmo tempo. Além de todo o tempo dedicado à leitura durante suas horas de trabalho.

Renata, uma professora universitária de 42 anos e dois filhos, amante de livros e leitora voraz conta que foi a imagem da mãe lendo no quarto antes de dormir que despertou seu interesse e amor pelos livros.

Renata: Eu era criança e via minha mãe lendo no quarto antes de dormir. Da minha cama eu conseguia ver a luz acesa, o que significava que ela ainda estava lendo, e eu ficava pensando: isso deve ser realmente bom, ela fica tanto tempo assim. Eu ainda não sabia ler, mas ficava já imaginando o dia que eu pudesse ler para ficar deitada na cama lendo como ela. Eu sonhava em ter os livros na minha mão e saber ler. O fato dela ficar por horas e horas naquela posição, com o livro na mão me intrigava. Foi aí que eu despertei para os livros, aquilo parecia tão legal, ficar até tarde com aquele livro na mão por horas e horas só podia ser muito bom.

A memória da mãe lendo por horas, e a imagem que ficou na sua cabeça, foi o que impulsionou seu desejo por ser uma leitora e começar sua biblioteca. Além disso, seu padrinho, já sabendo do seu interesse pela leitura, e sendo ele também um amante dos livros, deu de presente a ela um livro da Cecília Meireles quando ela tinha 10 anos.

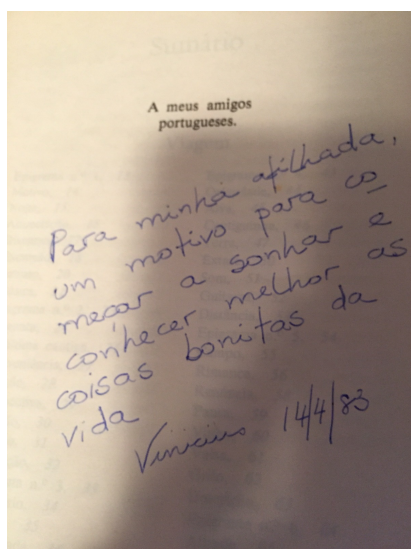


Figura 3: Dedicatória livro Cecília Meireles para Renata.

Fonte: Este estudo

Ela guarda o livro com todo carinho na sua estante de livros de poesia, que tem lugar nobre na sua casa. Ela abriu e me mostrou com todo carinho a dedicatória escrita à mão pelo padrinho. Segundo a dedicatória, com aquele livro ela estaria preparada para conhecer melhor as coisas bonitas da vida, como a poesia. Como um ritual de passagem para apreciar literatura e arte, e outras coisas bonitas da vida. O livro seria o motivo para começar a sonhar... Novamente vemos que o sonho está sempre muito próximo da materialização e impulsiona o desejo pelos livros, o amor pela leitura e os rituais de busca e compra. Renata conta, que desde que começou a ganhar seu próprio dinheiro, investe em livros. Antes comprava de tudo: romances, livros de poesia, de culinária, livros de estudo e trabalho. O marido também possui a mesma paixão, e quando juntaram os livros viram que tinham já uma biblioteca completa, e precisavam de um apartamento bem grande.

Renata: Quando eu casei e montei minha casa, eu e meu marido juntamos nossos livros e vimos que tínhamos muitos livros juntos, uma biblioteca. Compramos uma casa grande, na época foi uma oportunidade, um apartamento grande e barato que resolvia bem nossa vida naquele momento, e inclusive cabia todos os nossos livros.

Hoje, depois de várias mudanças de apartamento, um tempo morando fora do país e dois filhos, eles possuem quase metade dos livros que tinham: doaram boa parte por questão de espaço, alergia de Renata e das crianças. Ainda têm muitos livros espalhados em várias estantes pela casa, mas leem principalmente no *i-pad* e no *e-reader Kindle*.

Augusto, diretor de filmes publicitários e surfista amador, tem adoração pelos livros. Ele começou a ler porque sua mãe assinava um clube de leituras e eles recebiam vários livros pelo correio, todos os meses.

Augusto: Houve uma influência da minha família, especialmente da minha mãe. Ela assinava uma revista chamada Clube do Livro, um grande catálogo de livros relacionado com alguns editores de livros, e nós éramos sócios, tinha muitos benefícios para os seus membros, alguns bons descontos, preços e ofertas especiais, e a gente ganhava o livro do mês, o acesso à lista de livros sendo publicados e outras coisas relacionadas com os livros. Eu era um adolescente... este clube de livros foi o meu primeiro estímulo para começar a ler, para mim e para os meus irmãos. Lembro-me que era uma data importante, eu acho que foi o dia crianças, ou Natal, nós ganhamos a coleção completa de livros do Monteiro Lobato, em uma edição especial do Clube do livro... uma coleção muito bonita, todos os livros com a mesma capa dura.

Ele se lembra de receber toda a coleção do Monteiro Lobato de capa dura, e de todos os benefícios que a família tinha por pertencer ao Clube do Livro. O livro para ele sempre teve um aspecto sagrado, como se não pertencesse a esse mundo, físico, e tivesse uma aura divina.

Mesmo para entrevistados que não tiveram o exemplo vendo os pais lerem, nem tinham muitos livros em casa, o amor veio pela convivência com os livros. É ao cuidar, restaurar, organizar e ler que começa o amor pelos livros. Como no caso de Antônio Pedro. Antônio Pedro é um professor de Filosofia de 55 anos, formado em direito, filosofia e teologia. Ele é um estudioso de Heidegger que tem uma completa biblioteca de filosofia e literatura russa, brasileira, alemã e francesa. Possui um profundo apreço por seus livros. Mas ele não teve pais leitores, nem cresceu em uma casa repleta de livros. Ele começou seu contato com os livros cuidando da biblioteca do colégio interno que foi morar e estudar quando tinha 12 anos. Cada menino do colégio era responsável por cuidar de uma parte da casa do colégio interno, e ele era responsável pela biblioteca. Sua relação, então, não começou em um sonho real da biblioteca ideal. Começou de forma concreta, do contato com a

biblioteca do colégio interno. Era sua responsabilidade cuidar daqueles livros e da biblioteca agora que ele não morava mais na casa dos pais. Ele provavelmente encontrou um grande aconchego entre aqueles livros, aquele saber e aquele trabalho de cuidar dos livros. Tanto que nunca mais parou de estudar, nem se afastou dos livros. Os livros continuam por perto, sempre à mão. Mas não os cultua, os tem como grandes amigos e companheiros de trabalho e lazer. E investe boa parte do dinheiro que tem neles, até hoje.

Antônio Pedro: o acumular livros, juntar livros (pausa), a relação com o livro, por assim dizer vem desde a minha formação no colégio interno... na minha casa não tinha livros não, mas com 12 anos eu fui para o colégio interno. Então nós estudantes cuidávamos da casa, nós dividíamos as tarefas. Então me destinaram para a biblioteca, eu gostava de ler, era bom aluno, tirava boas notas, eu queria fazer o trabalho. Fiquei sempre ligado. Eu cuidava dos livros, restaurava, lia. Eu cuidava da biblioteca... e sempre tinha livros a disposição... e depois profissionalmente. Primeiro com meu estudo, eu montei uma biblioteca de direito, eu tinha uma biblioteca de direito que depois (interrompe)... engraçado que eu estudava junto com um primo meu, fazíamos faculdade juntos (de direito), eu gastava meu dinheiro todo em livros, montei uma biblioteca. Ele não, ele gostava de outras coisas.

Antônio Pedro já desmaterializou algumas bibliotecas, como a de direito e teologia. Mas hoje ainda possui mais de 2.000 livros, ele não sabe precisar exatamente quantos, embora leia principalmente no *i-pad* e tenha quase toda sua coleção digitalizada. Ele estuda e trabalha cercado pelos livros, em um ambiente que poderia se assemelhar a biblioteca idealizada de Cadu. Uma biblioteca em uma casa no campo, no meio do mato, ao som dos passarinhos, que fica na casa onde vive com a esposa e a enteada.

Os colecionadores de livros entrevistados são leitores vorazes. Amam os livros, e é esse amor por essa entidade chamada livro que fez o desejo de acumular aparecer. Um desejo pelo conhecimento que se materializa no desejo de acumular o livro físico. A família é uma ponte importante para o nascimento do desejo e conexão com o objeto de desejo. O afeto dos pais é transferido pelos livros e com os livros, e simboliza o desejo de transmitir conhecimento e preparar os filhos para o mundo. Uma maneira de passar a herança familiar imaterial e a experiência afetiva. Nas histórias de vida analisadas, o livro físico é um ponto de conexão entre pais e filhos, um elo para transmissão de valores, cultura e conhecimento. Mesmo nos casos em que o elo não foi a família, como no caso de Cássio e Antônio Pedro, o livro passa a representar a experiência e herança afetiva em suas vidas. O aconchego será encontrado no meio dos livros, nos sebos do centro da cidade, na poesia, na biblioteca do colégio interno e nas suas bibliotecas particulares feitas ao longo da vida. A profissão e o futuro serão construídos com base nos livros. O afeto é desencadeador do desejo, a energia

que estabelece a relação pessoa-objeto entre o colecionador e o livro. Esse afeto se transforma em um hobby de colecionar livros. A biblioteca, de forma concreta ou abstrata, faz parte dos sonhos e desejos do colecionador. A biblioteca é física, mas seu valor é imaterial. O poder do livro é imaterial. O desejo é de materializar, e são os rituais de materialização, físicos, que propiciam a apropriação do imaterial, do conhecimento, do saber. São esses rituais que transformam o conhecimento em algo alcançável e que pode ser possuído. Fisicamente. Para eles, a biblioteca representa tudo que sabem e possuem. É essa característica que permitirá o afastamento dos livros físicos, que em algum momento poderão perder a materialidade na vida dos colecionadores. É neste ponto que está a chave que possibilita a desmaterialização, e são esses processos que analisaremos a seguir.

4.2 Possuir é conhecer, e conhecer é ser

Uma característica da convivência e da posse dos livros é o fato de que colecionar e possuir o livro pode significar o conhecimento adquirido. Se possuo toda a coleção de Machado de Assis, simboliza que *conheço* toda a coleção de Machado de Assis, que tenho acesso a ela. Ela está ao alcance das *minhas* mãos para quando eu precisar. Nesse contexto analisado o acesso, a presença e a posse garantem a aquisição do conhecimento, independente da leitura de todos os exemplares integralmente.

Constanza, uma economista de Recife na faixa dos 50 anos, casada e com duas filhas grandes, também cresceu no meio dos livros. Embora tenha ainda boa parte da sua biblioteca, ela já doou e doa livros regularmente. Para ela, possuir é conhecer.

Constanza: Eu, por exemplo, não li as enciclopédias inteiras que meu pai me deu de presente, nem a coleção completa dos economistas, ou Obras primas...Mas eu sou economista. Alguns livros eu não li, mas eles fazem parte da coleção, estavam ali para o caso de precisar, querer ler, precisar da informação. Eu sempre gostei de estudar, era muito curiosa, gostava de fazer pesquisa. Meu pai foi então comprando várias enciclopédias...quando eu voltava da escola, depois de fazer as tarefas, eu abria aleatoriamente e fazia pesquisas, ia aprendendo um assunto, depois outro. Mas eu não lia tudo não...

Constanza deixa bem claro que, para ela, possuir a coleção dos economistas não pressupõe que tenha lido todos os exemplares da coleção integralmente. Mas ela é economista, conhece as teorias e modelos econômicos que estão naqueles livros. Já leu e consultou boa parte deles e gosta de ter os livros ao alcance das mãos para poder consultá-los quando necessário, mas reconhece que não leu todos. É importante ter a coleção completa, e

possuir a coleção completa significa conhecer o universo dos economistas, ou dos grandes pensadores, sem a necessidade de ler todos os volumes.

Juliano tem 40 anos, é arquiteto, casado e sem filhos. Filho e neto de acumuladores de livros e antiguidades, ele também tem uma tendência para acumular objetos que lembrem os momentos marcantes da sua vida. Ama história e arquitetura, e um dos seus hobbies é conhecer lugares novos, visitar templos e prédios tombados pelo patrimônio histórico da humanidade. Ele e a esposa adoram viajar e têm uma coleção de guia de viagens, livros de história, religião, culinária e monumentos dos lugares visitados, além de varias coleções de livros espalhadas pela casa. Ele explica como possuir o livro contribui para conhecer os lugares que quer viajar, e que não precisa ler tudo, nem todos os livros para se sentir conhecedor do assunto, ou do país a ser visitado.

Juliano: Tenho um hábito, ou prazer da vida, que é o de conhecer lugares novos. Sempre que eu tenho a chance de viajar para um lugar que eu não conheço, eu compro 3 ou 4 livros e leio, pesquiso antes da viagem. Compro na Amazon. Leio inteiros um ou dois, extraio informação dos outros livros. E na viagem eu compro outros livros, exclusivos, únicos. Esse é o único lugar do mundo que eu vou encontrar esse livro, então eu tenho que comprar...Mas eu não li tudo que eu tenho em casa. Você faz um scanning do livro. Eu leio partes do livro. Por exemplo, se eu pego o guia da Itália, se eu for viajar para tal parte, eu leio toda ela. Normalmente eu leio as partes de introdução, partes de história, contextualizações, tradição dicas úteis. Até mesmo porque eu uso como ferramenta para preparar a viagem. Inviável ler tudo que eu acumulei...

Os livros têm um papel tanto na escolha do lugar e preparação da viagem de Juliano, como também estão recheados de relíquias que ele acumulou durante o período que esteve viajando. São como símbolos da aquisição do conhecimento antes, durante e depois da viagem. A viagem começa antes do embarque, nos livros, e continua depois que termina, também nos livros. O sonho e os desejos vão construindo os roteiros conjuntamente, na escolha do país e dos lugares, cidades, monumentos a serem visitados. O antes e o depois da viagem se encontram nesses livros que ajudam na escolha do roteiro, no conhecimento prévio do que será visto e depois concretizam as memórias do que foi vivido.

Juliano: sim, (os livros são lidos) para decidir para onde vou, como vou... então isso eu uso como ferramenta (antes da viagem, e durante a viagem). Sei lá, a gente foi para um lugar na Itália e eu comprei o livro de um Castelo. Eu leio o livro muito rápido, eu leio normalmente durante a viagem. Aquilo que eu não ler na viagem, dificilmente eu vou encontrar tempo para ler depois, ele vira meio que uma recordação, um souvenir do lugar... até pouco tempo eu colecionava rótulos de cerveja e vinho e guardava dentro dos livros, como recordação da viagem. Sempre dava um jeito de tirar os rótulos e guardar... pois é... antes eu colecionava pedras dos lugares que eu visitava. Eu ia para os lugares e pegava pedras no mar, na montanha, pedras grandes, pequenas...

A cultura, as experiências, aquilo que foi provado, degustado, apreciado, visto, fica armazenado na memória e nas lembranças imateriais, e também como provas concretas e reais do que foi vivenciado e absorvido. De acordo com Belk (1988, p. 148), “o souvenir faz tangível o que de outra forma seriam as lembranças intangíveis da viagem”, como se Juliano conseguisse trazer um pouco do que viveu para dentro da sua casa e da sua vida, fisicamente. Na última viagem antes da entrevista, que foi para a Índia, Juliano me contou sobre o encantamento que teve pela religião Jainista ainda antes da viagem. Interessou-se pela história da religião, que é muito antiga, uma religião de pequeno alcance e poucos seguidores, mas a religião escolhida por pessoas importantes no cenário político indiano. Ele leu bastante sobre o tema e decidiu um roteiro que possibilitasse a visita de vários templos e monumentos que contribuíssem para a construção do conhecimento sobre o assunto.

Juliano: Eu quis entender o contexto, as diferenças. Essa religião não tem dogmas, vem em paralelo com o Hinduismo, mas cortou paramentações, entidades. Ela tem templos que são lindos. Os templos parecem uma renda portuguesa, detalhadas, esculpidas com estátuas, e refletem uma cultura muito forte. Vou sempre atrás de alguma coisa que me desperta o interesse. Não é só isso. Natureza, estilo de vida das pessoas, comportamento humano, assim... ir para um lugar ver o que tem de diferente e apesar de todas as diferenças é igual à rotina que a gente tem. Isso eu acho que é o mais rico.

A grande motivação da viagem é o desejo de conhecer o diferente, outras realidades, culturas. Um interesse em entender melhor a sociedade que vivemos. Compreender o mundo e a humanidade, ver as similaridades e diferenças. Visitar, conhecer, acumular e conhecer carrega o desejo por possuir o saber, o conhecimento. Comparar realidades, ter acesso a outros saberes contribui para a construção identitária.

A formação cultural e busca pelo conhecer é uma questão epistemológica central do paradigma moderno iluminista, a busca pelo conhecimento. E que precisa estar materializado fisicamente para ser real, concreto, objetivo. O conhecer é que causa a transformação, mas possuir coleções completas, acumular livros significa acumular o conhecimento. A posse de uma biblioteca tem uma simbologia forte sobre o controle sobre aquele saber, que pode ser acessado, lido e manuseado quando necessário.

As posses são uma extensão do *self*, e os significados atrelados às posses acabam por determinar a identidade de quem possui (BELK, 1988). O conceito de *extended self*, elaborado por Belk no artigo seminal publicado em 1988, discorre sobre as questões básicas existenciais como o ter, fazer e ser, e sobre a transferência dos significados dos objetos para os donos. Quatro estágios são identificados no processo de evolução do *self* nos estágios de vida, do nascimento até a morte. Primeiro, a criança se distingue do ambiente, depois ela se

distingue dos outros seres humanos. Esse processo demarca os limites de quem sou, em relação aos outros e ao mundo. No terceiro estágio, as posses ajudam adolescentes e adultos a gerenciar e assumir sua identidade, pelas escolhas feitas sobre o que será adquirido durante a vida. O que é meu também me define, e eu sou o que possuo. Os benefícios das posses são passados pelo contato físico, e pelo que Belk (1988) chama de contaminação, quando as características das posses são transferidas para o dono. Ter posses contribui para a capacidade dos seres humanos de fazer e ser. Por último, as posses lembram os seres humanos da sua finitude e o desejo pela continuidade, como uma preparação para a morte e a separação das posses. Em todos os estágios são as posses que criam e mantêm um senso temporal de passado, presente e futuro.

Os rituais de escolha, busca, troca e posse singularizam a coleção e fazem com que ela se torne única e exclusiva. Alguns colecionadores literalmente carimbam seus livros, escrevem, grifam, colocam datas e lugares. Outros singularizam pelo cuidado, limpeza, organização. Outros pela falta de organização. De todas as formas, a singularização acontece e a biblioteca e os livros representam o *extended self* dos seus colecionadores.

O controle e o poder exercido sobre as posses é o que garante a extensão do *self*. Assim como controlamos o movimento dos braços e das pernas, é quando controlamos as ferramentas que assumimos a posse sobre elas. Juliano usa os livros como ferramentas para preparar a viagem, definir o destino, lugares a serem visitados. Ele lê o que mais lhe interessa, mas assume o controle sobre todo o livro, e o conhecimento ali contido. Depois, durante a viagem, tira os rótulos das cervejas e vinhos tomados, guarda os folhetos dos museus e lugares visitados. Guarda tudo como relíquias do que foi adquirido e possuído durante a viagem, como alguém que conquista um país distante e traz provas da sua conquista. Que depois são guardadas e cuidadas por um longo período, em uma estante especial em sua casa. Essas ações garantem o controle e a singularidade da coleção de Juliano. E constrói sua identidade, única, que o distingue e separa dos outros. Demarca seu território, suas conquistas, seu poder.

Os livros e objetos adquiridos e singularizados, então, são o elo, com a viagem, com a conquista, e a proteção desses objetos que armazenam o conhecimento, um dos grandes objetivos que mobilizam o colecionador. De acordo com Douglas e Isherwood (1979), os bens são usados para marcar, no sentido de categorias de classificação, e então comunicar. Como o ouro e a prata eram pesados e marcados, determinando seu valor, como um livro é autografado e um quadro autenticado. A classificação de desempenhos dos alunos, a

separação das notas boas ou ruins ou a fixação de marcos físicos, limites territoriais são também formas de classificar e separar onde começa e termina o meu, o que é bom do que está abaixo da média considerada satisfatória. Os livros e as bibliotecas representam o conhecimento privado acumulado, um território delimitado do saber.

E pressupõe o desejo de guardar o conhecimento em um lugar seguro, para manutenção do conhecimento, da história e do poder adquirido. Bibliófilos são mais do que pessoas que acumulam livros e suas próprias histórias, eles se sentem guardiões de relíquias, histórias e a memória de um povo, de um lugar, de uma época.

Cássio: Se você voltar nas épocas medievais, os livros ficavam nos mosteiros, porque em teoria ali estavam mais protegidos, quando os bárbaros fossem atacar... Essa noção de biblioteca é de guardar o conhecimento em um lugar seguro, né? Eu tô falando isso porque eu guardei coisas digitais que eu perdi: o computador quebrou, o disquete deu problema e eu não consegui mais ler em lugar nenhum, minhas coleções de filmes clássicos em VHS eu vou jogar fora, porque não tenho mais videocassete.. Então, tem coisas de 20 anos atrás que você não consegue mais usar, e tem as coisas de 100 anos (como os livros) que você consegue...

Com esse depoimento, Cássio reforça que os livros foram protegidos em mosteiros de ataques externos de povos que poderiam ter destruído todo o conhecimento acumulado por vários séculos. Ele cresceu no meio dos livros e das antiguidades, seu pai tinha um antiquário. E ele aprendeu a cultuar o livro e a ver valor naquele objeto de papel, com uma capa e muita informação. Um objeto simples, principalmente se compararmos até com tecnologias obsoletas, como o VHS, a fita cassete. Mas que não perde sua utilidade, e não fica obsoleto, como outras que ele perdeu ao longo da vida. Tem coisas de 20 anos atrás que você não consegue usar, e as coisas de 100 anos que você consegue. Ele fala sobre o dever e o poder da biblioteca de proteger o conhecimento, como se explicasse porque cultua esse objeto, porque acumula livros e porque agora quer viver deles vendendo seu patrimônio em um sebo na cidade de São Paulo. Ao mesmo tempo que vive deles, continua como protetor, cuidando e protegendo para que cheguem nas mãos corretas e sejam apreciados e cuidados.

O livro tem esse poder de guardar o conhecimento e permitir o acesso sem a necessidade de nenhum outro *gadget* ou veículo para acessar o conteúdo. Ele é ao mesmo tempo o veículo que armazena e que permite a conexão, o acesso. A posse do livro garante o acesso ao conhecimento armazenado. Diferente de outras mídias, como o DVD, o VHS, a fita cassete, o computador, ou o *e-reader*. O livro não necessita de eletricidade nem de nada para reproduzir seu conteúdo. Possuir uma biblioteca, uma coleção já garante o acesso. Você tem aquele conhecimento armazenado, de fácil acesso físico e tátil, ao alcance das mãos.

Protegido dos outros. Essa ideia também do livro protegido dentro dos mosteiros, o silêncio e a imagem sagrada que vem à mente quando pensamos nas imagens das antigas bibliotecas medievais. As bibliotecas comunicam que quem possui, tem controle sobre o saber. Se tem o controle, conhece. E se conhece, é.

A relação-pessoa objeto entre o colecionador e o livro é uma relação física, material e individual. É também uma relação de proteção, cuidado e controle. O vínculo estabelecido entre colecionador e livro é dual, uma relação bilateral. O colecionador busca, garimpa, adquire, cuida, lê, pesquisa. O livro oferece conhecimento, diversão, informação, histórias. A relação pode ter nascido no meio da família, incentivada e intermediada por outras pessoas: mãe, tio, professor. Mas ela será efetivada e materializada no contato com o livro e na absorção do seu conteúdo, individualmente. Nos momentos de decisão de investir o próprio dinheiro em livros, de usar o tempo buscando, procurando, comprando, lendo. No comprometimento dedicado a essa relação que é transformadora para o colecionador e construtora da sua identidade. Douglas e Isherwood (1979) reforçam que os bens são escolhidos e consumidos como forma construir uma fita de demarcação identitária. O fluxo dos bens consumidos deixa um sedimento que constrói a estrutura da cultura, e comunica quem é, e quem não é. Quem está de um lado da fita de demarcação e quem está do outro. Quem coleciona livros, quem tem uma biblioteca, e quem não tem. É uma relação que constrói a identidade do indivíduo que coleciona. E ao mesmo tempo é uma relação individual, que compartilha os mesmos valores com outros colecionadores de livros, com a família e outros amantes dos mesmos objetos. “O desfrute do consumo físico é apenas uma parte do serviço prestado pelos bens: a outra parte é o desfrute do compartilhamento de nomes, categorias e demarcações” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 1979 p. 124).

Embora seja um lazer, uma atividade ligada ao desejo e hedônica por natureza, a seriedade com que colecionadores encaram suas coleções faz com que colecionar seja considerado por alguns autores como lazer sério (STEBBINS, 2007). A recreação e o lazer são formas de consumo nos dias de hoje cheias de significado, encaradas com muita seriedade e comprometimento. Consumidores empregam tempo e energia em várias modalidades de lazer sério que ajudam a trazer sentido, propósito e esperança (BELK; COSTA, 1998). Lazer sério foi conceituado como uma busca sistemática por algo substancial, interessante e capaz de preencher a vida de uma forma séria, comprometida e profissional que acaba por se transformar em uma carreira (de lazer, não ligada ao trabalho formal e não remunerada) com objetivo de adquirir e expressar habilidades especiais, conhecimento e experiência

(STEBBINS, 2007). Os benefícios físicos, emocionais e psicológicos proporcionados pelo envolvimento com atividades de lazer são acentuados no contexto do lazer sério (GALLANT et al., 2012). Stebbins (1982) sugere que o lazer sério envolve algumas etapas, qualidades ou critérios: necessidade de perseverança, aquisição de itens e de conhecimento especializado, treinamento, experiência ou talento, vontade de buscar crescimento em uma carreira (como se existissem etapas, cargos etc.), adoção de alguns valores e práticas, grande identificação com o tema, objeto de lazer escolhido, e a vivência de benefícios pessoais e sociais não momentâneos, mas de forma duradoura e ao longo do tempo.

Cadu: eu odeio colecionar selos, jamais colecionaria peixes ornamentais. O que me move é a música, a literatura, o futebol. Essa é a minha paixão. Então eu entendo quem coleciona selos e peixinhos ornamentais porque essa é a paixão deles, como eu tenho a minha. A paixão por um assunto faz com que aquilo permita fazer uma quebra na rotina, te tira do dia-a-dia, é uma válvula de escape no bom sentido. Eu coleciono livros e música, porque é aí que está o meu prazer.

Cadu explica que o que o motiva não é o colecionar por colecionar, mas o amor pelos livros e pela música que desencadeia o processo de colecionismo. Todos os tipos de colecionismo são válidos. A paixão por um assunto legitima a ação de garimpar, buscar e comprar os objetos de desejo. Reforça que a escolha do objeto a ser colecionado depende dos desejos e preferências de quem coleciona, que ao decidir colecionar peixes ornamentais, selos ou livros, já está comunicando e estabelecendo uma demarcação classificatória. No contexto dos colecionadores de livros, a quebra de rotina explica o caráter hedônico do colecionar. É um lazer, um prazer, uma diversão que compreende paixões que são materializadas na coleção. Para Juliano, a paixão por conhecer lugares e materializar as experiências em relíquias e livros, lembranças concretas dos momentos vividos. Para Constanza, Cadu e Cássio, a possibilidade de viver cercado pelos livros e pelo conhecimento acumulado. Esses prazeres materializados em suas coleções, com muita seriedade, um lazer sério. O colecionismo propiciando a construção de vínculos entre o livro e o colecionador e estabelecendo fronteiras na formação de sua identidade. Definindo preferências, gostos, desejos, formando as características pessoais. A posse se converte em conhecimento. Posso, logo conheço e então, sou.

Nas seções seguintes, vamos ver o livro além da sua materialidade, e superando o individualismo da relação pessoa-objeto, intermediando relações com outras pessoas e ampliando sua função social.

4.3 O poder dos livros em remover fronteiras: transcendendo a materialidade

Grande parte do fascínio que o livro exerce sobre colecionadores é sua capacidade de transportar os leitores para outro mundo, removendo-os da dura realidade do dia-a-dia. Com um livro em mãos, os amantes da leitura embarcam em uma viagem para outro lugar sem tempo e espaço definidos, um lugar que depende da imaginação do leitor e do seu capital cultural acumulado para ser atingido, uma fronteira entre o sonho e a realidade. No depoimento abaixo, Augusto tenta explicar as funções do livro. Ele define o livro como um sistema de fuga da realidade. Uma passagem para outra dimensão, realidade, universo.

Augusto: O livro (pausa) tem muitas funções, acho que uma (pausa) ... Eu acho que a principal função do livro é nos transportar para outra realidade - é uma válvula de escape - que te tira da consciência e te leva para um outro mundo, outra realidade. (pausa). Eu acho que este é a primeira grande função da leitura. Todas as outras funções, como quando você lê um livro técnico e você obtém conhecimento, você aprende algo novo... mesmo que a transmissão do conhecimento seja o principal objetivo do desenvolvimento da escrita, garantir que a informação vai passar de geração para geração, mas não é isso o que eu procuro na leitura. (pausa). O que eu procuro é essa capacidade de sair da realidade, é o momento em que eu esqueço que fiquei mais de uma hora parado no trânsito, que choveu muito, e esqueço todos os meus problemas no trabalho.

Para ele, ainda que o livro tenha sido inventado para transferir conhecimento, seu grande valor está em promover de forma simples, essa viagem que te afasta do trânsito, dos problemas do trabalho e ainda permite a criação de relações com os personagens do livro. Que nada mais é do que a transferência do conhecimento contido no livro, que não precisa ser conhecimento técnico. Pode ser o envolvimento e a compreensão da história, que propicia a cumplicidade com os personagens. O entendimento dos seus sentimentos, vontades, desejos. Quando se estabelece uma conexão real com o que está escrito, os personagens parecem reais assim como quando se aprende algo concreto. Existe um momento que isto acontece, quando o livro parece que pega o leitor, quando o conhecimento é absorvido. Como um *click*.

Augusto: é o momento em que (pausa), é engraçado, que eu crio uma espécie de cumplicidade com os personagens. Eu apoio e torço por alguns, quero saber o que vai acontecer com o outro personagem (pausa). a história de cada um, cada vez que eu estou ficando mais perto do final do livro, parece que um amigo está indo embora. (Pausa) Às vezes, quando estou aproximando fo final do livro, eu quero ler apenas uma página por noite, eu não quero que o livro acabe...Esta entidade (O Livro) ficou comigo por todo esse tempo, esses caras participam na minha vida e eu participei da vida deles, e então de repente eles vão embora e eu nunca vou vê-los de novo! E outras pessoas vão chegar. Mas o livro tem isso, essa capacidade.

Chamar o livro de Entidade explica bem o poder desse objeto na vida dos colecionadores. E o poder da leitura em remover as fronteiras da vida cotidiana e do mundo material. Terminar o livro é terminar uma relação com aqueles “caras” que participaram da sua vida um longo período de tempo, e que de repente termina, e que você nunca mais vai encontrá-los. E não era uma relação qualquer, mas uma relação de cumplicidade. Uma relação forte, que se estabelece com pessoas escolhidas e baseada em confiança. Por isso é tão difícil terminar um livro.

A relação pessoa-objeto entre o livro e o colecionador começou com o desejo pelo livro, pelas histórias e pela informação e evoluiu para a biblioteca. Mas o grande enlace dessa relação é a leitura, a troca e a transferência do conhecimento que está no livro e é passada para o colecionador. O ato de ler é transformador e é o que possibilita o estabelecimento da relação pessoa-objeto. O livro tem valor pelo conhecimento que ele possui, e pela transferência que vai ocasionar no sujeito, possuidor e leitor. O livro não é qualquer objeto. Seu valor imaterial confere poder ao livro, proporciona prazer de leitura, aprendizagem, informação. Felipe explica bem esta questão e os significados que envolvem a leitura e o livro, esse ato complexo em que o leitor precisa estar preparado para encarar o livro que vai ler, para estabelecer as pontes que permitirão que a conexão aconteça.

Felipe: o que é ler? Um ato muito complexo. Ao mesmo tempo que o livro abre tudo isso, se o livro não vier acompanhado de um campo cultural muito gigantesco que possibilite a sua tradução, esquece! O livro sozinho não faz nada. Pega a Iliada (de Homero), pega o que você quiser. E coloca em uma sociedade (com outra linguagem), aquilo lá serão só hieróglifos que nunca serão traduzidos. Livro em si não é nada. Então espera aí, do que estamos falando? O que está em jogo? Ele (o livro) é esse objeto capaz de carregar o que a gente pode chamar de transcendência, e ao mesmo tempo ele sozinho não é nada...

Belk (1988) discorre sobre a aquisição do conhecimento como forma de extensão do *self*. Ele se baseia na teoria de Sartre (1943) sobre as 3 formas primárias que aprendemos a observar os objetos como uma parte do *self*. A primeira seria pela apropriação e controle, mesmo que pela conquista imaterial, muitas vezes intangível, como por exemplo, atingir o pico de uma montanha e ter acesso à vista, apenas acessível àqueles que chegaram ao topo. É ao aprender a andar de bicicleta, manusear o primeiro computador, dirigir o carro ou ler um livro, que os objetos passam a realmente ser incorporados ao *extended-self* (BELK, 1988, p. 150). Outra forma seria pela criação ou descoberta, de algo tangível ou abstrato, como a cura de uma doença, ou uma inovação, um produto ou um artigo, que pode ou não ser certificada por patentes, direitos autorais ou citações científicas. E por último, pelo conhecimento: conhecer, uma pessoa lugar ou coisa pode fazer com que faça parte do *extended-self*.

Conhecer, segundo Sartre e Belk (1988), não pode ser um processo distante e desprovido de paixão. Quando o objeto é conhecido, ele passa a sujeito, e não apenas objeto; e a relação passa a ser quase carnal. E é aí que se estabelece a relação pessoa-objeto.

Pela aquisição dessa imaterialidade contida no livro, o poder do livro é transferido para o sujeito. E essa transferência que pode ser transformadora na vida dos colecionadores de livros, porque eles estabelecem uma relação com o livro que transcende a simples relação objetiva pessoa-objeto. Ela envolve troca de conhecimentos, informações, cultura, formação. Não é uma relação apenas utilitária, de transferência de conhecimento, aprendizagem - ela envolve sentimento, apego. É uma relação duradoura. Envolve estudo, tempo, dedicação, horas de convivência com um livro enquanto está sendo lido, anos e décadas de convivência com o conhecimento armazenado e o livro na biblioteca.

Alguns informantes quiseram deixar bem claro seu envolvimento com a leitura, e que não eram colecionadores somente para “parecer”, mostrar para os outros, mas porque gostam realmente de ler. Ler é uma tarefa difícil. Ela exige tempo, energia, dedicação e um desejo real de se conectar com a história. O leitor precisa estar pronto para a leitura, assim como a criança precisa estar pronta para aprender a pedalar na bicicleta sem rodinhas, e o alpinista para escalar uma montanha.

Ler é um ritual. Alguns precisam de um lugar especial, a cadeira perfeita, a iluminação correta. Alguns começam a ler um autor e não param até esgotar a relação com aquele autor, como Augusto. Eles mergulham naquele universo e vão estabelecendo um hábito quase obsessivo para conhecer a obra daquele escritor.

Para outros, como Cadu no depoimento abaixo, o dia não começa se ele não ler o jornal. É um hábito quase religioso, que acontece todos os dias, um ritual para que o dia comece.

Cadu: Ler pra mim virou um hábito quase religioso. Meu dia não começa se eu não leio o jornal. E foi a partir do hábito de ler jornal que eu comecei a pegar os livros e a ler... Eu tenho uma boa memória, quando eu leio algo que me marca, aquilo fica guardado comigo, eu não preciso escrever, até porque eu leio com atenção. Eu sou um leitor... eu leio realmente com atenção. Quando uma passagem me marca, eu guardo.

Com esta colocação, Cadu quer deixar bem claro que ele não tem nenhuma necessidade de escrever nos livros. Ele é um leitor no sentido literal da palavra – *Eu sou um leitor* – e isso significa eu leio com atenção, e sou um leitor, não tomador de notas. Ele lê, e se for importante, se o tocar, se marcar, ficará guardado com ele, em sua memória. Ele não perde a passagem ao não estar mais com o livro. O que ele está querendo dizer é que leitores de verdade leem com atenção, e guardam as passagens que marcam. Na verdade, essa passagem

ajuda também a justificar o desapareço e a doação dos livros físicos para a instituição de caridade quando mudou para casa da sua esposa. Ele não abriu mão do que era importante, ele não perdeu aqueles livros. O que era importante, e o marcou, já estava dentro dele.

Neste trecho, Felipe resume o poder transformador dos livros, e de alguns livros mais que outros. Não adianta colocar tudo em um mesmo modo de funcionamento. Alguns livros são realmente mais transformadores do que outros, e vão exigir do leitor uma abstração e modos de subjetivação que necessitam de uma transformação interna para serem absorvidos, compreendidos.

Felipe: Porque são leituras muito potentes, altamente transformadoras que você não pode ser o mesmo para ler. Porque essa é a questão. Quando você coleciona, você vai lendo tudo que aparece na sua frente, e vai colocando tudo em um mesmo modo de funcionamento, só que tem livros que para você ler você precisa encontrar modos de subjetivação completamente outros. E é nesse sentido que o livro é um objeto, mas um objeto que transcende muito a sua constituição como objeto. Ele transcende o papel, a materialidade, o físico. É um ponto de atravessamento entre o material e o imaterial, entre a materialidade e a espiritualidade. Entre a corporalidade e a linguagem. Um objeto capaz de carregar uma experiência absolutamente transformadora enquanto forma, de estabelecer outro tipo de relação com o próprio livro e com o mundo. Ele se situa nesse limiar muito delicado. E ao mesmo tempo o livro sozinho é incapaz de fazer isso.

O livro é um veículo para a transformação. Um objeto de papel, com conteúdo impresso. Sem nada de tecnologia. Não tem sons, nem imagens em movimento, nem jogos de luzes ou iluminação. Como pode proporcionar emoções, sensações? Um objeto capaz de carregar uma experiência absolutamente transformadora que transcende a fisicalidade. Quando começam a colecionar e conviver com aqueles livros diariamente, colecionadores começam uma relação com o livro. Uma relação física, material, de posse, mas também imaterial, proporcionada pela leitura. A leitura possibilita, como explica Felipe, um atravessamento entre o material e o imaterial. Uma ponte, uma conexão. Um ritual que conecta para além da materialidade.

Quando começou a fazer suas primeiras viagens de surfe sozinho, Augusto procurava escolher o livro para levar que tivesse alguma associação com a viagem. O livro, então era muito mais que um objeto físico. Algo no limiar entre o real e o imaginário, que o acompanharia enquanto estivesse conhecendo novos lugares, e vivendo novas experiências. Ele carregava o livro com ele, mas o tratava como uma entidade divina, pela qual tinha profundo apego material: não poderia emprestar, nem sujar. Uma relação de posse, ciúme e extremo cuidado.

Augusto: Para mim, o livro sempre teve essa aura divina (pausa e respira) o livro era algo que eu não queria emprestar, eu tinha ciúmes, eu era muito possessivo. Eu acho que a

partir do momento em que comecei a viajar, comecei a associar os livros com cada viagem. Comecei a viajar sozinho para viagens de surf, comecei a escolher e fazer alguma associação sobre o que eu deveria trazer para essa viagem específica, embora eu poderia estar lendo um outro livro na mesma época, eu poderia escolher outro que tivesse mais a ver com a viagem, mesmo sem terminar para iniciar o novo. Há uma série de livros com a data e o lugar onde eu li. Fernando de Noronha, Puerto Escondido, México. Eu costumava escrever o lugar junto com a data no livro. E essa época eu tinha um cuidado extremo com o livro. Eu o tratava como algo muito especial, eu colocava em um lugar para ser adorado, como um Santo ou um Deus. E daí quando eu estava na praia com protetor solar, com as mãos sujas e molhadas, cheias de areia, eu não podia tocar o livro, nem ler o livro... Eu nem levava o livro para a praia, ele ficava protegido no quarto do hotel...

Os rituais de Augusto começavam com a escolha do livro para levar, que não necessariamente era o que ele estava lendo no momento da viagem. Era preciso que o livro tivesse uma associação com a viagem. Precisava ser o livro ideal para aquela viagem. Colocar a data e o lugar onde foram lidos era outra forma ritualizar e singularizar o objeto, manter a ligação do livro com o momento de vida, a viagem, o lugar, os momentos vividos. Entretanto, o ritual mais importante era manter o livro protegido para não ser danificado. Em um lugar para ser adorado como um santo ou um Deus. Uma figura, uma entidade real. O tratamento destinado ao livro era extremamente especial. O livro não podia sair do quarto do hotel, ele não poderia pegar nem ler no momento que desejasse. Enquanto estava na praia, ele não tinha autorização para pegar no próprio livro, com as mãos molhadas, sujas de areia ou protetor solar. Essas regras, critérios e leis de como cuidar dos livros foram estabelecidas por ele mesmo. Como forma de manter a relação com o livro no lugar sagrado que ele mantinha desde que começou a ler. Embora fossem viagens de lazer, para surfar com os amigos, a relação com o livro carregava uma seriedade. O livro sagrado dentro de uma viagem mundana. Conhecimento versus diversão, trabalho versus lazer. A relação com o livro começou dentro de casa, com a assinatura do círculo do livro pela mãe. De alguma forma, a relação com o livro começou com o fascínio por aquele objeto de papel. Era um ritual escolher os livros no catálogo que depois eram esperados e adorados. Da mesma forma que ele continuou reproduzindo os rituais de escolher os livros para a viagem. E continuou cuidando deles, mesmo quando estava viajando e se divertindo.

Para Augusto, o processo de separação do livro físico aconteceu quando transcendeu a sacralidade do objeto. Foi uma mudança na sua percepção, causada pelo afastamento físico, quando deixou sua biblioteca em Porto Alegre.

Augusto: Mas houve um momento em que isso começou a mudar, um ponto de virada que me permitiu fazer a migração para o livro eletrônico. Foi quando eu comecei a desmistificar o livro, e ele perdeu essa aura sagrada. Antes ele (o livro) estava em um lugar que não poderia sujar, não poderia ter areia nele, eu não podia virar a página com as mãos sujas ou molhadas, eu não conseguia ler em todos os lugares que eu queria, e até mesmo fazer marcações nele. Hoje, embora eu não esteja lendo em livros físicos, se eu

quisesse fazer anotações eu faria, eu não tenho mais o mesmo tipo de cuidado que eu costumava ter... eu o transformei em um amigo, um companheiro de viagem.

Esta mudança que fez com que o aspecto imaterial do livro transcendesse seu aspecto físico, suas limitações físicas. Não que antes o livro não possuísse já o aspecto imaterial – porque ele era tratado com algo sagrado, divino. Mas ele estava limitado e cerceado pelo aspecto físico que não podia amassar, molhar ou sujar. A transformação fez com o livro virasse realmente um companheiro de viagem que podia estar em todos os momentos com ele.

Augusto: Foi o que aconteceu quando eu percebi que o livro é uma história que faz parte da minha vida (pausa) e que talvez eu, eu mesmo, tenha me apropriado dessa história durante o período que estou lendo, e isso é uma troca, entre o livro e eu, ... (pausa de novo) e que talvez eu nunca vou voltar a ler este livro, e que essas marcas, sujeiras, (pausa) têm alguma identidade, e fazem também parte da minha história, não é? Como uma cicatriz, E ... uma história a ser contada, não é.

Transcender o aspecto físico é algo que explica a relação que os colecionadores e amantes de livros desenvolvem com seus livros. E o espaço limiar que essa relação ocupa. Uma relação que depende da materialidade para ser concretizada, mas que vai muito além dela. A apropriação da história pelo leitor e possuidor do livro, a troca. No período em que o livro acompanha o leitor, como no caso de Augusto, em suas viagens, a história do livro se funde com a história da viagem e da vida dele. E por mais que ele nunca mais volte a ler esse livro, as marcas, sujeiras ficam para sempre, como a história do livro, em sua memória afetiva. Como se ele tivesse vivido a história do livro, junto com a sua. E a vontade de ter o livro sempre por perto, não se afastar do livro, dos personagens durante o período em que está lendo. Manter o livro, a história, os personagens por perto. Ao parar de tratar o livro como algo imaculado, ele se aproximou do livro e não se privou de ter o livro por perto por medo de danificá-lo. Ele chama o livro de “cara”, como um amigo, parceiro de viagem. E os personagens de amigos, que ele encontra nos momentos de descanso entre uma onda e outra, e uma pausa para descansar. Ele transcendeu além da fisicalidade, a sacralidade do objeto. O livro não deixou de ser importante. Apenas menos intocável, e inclusive mais próximo. Ao perceber que não precisava tratar o objeto com tanta deferência, ele poderia se aproximar dele. Poderia estreitar a relação. Transformar o livro de entidade imaculada em companheiro de viagem.

Augusto: então esta é a relação. Por que eu vou deixar o livro impecável, vou me privar de ter este companheiro na praia por causa do sol, sal e suor. Para quê? Eu não quero deixar o livro no hotel, enquanto eu estou indo de uma praia a outra para encontrar uma boa onda para surfar. Porque entre uma onda e outra, eu posso ler. Mas se eu estou preocupado em danificá-lo, vou deixá-lo no hotel e estarei sozinho sem ele no meu tempo de ócio, lazer entre uma onda e outra. No meu caso específico, eu iria lê-lo apenas quando eu merecesse à noite, na cama limpa e sem areia, sal e suor. Não, esse cara deve estar comigo mesmo durante todo o dia, porque quando estou muito cansado de tanto surfar, eu

quero deitar na sombra e encontrar os meus amigos do livro. Não quero deixá-los trancados no hotel.

Ele fala em encontrar os amigos do livro nos momentos de pausa do surfe. É como se os personagens fossem reais e saíssem do livro para encontrá-lo, ou, como se ele entrasse no livro e vivesse as aventuras junto com eles. De toda forma, é como se existisse um lugar entre o mundo real em que ele se encontra (praia) e o lugar onde os personagens vivem (o livro). O poder do livro vem daí: a capacidade de proporcionar uma viagem para outro país, século, cultura de forma muito simples e barata. A posse ou o acesso a um volume com páginas bem escritas permitem essa viagem. Com a necessidade apenas da capacidade de ler e abstrair, entrar na viagem do escritor. O desejo por compreender o conteúdo. Vestir os sapatos do autor, mergulhar em uma aventura e conhecer o desconhecido.

A relação pessoa-objeto entre colecionadores e seus livros mescla elementos contraditórios, que são re-balanceados ao longo do tempo. Uma parte é sagrada, outra é profana. A adoração por um objeto sagrado, e um desejo de conviver no dia-a-dia com um grande amigo que troca pequenos segredos mundanos. Uma relação distante, de quem você adora, venera, tem receios, medos e cuidados especiais, e uma relação mundana, próxima, recíproca, leve e desprentensiosa. Real e imaginária. Física e transcendente. Concreta e abstrata. Carnal e casta. A relação pessoa-objeto entre colecionadores e seus livros é uma relação experiencial. De transferência, de troca. E como a qualquer outra relação, ela é dinâmica, e muda ao longo do tempo. Nas próximas seções vamos nos aprofundar nas transformações da relação colecionador-livro, nos processos de desmaterialização e superação da materialidade do objeto.

4.4 Transformação da relação pessoa-objeto

O dinamismo da relação pessoa-objeto pode ser observado. No espectro material, envolve transporte dos livros de um lugar para outro ou mudanças de estantes, lugares e prateleiras. Mudanças de interesse por assuntos, prioridades no momento e passagens por estágios de vida distintos. Os espaços onde os livros são guardados, por exemplo, são temporais e transitórios, momentâneos. Os livros mudam de lugar, têm hierarquias e momentos dentro da própria coleção, em função do momento de vida do colecionador, e do envolvimento com cada livro. O espaço mais destacado é dado ao livro que é mais importante naquele momento. Cássio explica, neste fragmento da entrevista, que a prateleira dos livros mais importantes, que ele gostava mais, ia sempre mudando...

Cássio: Na prateleira dos livros que eu gostava mais, os títulos iam mudando sempre, para ter os livros queridos por perto e de fácil acesso. Eles estão ali. Mais perto. Os outros ficavam mais bagunçados, às vezes eu não encontrava... tem também a diferença entre o que é uma coleção completa e o que são os outros livros. A coleção completa vive um desejo de organização, um sonho de todas as lombadas douradas em um espaço especial.

Vemos que as coleções completas têm outro status, assim como os livros considerados especiais em determinada fase da vida e que precisam ficar mais perto, mais ao alcance da mão, mais visíveis. É permitido certa bagunça para aquilo que é menos importante. Os livros mais queridos são como pessoas mais próximas, mais lembradas. Os livros mais importantes ficam em lugares mais nobres, como as fotos das pessoas queridas ficam expostas, mais visíveis. Ou como os melhores amigos, ou parentes, que são mais presentes, mais visíveis. Estão mais à mão, próximos ao toque físico. A coleção completa tem uma conotação sagrada, o desejo de ser cultuada, com todas as lombadas douradas em um espaço especial, diferenciado – um altar. *A coleção completa vive um desejo de organização, um sonho de todas as lombadas douradas em um espaço especial...*

O momento da coleção reflete o momento de vida do colecionador. E as questões por que passam os colecionadores podem ser observadas na evolução da biblioteca, e nas transformações da relação pessoa-objeto. Por mais que exista esse desejo de organização, e os rituais serem os responsáveis pela consolidação da ligação do colecionador com o livro, a questão da organização da biblioteca é um problema na vida de Felipe. Como ele mesmo define, sua biblioteca vive uma crise instaurada e se transformou em uma loucura. Ele não consegue organizá-la porque cresceu demais, sendo que o amor que tem por ela não permite que use critérios muito objetivos para organizá-la. Ela foi organizada afetivamente, na verdade, foi sendo organizada à medida que ele aumentava o número de livros.

Felipe: A crise que eu estou agora. Quando a gente descer lá (na biblioteca) você vai ver essa crise instaurada. Aos poucos eu fui organizando minha biblioteca afetivamente. Porque esse é o ponto: os livros passeiam por projetos, por leituras, por associações... e na medida que eu fui aumentando o número de livros, e me tornando um leitor profissional, um professor de literatura eu realmente resisti muito objetivar minha biblioteca. E daí eu conheci uma bibliotecária em um congresso e pedi para ela vir me ajudar a organizar. E ela falou, olha cara (eu devo ter em torno de 3.000 livros), ou você para para organizar, ou você vai viver nessa loucura.

Como falamos na primeira seção, Felipe começou a comprar livros de poesia ainda menino. Sua relação com a biblioteca é afetiva. Seu amor pela poesia o empurrou para um mestrado e doutorado em literatura, e hoje além de atuar como procurador do estado, é também professor de Literatura. Como ele próprio define: se tornou um leitor profissional.

Ele tem um número de livros de uma biblioteca profissional, mas é cuidada como uma biblioteca de amador, com afeto. Ele chegou a contratar uma organizadora profissional que não conseguiu ajudá-lo, porque na verdade ele não quer organizá-la. Ele quer apenas encontrar seus livros!

A biblioteca acaba refletindo o estágio de vida, momentos e emoções que o dono está vivenciando. Ter os livros pela casa, no escritório, no quarto, na sala. Não encontrar os livros é o mesmo que estar distante dos livros. Não saber onde exatamente guardá-los e mudar diversas vezes os critérios, demonstra como o próprio colecionador está vivenciando as mudanças e processos de transformação da vida. Para Felipe, organizá-los de forma extremamente objetiva, que permitisse facilitar o manuseio de mais de 3.000 livros, seria uma traição a uma biblioteca que foi organizada afetivamente. Ele continua resistindo a esse tipo de organização, porque tudo começou com o acúmulo de livros de poesia, com uma ligação lírica e emocional com ele. Uma relação não profissional, uma relação de afeto. Os livros precisam passear por leituras e associações livres que ele faz, e que a organizadora profissional seria incapaz de reproduzir. Para minimizar o problema, Felipe tomou uma decisão: não compra mais livros. Só se for algo extremamente necessário. Então, no momento, sua desmaterialização envolve procurar livros que ele não leu ainda na própria biblioteca, reler algum livro que o marcou em outra época de vida e não comprar mais nada. Porque se comprar, ele continuará agregando complexidade a sua já complicada biblioteca.

O fato é que assim como em outras relações, a relação com os livros e com a biblioteca é alterada ao longo da vida. E pelas mudanças da vida. Flávio revela também, como está sendo sua vida agora que voltou ao Brasil depois de alguns anos morando na China. Os móveis ainda não chegaram, o que traz a transitoriedade do seu momento para sua relação com a leitura e os livros.

Flávio: eu acabei de chegar da China. Nossos móveis ainda não chegaram. Eu ainda não colonizei (esta) casa, e ainda não decidi aonde vou ler. Eu ainda não tenho um lugar confortável para ler aqui. Eu gosto de ler na minha poltrona que está vindo com a mudança.

E esta não é a primeira mudança de Flávio. Ele já se mudou para Argentina, Espanha. E cada uma dessas mudanças provocou uma mudança na sua relação com os livros.

Flávio: com todas essas mudanças, eu fui me desapegando do livro físico. E fui dando a eles (os livros) aquilo que eu pensei, não sei se a priori ou a posteriori, para resolver um problema psicológico, uma função social: eu passei adiante os livros. Então quando eu mudei de Brasília para Buenos Aires, depois para Madrid, para Pequim e de volta ao Brasil ano passado. Quando eu mudei para Buenos Aires eu levei todos os livros. De Buenos Aires para Madrid, todos também. Chegando em Madrid, eu percebi que aquilo era uma alucinação. Eu tinha sei lá, centenas, ou milhares de livros, que eu não iria ler de novo, ou não iria ler (aquilo que não tinha lido). Sou formado em história, e eu tinha uma

imensa quantidade de livros de história do Brasil. Por uma coincidência, eu tenho um amigo português, que foi meu colega na faculdade no Brasil no tempo que o pai dele estava lotado no Brasil. A mulher dele fazia um doutorado sobre a circulação das ideias políticas brasileiras entre Brasil e Portugal. Eu peguei todos os livros de história do Brasil e de Portugal, coloquei no carro e levei para Lisboa. E dei para eles. Então, eles separaram todos que eles queriam e doaram o restante para a biblioteca da universidade em meu nome. Um processo semelhante eu fiz na China, mas daí eu apenas separei aqueles que eu não queria. Passamos para uma instituição de caridade que tentaria vendê-los, e se não conseguisse, por causa do idioma doaria para uma escola internacional. Ai já não tinham mais tantos livros em português, a maioria em inglês e alguns em espanhol. Agora na nossa mudança de volta, eu tenho menos livros. São mais os da minha mulher, livros de artes porque ela é artista plástica.

Passar os livros adiante é uma expressão interessante usada por vários informantes. E existem várias formas de fazer isso, como o próprio Flávio explica. Quando essa transferência é feita passando livros específicos para uma pessoa específica, ocorre uma transferência de significado, mantendo o valor singularizado. Flávio é formado em história, e durante suas primeiras duas grandes mudanças de país ele manteve os livros de história do Brasil, e de Portugal. E os transportou de um país para outro. No entanto, colocou todos os livros no carro e os deu de presente para uma amiga da família que estava estudando um tema afim e faria melhor uso dos livros. E o poupava de ter que encaixotá-los na próxima mudança de país, que acabou sendo para a China. Quando a nova dona separou os livros que não queria ficar, e os doou para biblioteca da Universidade, ela também compartilhou seu valor singularizado, que poderia ser agora apreciado por vários estudantes da universidade de Lisboa. Já quando Flávio doa todos seus livros, sem um tema definido, e para uma pessoa (ou instituição) que não foi escolhida a dedo e por afinidade com o tema, como a instituição de caridade que venderia os livros para arrecadar fundos, ou doaria para uma escola internacional, o produto volta a ser uma *commodity* e perde seu valor singularizado. Existem então duas formas de desmaterializar via doação. Mantendo o valor singularizado, ou retornando o objeto ao status de *commodity*. Ambas as formas de desmaterialização rompem a relação individualizada entre o dono e a posse, e abrem espaço para que novas relações sejam estabelecidas, seja com o receptor da doação, seja com outras pessoas.

Quando acontece a transferência do significado e a manutenção do objeto singularizado, e ocorre o alinhamento do *self* do novo dono e do antigo dono, uma outra relação é estabelecida: uma relação entre duas pessoas escolhidas, intermediada pelo objeto singularizado. Uma relação pessoa-objeto-pessoa.

Quando a transferência ocorre sem a definição do objeto específico e sem a definição de um destinatário, a relação passa a ser uma relação pessoa-objeto-pessoas, ou pessoa-objeto-eu, tu, ele, nós, vós, eles. A transferência não é feita para uma pessoa específica, mas

para várias. Para uma comunidade. Para a sociedade. Rompendo a relação de posse individualizada que existia entre o livro e o colecionador, o dono e sua posse.

Essas relações só podem ser estabelecidas porque houve uma mudança na relação pessoa-objeto do colecionador, que decide abrir mão do seu domínio sobre o objeto, da sua posse e propriedade. Uma transformação que permite a separação física, o desapego e a transferência de significado. A imaterialidade contida no livro, o poder do livro é transferido. E essa transferência que pode ser transformadora na vida de todos os envolvidos, porque eles estabelecem uma relação com o livro que transcende a materialidade: ela envolve troca de conhecimentos, informações, cultura, formação.

4.5 Separar os livros, separar dos livros

Cadu se define como tendo uma relação racional com os livros e a leitura. Mas, seu discurso está permeado de palavras emocionais e de sentimentos quando vai explicar o momento em que mudou do apartamento onde vivia sozinho, com os livros, para a casa da esposa, e doou grande parte da sua biblioteca...

Cadu: Racionalmente eu falei, para que vou ficar com esses livros se não vou ler de novo... Mas deu um pequeno remorso... por estar me desfazendo deles... porque por menos representativo que o livro tenha sido, não importa - ele participou de alguma forma da minha vida. Em algum momento eu tive que ir lá, comprar, tive que me interessar pelo assunto, pelo livro. Despendi tempo lendo. Não que tivesse que fazer análise, tomar antidepressivo (para me desapegar), mas não foi como dar uma roupa que eu não sinto nada...

Ele fala como se a relação fosse com outra pessoa, e não com um objeto. Como uma separação, e não um descarte. Fala sobre remorso. Remorso é uma palavra forte, que envolve arrependimento, sofrimento. Culpa. Como se ele estivesse abandonando toda a relação de anos com aqueles livros em função da mudança e da nova relação com a esposa.

Cadu: O processo de decidir o que levar e o que não levar foi um pouco difícil. Para os móveis eu não estava nem aí.... Mas os livros... Eu tive que olhar um por um... esse eu preciso mais, esse não. Esse processo obviamente envolveu... sofrimento é uma palavra muito forte... Envolveu sentimento, desapego de algo que em algum momento demandou de mim, conhecer aquele livro, ou aquele tema. Comprá-lo, eu despendi tempo para lê-lo, e por menor que seja, houve um envolvimento da minha pessoa com aquele objeto... e olhei todos. Um por um. Eu olho a capa e eu já sei o que é, que livro é. Obviamente nesse processo eu tive dúvidas, se esse vai, ou se fica... será que vou querer reler...

A separação dos livros que foram doados é um marco, uma ruptura na relação pessoa-objeto. No momento que decidiu doar, Cadu não poderá reler os livros. Embora ele tenha dito:

Racionalmente eu falei, para que vou ficar com esses livros se não vou ler de novo. Os sentimentos envolvidos e o discurso demonstram que foi uma ruptura emocional, uma separação com dor. Uma morte. Uma ruptura, e uma substituição, a relação com os livros ficou no passado, e abriu espaço para o casamento e uma nova relação com a esposa.

Quando Augusto saiu de Porto Alegre para tentar a vida em São Paulo, ele deixou uma biblioteca para trás, e trouxe apenas os livros que tinham maior valor afetivo.

Augusto: Eu não tenho mais os livros físicos ... Eu passei eles adiante... Quando vim para São Paulo, não sei se já mencionei, mas eu sou Gaúcho e vim para São Paulo há 15 anos. Quando eu vim, eu tinha uma biblioteca de livros, uma importante coleção de livros. Mas eu não trouxe meus livros. Eu trouxe roupas, pranchas de surf, meu violão. Eu trouxe apenas alguns livros, os que eu gostava mais, como “Cem anos de solidão”, alguns que tinham mais valor e eu trouxe mais (pausa) para trazer o carinho, o afeto comigo. Eu não tinha família ou parentes em São Paulo... Voltando à época em que eu cheguei em São Paulo, não havia nada relacionado a uma família aqui. Então meus livros eram para mim como uma fraldinha que o bebê que agarra antes de ir dormir, porque isso é tudo que o bebê tem na vida...

O objetivo era justamente trazer o afeto. Ele não tinha família nem parentes em São Paulo. Nada relacionado à família. Nada familiar. Ele estava vindo para uma das grandes cidades do mundo trazendo roupas, o violão, uma prancha de surf e seus livros favoritos. Os livros representavam tudo que ele tinha de importante na vida, como um bebê que se agarra a um objeto quando começa a crescer para manter a ligação com a mãe. Deixar os livros e a cidade natal, por mais que fosse sua vontade, era dolorido. Começar uma vida como publicitário em São Paulo precisava que ele se desapegasse de tudo que era conhecido. E obviamente não dava para trazer a cidade, a família e os livros com ele. Mas o afeto ele conseguiu trazer, armazenado em seus queridos livros selecionados, como “Cem anos de solidão”, que ele tem até hoje. Foi uma separação necessária para recomeçar sua vida. A separação de um peso físico e emocional que ele não queria e não podia carregar para a próxima fase da vida que estava começando.

Augusto: Então eu trouxe alguns livros, porque os livros são pesados, é um peso que você tem que carregar. 15 anos atrás eu já tinha a noção de que livros são pesados, que é um peso que você terá que carregar, e eu realmente acho que (pausa, pensando) Cem anos de solidão é o único livro que eu li duas vezes.

Antônio Pedro se desfez de duas bibliotecas. A primeira, deixou com o primo que fez faculdade de direito com ele. Na época, ele investia todo o dinheiro que tinha em livros de direito. O primo, que estudava nos livros de Antônio Pedro e investia seu próprio dinheiro em outras coisas, teve a sorte de com ganhar uma biblioteca completa quando ele decidiu estudar filosofia e teologia e viver fora do Brasil.

Antônio Pedro: E depois quando eu mudei de vida, no sentido que quando eu terminei o curso de direito resolvi que ia fazer outra coisa, fui pra Roma estudar filosofia e teologia e deixei a minha biblioteca com ele (meu primo), porque também achei que deixar minha biblioteca parada não tinha sentido, né? Ai quando eu voltei, 6 anos depois esse meu primo tinha terminado o curso de direito, tinha ido trabalhar no norte do Mato Grosso e levou toda a biblioteca. Daí quando eu fui visitá-lo ele falou: sua biblioteca está aqui, você vai querer, vai precisar? Ai eu falei, não vou querer nem precisar, não vou trabalhar mais com direito, então eu doei para ele. Minha primeira biblioteca foi doada para meu primo que eram livros de direito. E Eu comecei uma nova biblioteca quando eu comecei a estudar filosofia, na Itália, tinha facilmente acesso a boas livrarias, sebos, então comprei muito livro lá, né? Eu trabalhava durante as férias na Mercedes bens na Alemanha, na fábrica, então eu tinha um dinheiro para comprar livros. E.. eu sempre comprava novos livros, alguns eu já estava utilizando, outros que eu pretendia utilizar no futuro, sempre na área de filosofia. também teologia, eu juntei muita coisa. Dentro da filosofia, assuntos que na época eu estava mais interessado, ou achava que ia me dedicar mais, alguns eu nem dediquei...e eu fui montando um biblioteca razoável, tanto é que 6 anos depois quando eu voltei. E depois Teologia, quando eu resolvi que não iria trabalhar com teologia eu doei boa parte dos meus livros de teologia. Para Diocese de Apucarana.

A forma como ele explica a separação dos livros é bem mais racional do que Cadu e Augusto. Para ele, deixar a biblioteca de direito com o primo, já que não se dedicaria mais a esta carreira, e viveria fora do Brasil, seria um caminho natural. Seu sorriso, entretanto, não esconde a surpresa que teve ao perceber que o primo tinha mudado de cidade e realmente se apossado dos seus livros, e levado para o Mato Grosso. Transportado todos aqueles livros com ele. Até aquele momento, ele poderia ser um guardião dos livros até a volta do primo. A sensação que dá é que enquanto Antônio Pedro investia todo seu dinheiro em livros na época da faculdade, o primo investia em outras coisas mais mundanas. Além de estudar nos livros comprados por Antônio Pedro, ainda ficou com a biblioteca completa e ganhou a sorte grande. Antônio Pedro seguiu sua vida e começou a investir em outros assuntos que lhe interessavam: filosofia e teologia. A vida seguiu seu curso, e os novos livros representavam essa nova vida. Os outros tinham realmente ficado para trás. E novamente ele fará a doação de sua segunda biblioteca: a dos livros de teologia. Nos dois casos os livros continuam singularizados porque permanecem ligados a donos que têm total afinidade com o tema dos livros. O primo de Antônio Pedro, porque seguiu a carreira em direito e precisa dos livros para consulta e estudo. A Diocese de Apucarana, por possibilitar o estudo de teologia para meninos que ambicionam uma carreira ligada a religião e quem sabe se tornarem padres um dia. Por mais que o discurso de Antônio Pedro seja mais racional, ele é o único dos três (comparando com Cadu e Augusto) que ainda preserva uma biblioteca física. Pode ser porque ele estuda e precisa viver cercado pelos livros? Ou porque na verdade, por mais que leia também no livro digital e tenha todo o conteúdo de trabalho digitalizado, possua uma relação

de apego ainda mais forte com seus livros físicos do que ele mesmo imagina? Quando voltou da Itália, ele trouxe 60 pacotes de 5 quilos dos livros comprados na Europa. 300 quilos de livros!

Antônio Pedro: Quando eu voltei (de Roma) eu tinha uma boa biblioteca de filosofia e de teologia. E trouxe tudo. Tinha uma forma bem fácil de trazer. O colégio que eu morava (porque eu estudava e morava em um colégio) de brasileiros em Roma. Esse colégio tinha lá uma expertise de como fazer isso. Na época, o mais fácil era mandar pelo correio, via marítima pacotes de 5 quilos. Então eu me lembro que eu mandei 60 pacotes de 5 quilos... e aí eu mandei pro meu irmão, e meu irmão teve que ir lá buscar os 60 pacotes. Chegou tudo no porto de Paranaguá porque a Receita Federal quis saber o que eram aqueles 60 pacotes, teve que abrir na frente deles. Ver se era livro mesmo, porque livro não tem que pagar imposto nem nada, eu também estava fora há um tempo, então teve algumas complicações, mas no final deu tudo certo. Eu fiquei um ano no sul depois que eu voltei, ainda na dúvida se seria Padre ou não, e quando decidi por não ser peguei a parte dos livros de teologia (assim que decidi não ser padre) e doei para seminário que eu tinha estudado. Foi então a segunda vez que eu me desfiz... hahahaha... Então foi a segunda vez que eu me desfiz de uma boa parte da minha biblioteca, fiquei com uma pequena parte de teologia, e mais filosofia e literatura, né? ... o livro dá sempre esse trabalho de transporte, mudança....

Antônio Pedro ri de ter se doado duas bibliotecas completas como se não compreendesse por um lado porque fez isso. Ou afirmando que realmente acha uma atitude curiosa. De desapego profundo pelos objetos que mais ama, escolheu, comprou, estudou e cuidou por tanto tempo. Racionalmente é óbvio que não faria sentido manter livros que ele não usaria, mas ele mandou 300 quilos de livros, pagou por esse transporte e depois doou boa parte para o seminário que tinha estudado. Em todo seu discurso desde o princípio da entrevista, fica claro que todo o dinheiro que teve na vida foi usado para comprar livros. Trabalhava na Mercedes Benz para ter dinheiro para comprar livros – não para viver, mas para comprar livros. Investia tudo que tinha na faculdade em livros. Ele reforça: *foi a segunda vez me desfiz...* faz um silêncio e depois cai em uma risada gostosa, de quem ri de si mesmo. Ou de quem se lembra daqueles livros e dos momentos vividos com eles. Da separação daqueles livros passados adiante com todo seu valor singularizado.

4.6 Estabelecendo novas relações

Cássio tem uma história diferente de separação dos livros. Transformou sua biblioteca em um pequeno sebo de rua e conseguiu uma proeza: estar mais perto dos livros depois de ter decidido passá-los adiante. Hoje passa o dia com os livros. Entre uma conversa e outra com amantes de livros como ele, se desfaz dos livros. Assim, garante seu sustento e ao mesmo

tempo trabalha para que os livros cheguem às pessoas corretas. Como ele conseguiu esse feito? Depois de abandonar uma carreira como editor de um conhecido Jornal, ele hoje vive de tudo que acumulou enquanto colecionador, fazendo uma excelente curadoria porque os conhece profundamente. Vem acumulando os livros há mais de 3 décadas e já é conhecido como *sommelier* de livros.

Cássio: Eu sempre acumulei muitos livros ao longo da vida, e a ideia de abrir esse negócio também surgiu porque eu tinha um patrimônio considerável que permitiu a abertura do sebo.

O apelido de *sommelier* de livros vem da sua habilidade de recomendar o livro correto para a pessoa correta, no exato momento de vida que ela precisa ler. Uma analogia com a habilidade dos *sommelier* de vinhos de recomendar o vinho perfeito para determinado prato, para maximizar a experiência gastronômica. Aqui também o objetivo é potencializar a experiência de leitura e do encontro com o livro perfeito para a época de vida ou para se transformar no presente perfeito para uma pessoa querida.

Os livros físicos foram um patrimônio que Cássio acumulou, e permitiu que ele abrisse o sebo. O apego material que ele tinha pelos livros físicos, pelo cheiro, pelo toque; ele transformou em sua fortaleza para singularizar esses livros para outras pessoas. A forma de desapegar e transferir o afeto que tinha pelos livros, transferindo os livros para outras pessoas através da venda no seu sebo. Ele conhece aqueles livros como ninguém, e por isso consegue fazer recomendações certas. A sacola especial e o embrulho para presente são a forma de comunicar como ele ama aqueles livros, e que eles merecem um invólucro especial para serem passados adiante. Assim ele está diferenciando também de outros sebos que existem e que são como um depósito de livros velhos vendidos a preços baixos, mal arrumados na prateleira.

Cássio: eu tento tratar o livro como um objeto (que tem valor), assim eu embrulho o livro (usado) para presente, eu tenho um papel bonito, Eu estou tentando transformar o livro usado em um presente bom. Se você vai num sebo da Teodoro, ou da Pedroso, eles te entregam o livro em um saquinho xexelento, de plástico, verdinho, que parece saco-de-lixo! Eu tenho uma sacolinha bacana, e embrulho para presente. Fazendo assim as pessoas vão tendo vontade de consumir, vão vendo que às vezes é mais legal dar um presente usado, com uma história, que tenha vindo de uma biblioteca, que tem o carinho do ex-dono, (que tem mais valor) do que um negócio novinho em folha.

Os livros do sebo de Cássio são os seus livros, não qualquer livro. São livros que ele colecionou e singularizou durante toda uma vida. Ele os conhece bem, ele convive com eles há muito tempo. Hoje ele também compra outros livros que têm valor para serem revendidos no seu sebo. Ele não compra ou recebe qualquer coisa que queiram lhe vender e deixa bem

claro que ali não é um depósito de livros usados e sem valor. O sebo é um lugar para encontrar livros de valor, bem recomendados, para serem transferidos para os donos certos, na hora certa. No processo de transferência de significado em que o objeto é passado para outra pessoa escolhida, a singularização do objeto é mantida. Por mais que exista uma venda, e um valor de troca, o ritual de passagem de dono garante que o valor seja repassado, e o objeto não é commoditizado. Existe um alinhamento do *self* de ambos que garante a transferência de valor, e da manutenção da singularização. O livro aqui intermedia uma relação pessoa-objeto-pessoa.

Esse processo cria valor para o livro usado. E o transforma em um livro novo para o leitor que ainda não leu aquele livro. O que é um livro novo? O livro novo é o livro que acabou de ser lançado? Ou é o livro que eu ainda não li? Para ser novo, precisa ter cheiro de novo e ter acabado de sair da gráfica? Ou o fato de ele vir recomendado por um grande leitor e colecionador de livros, que leu e apreciou o livro, faz dele ainda mais especial do que um livro novo em uma livraria?

O primeiro nível de contaminação se dá do livro para a pessoa. E da pessoa para o livro no processo de singularização do objeto, e de transferência do conhecimento. O segundo nível de contaminação seria quando objeto é passado para outra pessoa, e carrega a história de vida e energia do dono anterior.

Na literatura, o conceito de contaminação muitas vezes foi associado a conotações negativas (McCRAKEN, 1986). Adquirir objetos de outras pessoas está intimamente ligado ao universo da outra pessoa, e que precisa ser apagado antes de ser passado adiante. Neste caso, parece ser exatamente o contrário. É a história do objeto com o dono anterior, que faz o objeto ter ainda mais valor. O valor é transferido nesse caso porque é o próprio ex-dono que faz a venda. Não existe intermediário, então o objeto continua carregando o valor que o ex-dono vê nele. Apesar de ser uma venda, o ex-dono da biblioteca escolhe o novo dono e recomenda o livro para aquela pessoa. Ele faz uma curadoria cuidadosa para ter certeza que seu objeto singularizado vai para as mãos de outra pessoa que cuidará do livro com o mesmo carinho que ele cuidou por tantos anos. Ele embrulha para presente, escolhe o papel, coloca em uma sacolinha especial. O sebo de Cássio não é um lugar qualquer para fazer o descarte dos livros. É o lugar sagrado capaz de fazer uma transferência de valor. Hoje, ele não compra mais livros para ele, compra para o sebo. Como o acervo do sebo é orgânico – tem sempre livros saindo e entrando – os livros de interesse ele pega emprestado do sebo, e depois coloca na prateleira para os clientes.

Antônio Pedro também não eliminou o valor transferido para os seus livros antes de passá-los para seu primo ou para o seminário. Parte do valor que aquelas bibliotecas possuíam vinham de ter sido singularizadas por ele. Livros que foram escolhidos, cuidados, lidos e amados. E depois apenas transferidos de dono, para poderem continuar sua biografia sendo apreciados, e não esquecidos.

Os livros raros são objetos de desejo de muitos colecionadores. No caso dos livros raros, a contaminação negativa também não acontece. Muitas vezes é justamente o fato de ter uma dedicatória ou de ter pertencido a uma coleção importante que torna o livro raro. Ele traz uma história com ele, um significado, que o singulariza por isso.

Rodrigo, médico de formação, se transformou de colecionador em revendedor de livros raros. Ele e o atual sócio, também ex-colecionador, frequentavam sebos semanalmente para procurar e comprar raridades. No começo, ele e o sócio conciliavam a medicina e a paixão por livros. Depois transformaram a relação com o livro na sua atividade principal. Ele conta como isso aconteceu:

Rodrigo: No começo a gente ia em sebos procurar coisas para nós, para ler. Daí você começa a ter contato com essas coisas diferentes, raras, que eu nem sabia que existiam. Pela curiosidade, começamos a juntar, a montar um pequeno acervo de raridades, e surgiu uma ideia: por que não montar uma livraria e intermediar a venda destes livros? Daí você começa a fazer uma espécie de garimpagem do raro, a desenvolver um olhar. E começa a perceber o que o tem valor, vira um livreiro.

Aos poucos foram ficando conhecidos no meio, por bibliotecas e colecionadores e foram construindo um nome no mercado de livros. Intermediar a relação entre amantes das raridades e os objetos de desejo encontrados nas suas buscas se tornou um hobby, que substituiu o hobby de colecionar. A nova atividade envolvia também a busca, garimpagem, compra e ainda uma nova etapa: a venda. A venda singularizada. Assim como a doação de um livro escolhido para uma pessoa escolhida a dedo, ou a venda no Sebo de Cássio, a venda no caso dos livros raros também é singularizada. Ela tem preço, valor de troca, mas o item comercializado não é commoditizado.

Eles produzem catálogos que são como grandes livros que apresentam e valorizam as raridades sendo comercializadas. Os clientes recebem o catálogo das raridades sendo vendidas naquela temporada. São duas temporadas anuais. Eles passam seis meses buscando os livros, produzem o catálogo e então começam a venda. Participam de feiras, fazem leilões e então concretizam o trabalho. O catálogo tem o mesmo objetivo do papel para presente e da sacolinha customizada em que Cássio embala seus livros no sebo: comunicar o valor diferenciado dos objetos sendo comercializados.

No caso de Rodrigo, assim como no de Cássio, houve uma mudança na relação pessoa-objeto, para uma relação pessoa-objeto-pessoa. Quando era colecionador, Rodrigo estava interessado na relação pessoa-objeto, ele com o livro. Ele comprava o livro para ele, para ler, armazenar, colecionar.

O ato de colecionar e vender acaba ficando incompatível e criando um conflito entre pegar para você e vender. O apego ao livro físico ainda existe. Ele me contou como quando gosta muito do livro, dificulta a negociação para ver se o comprador desiste da compra.

Rodrigo: Você não pode ter o apego no sentido de (não querer) se desfazer dos livros. Quando você encontra algo muito bacana, que gera uma empatia, às vezes é difícil vender, passar adiante. Ai na própria negociação você dificulta, eu tendo a ser mais duro, negociar mais, não aceitar o primeiro preço que vem. Ou você nem coloca a venda no começo. Mas a gente tenta ser um pouco pragmático. O que a gente gosta normalmente é o que o cliente vai gostar, então não dá pra segurar. Passaram coisas bacanas por aqui. A dedicatória é uma coisa interessante, e transforma um mesmo livro em três raridades, por exemplo. Se você for na biblioteca do Mindlin, você vai ver que ele tem três exemplares do mesmo livro do Drummond. Esse é do Drummond para Manuel Bandeira, esse é do Drummond para mim(Mindlin), e esse é uma edição limitada sem dedicatória. Ou às vezes tem uma poesia como dedicatória. Passou por aqui o livro do Monteiro Lobato que tinha duas dedicatórias. Uma em uma data e outra 27 anos depois quando ele estava jantando com essa pessoa, pegou o livro e escreveu de novo, colocando a nova data e deixando o livro duplamente marcado. Transformou o tal exemplar em extremamente diferenciado. Ou várias primeiras edições que passaram por aqui, a primeira edição é sempre um exemplar único desejado

Ao se transformar em livreiro e desenvolver o faro em descobrir o valor nas raridades, ele optou por deixar de ser colecionador. Era muito difícil conciliar o desejo por manter o livro, e ao mesmo tempo ter que passá-lo para alguém que queria pagar uma bela quantia pelo livro. Hoje Rodrigo não é mais colecionador, embora continue executando vários rituais dos colecionadores. Garimpa raridades e as vende para colecionadores ávidos por possuir aquele item na sua biblioteca. Não os armazena, passa adiante. Ele intermedia relações, e constrói uma nova relação: pessoa-objeto-pessoa. Ele aproxima os objetos de desejo, raridades, dos colecionadores ávidos por possuírem esses objetos singularizados, como itens autografados e primeiras edições.

Ele também não atua mais como médico. O que começou com uma atividade paralela, virou sua atividade principal. A revenda e intermediação de livros raros cresceu tanto que ele não conseguiu mais conciliar com a medicina. A nova atividade preencheu sua vida, com os livros que ele revende. Ele já queria abandonar a medicina, assim como Cássio não queria mais trabalhar como editor do Jornal e se transformou em *sommelier* de livros. Ambos

transformaram sua paixão por livros em negócios que desmaterializam suas bibliotecas e intermediam novas relações de pessoas com os livros, e deles com outras pessoas também amantes de livros. E o mais importante: os mantêm ligados aos livros. Desmaterializando, mas sempre próximos do universo literário e do colecionismo.

O acesso ao conteúdo, ao livro digital e a compra pela internet são outras formas de transformar a relação com o livro físico. E a consolidar o valor imaterial, e a superação da sua materialidade. Porque a materialidade obviamente tem limitações que o mundo virtual ajudou a diluir.

Cadu: Eu sempre gostei de ler (em inglês) e existiam uma série de livros que não existiam no Brasil. E quando apareceu a internet e a Amazon eu comecei a encomendar, livros tanto para mim quanto para o meu pai. Só que quando você encomenda demora uns 30 dias para chegar, e ainda tem o custo de frete. Quando surgiu a história do Kindle, aquilo obviamente me chamou atenção. E me lembro em uma viagem de avião a primeira vez que vi o Kindle. Era um voo para o Rio e tinha uma mulher lendo em um aparelhinho. Eu fui cara de pau e pedi para ver, e me encantei. Ai eu comprei, acho que era o segundo modelo que saiu, nem era touch screen, tinha teclado...

A curiosidade de Cadu fez com que ele abordasse uma desconhecida para ver e pegar aquele aparelhinho que ele já tinha lido a respeito. Um objeto leve e pequeno que prometia o armazenamento de vários livros e o maior benefício de todos: a possibilidade de adquirir livros importados em instantes. O livro digital removeu barreiras alfandegárias, como tempo de importação e acesso aos livros, contribuindo para a superação das limitações de tempo e espaço. Como a aquisição de um livro recém lançado nos EUA dentro do *e-reader*, como mágica! A possibilidade de adquirir e ler o livro instantaneamente foi algo que fez Cadu se apaixonar.

Cadu: E te digo como foi: eu me apaixonei. Melhor experiência que em tive em todos os sentidos. E passei a ter os livros importados comigo em 30 segundos! O que antes levava 30 dias. As primeiras sensações foram maravilhosas. Primeiro, ter o livro rápido. Depois o sample, a possibilidade de ter acesso à parte do conteúdo que pode te motivar ou não a comprar, explorar várias possibilidades que em outra situação você não exploraria. Acho isso uma possibilidade fantástica do sample, permite que você explore outros temas e autores. A outra coisa é o ajuste do tamanho de letra. Você pega uns livros com letrinhas minúsculas, então poder ajustar deixa a leitura mais confortável. O Kindle também é levinho, e eu gosto de ler deitado, então isso pra mim foi uma delícia. Além de viajar muito mais leve, se você acaba de ler você imediatamente baixa outro livro...

Ele lista vários benefícios que a nova relação com o aparelhinho lhe proporcionou. A leveza, o conforto, a possibilidade de mudar o tamanho da letra, do acesso ao *sample* que permite explorar vários livros e temas de interesse antes da compra. Além é claro do maior

benefício para ele: a capacidade de acessar todo o conteúdo da *Amazon* e receber no seu *device* em segundos. Não há mais o risco de um livro acabar no meio da viagem e você ter que sair para procurar. Basta um acesso à internet e o livro rapidinho aparece dentro do aparelho.

A relação com as histórias contidas nos livros continua, e é resignificada. Ele absorveu o impacto da perda física, e estabeleceu uma nova relação com o livro digital. Que é baseada nos mesmos valores da relação física que ele tinha. Ele usa o *gadget* como portal para permitir o acesso aos livros. A nova tecnologia permitiu que ele comprasse os livros importados (ele lê muito em inglês) em um piscar de olhos. O que antes demorava 30 dias e tinha um custo adicional ele agora recebe em segundos depois de pagar. E descreve a nova relação como fantástica, e cheia de novos benefícios que a relação anterior não permitia: acessar parte do conteúdo *on line* e sem custo com o *sample* para decidir se vai ou não comprar o livro, a leveza do aparelho que permite que ele leia deitado, a possibilidade de mudar o tamanho da letra, de viajar muito mais leve e de comprar o livro novo sem precisar sair de casa, com um *click*.

Para David, pai de Cadu, um homem em seus 80 anos, amante dos livros e encantado pelo *e-reader Kindle*, a grande questão é porque a receptividade nacional do aparelho não foi tão grande. Para ele, que é um leitor voraz e estudou nos Estados Unidos, a possibilidade de adquirir seus exemplares em inglês quase ao mesmo tempo em que seus amigos de fora do Brasil conseguem, é um milagre. Ele usa um modelo que não é *touch-screen*, o modelo com teclado que seu filho passou para ele. É o filho quem compra os livros para David. Por mais que seja simples, ele só lê no aparelho, o resto todo quem faz é Cadu.

David: Considerando a praticidade, eu pessoalmente adoro e realmente não deixo de usar (o Kindle). Leio muito bibliografias que a Amazon publica, tenho uma atração especial por histórias de banqueiros. Recorro ao meu filho, porque sou um zero a esquerda tecnológico e felizmente tenho um filho que conhece muito de tecnologia e me ajuda. Eu escolho o livro e depois de 2 minutos já está aqui. É uma maravilha. Antes eu pedia e demorava muito para chegar. Eu substituí as vantagens (do livro físico) por outras vantagens. Sempre me entretive através dos livros e com os livros e continuo fiel a meus velhos hábitos, continuo lendo bastante... Tenho uma fraqueza enorme pelos livros. Estudei numa escola religiosa, a influência religiosa foi bastante forte e ainda hoje é. A gente sempre se sente preso aos valores antigos, e tenho grande relação com os rabinos, meus pais eram de formação religiosa, e me mandaram para os Estados Unidos estudar em uma escola religiosa.

David deixa claro que permanece fiel a seus antigos hábitos e parece ser uma pessoa bastante conservadora. Mas aceitou facilmente o livro digital por todos os benefícios que ele proporciona, e porque a grande questão é o acesso ao conteúdo. Embora possa parecer um ato

transgressor, um senhor de oitenta anos lendo no *Kindle*, ele tenta explicar que para ele isso não tem nada de diferente. Estranho é o fato do livro digital ter ainda uma participação tão pequena de mercado no mundo e no Brasil. Ele fala como se o lançamento do *Kindle* fosse uma das grandes invenções da humanidade. Um objeto que além de tudo, permite estar próximo ao seu filho. Tanto Cadu quanto David citaram bastante um ao outro durante as entrevistas. A relação deles parece forte e continua intermediada pelos livros. Cadu se interessou pela leitura vendo o pai ler e crescendo no meio dos livros. Agora, ele presenteou o pai com um *Kindle* e o ajuda baixando os livros da internet. Também sempre o socorre quando o aparelhinho trava ou tem qualquer problema.

Antônio Pedro também valoriza todos os benefícios proporcionados pelo livro digital. Ele lê no *ipad* e digitalizou praticamente toda sua biblioteca, embora a mantenha também física e intacta, pelo menos a de livros de filosofia. Quanto aos LPs e cd's, ele já desmaterializou tudo.

Antônio Pedro: eu leio muito no i-pad, uso para estudar, dar aula, ler jornal. Assino jornal no ipad, assino o Estadão e o Globo, leio todos os dias esses dois jornais, leio o jornal italiano e o alemão no ipad também. Eu fui uma das primeiras pessoas a dar aula com Ipad, mando a aula por e-mail e não preciso mais carregar um monte de livros para a sala de aula. Antes eu tinha que deixar o material no Xerox para os alunos tirarem cópia, a tecnologia melhorou muito esse processo. O processo de desapego foi assim, quando eu fui pra Roma eu levei só uma mala de roupa. Os LPs eu deixei com meu irmão. Ai eu comecei a comprar CDs. Eu tinha um armário, mandei fazer. Uma época eu tinha mais de 500, quase 1000. Ai quando começou essa história de mp3, eu converti tudo hoje tenho 160 gigas de música. Ai eu os cd's eu deixei no apartamento do Rio (com minha ex mulher), a maior parte eu levei para lá, muita coisa eu vendi porque tinha um sebo no Rio que comprava musica popular brasileira, jazz. Mas os livros, ah os livros é um pouco mais difícil...

Ele, conta que antes da possibilidade de comprar os livros na internet e baixá-los, era um assíduo frequentador de sebos no centro do Rio de Janeiro, principalmente a livraria Leonardo da Vinci, que de tão lendária tem até um poema de Carlos Drummond dedicado a ela. A Livraria foi fechada ano passado, e já recebeu várias menções sobre a tristeza deixada por seu fechamento. Era ponto de encontro de intelectuais cariocas que se encontrava ali entre um livro e outro para bater papo e ter acesso à literatura de qualidade. É famosa pela quantidade de livros importados que possuía e um complexo sistema de importação de livros de vários países. Com as facilidades da internet, a Livraria perdeu seu maior diferencial. Nas épocas áureas, possuía uma tabela com o dólar-Livro, franco-Livro, marco-livro, uma conversão que os frequentadores já estavam acostumados. Depois de feita a conversão era só pagar no caixa e esperar um ou dois meses para a chegada do livro.

Antônio Pedro: quando eu vim para Juiz de Fora, já faz 20 anos, eu comprava principalmente nas livrarias e importava os livros que eu precisava. Mas aqui as livrarias aqui não são tão boas, então eu comecei a comprar pela internet... o fato de agora poder comprar em e-book ou conseguir comprar na internet em pdf me facilitou muito a vida, tanto em termos financeiros como práticos. Por que eu comprava livros na Itália, Alemanha, França para pagar depois o custo era alto e depois ainda tinha o transporte, pior, complicado, e a demora. Eu comprava muito na livraria Leonardo da Vinci (no Rio), e tinha o dólar livro que tem uma conversão bem mais acima que o dólar. Você chegava lá escolhia o livro na estante e o preço estava em dólar livro, francos livro – que já incluía o custo do transporte, outros custos. Ai você levava no balcão e eles faziam a conversão. A Leonardo da Vinci tinha muitas opções, em filosofia você precisa estudar sempre o livro importado, no original ou outras traduções em inglês, espanhol e português para poder comparar, ver a intensão do autor, porque não é só ler, é compreender bem o texto. A questão dos conceitos, jogo de conceitos.

O livro digital acabou com a conversão ao dólar-livro, a livraria Leonardo da Vinci e tantas outras pequenas livrarias, possibilitando o acesso instantâneo ao conteúdo dos livros importados sem a necessidade de um intermediário. Basta apenas um *device* para prover o acesso: o *e-reader*, o *tablet*, o computador ou mesmo o *smart phone*. A mágica que David e Cadu tanto apreciam e que realmente revolucionou o mercado de livros, principalmente importados. O acesso aos livros importados foi muito facilitado, e melhorou a vida de profissionais como Antônio Pedro, que precisam dos livros no original ou traduções em vários idiomas para poder fazer as análises filosóficas e compreender os textos estudados.

A transformação, embora valorizada, deixa saudades. Saudades de um tempo em que era possível encontrar Drummond olhando as prateleiras. Uma época em que as pessoas liam mais e cresciam em casas com mais livros empoeirados, porque não havia outra forma de ter o conhecimento por perto. A tecnologia trouxe inúmeros benefícios, mas deixou a sensação de vazio e nostalgia, saudades de um tempo vivido, de uma época que as pessoas corriam menos, tinham mais tempo e menos insegurança.

4.7 A ponte que une passado e o futuro

O livro físico, e as bibliotecas estão impregnados pela nostalgia, pelo passado. A manutenção da memória física, visível, palpável. Uma proteção frente às ameaças da vida contemporânea, onde tudo é descartável, rápido, volátil. Os livros carregam fisicamente o peso e o legado da transferência do conhecimento por séculos. Por mais que possuam o valor imaterial, sua fisicalidade é valorizada também como característica que os objetos digitais não conseguem prover. A sensação física de ter o conhecimento armazenado em algo tangível e visível torna a acumulação física significativa, e o ato de desmaterializar ainda mais desafiador.

Cássio: Essa questão de transmitir o conhecimento...imagina um momento da humanidade que não tenha mais luz, por exemplo. Pode acontecer um black out, uma pane... E aí? Onde você vai carregar seus gadgets? Neste dia fatídico, quem guardou coisas físicas terá o conhecimento. Quem não guardou, vai perder. Aí vão ter as bibliotecas do congresso, da USP, mas fora isso...

Cássio, o dono do sebo de rua em São Paulo, tenta explicar o perigo de uma pane, um *black out* que pode destruir todo o conteúdo armazenado nas nuvens, na rede, impossibilitando o acesso a ele. Neste momento, não seria possível carregar os *gadgets* eletrônicos que conectam os indivíduos ao conhecimento. Apenas as pessoas que tivessem o conteúdo impresso, físico, armazenado em casa teriam acesso. E as bibliotecas físicas passariam a ter novamente o status que tiveram no passado: de protetoras do conhecimento. Esse discurso simboliza uma insegurança com todas as transformações rápidas da atualidade que deixa o conhecimento vulnerável ao risco de uma pane elétrica que pode apagar toda a história de uma única vez. O sentimento nostálgico mistura o desejo de voltar ao passado, com a lembrança de que naquela época as coisas eram melhores e mais estáveis.

A nostalgia e a busca pelo passado também aparecem no sonho da biblioteca de Cadu. Hoje ele tem praticamente todos os livros digitais e desmaterializou sua biblioteca, mas vive uma questão com seu sonho da biblioteca ideal narrada na primeira seção. Ele tenta me explicar como seu sonho de alguma forma foi desmanchado com o livro eletrônico.

Cadu: eu confesso para você que esse sonho acabou desmanchando um pouquinho (o sonho da biblioteca ideal) com a questão do livro eletrônico...porque hoje eu colocaria na minha estante só um Kindle..quer dizer, vou fazer um monte de estante e ficaria tudo vazio e um kindle ali no meio. E eu me recuso a colocar livros de mentiras, só umas capas. Eu precisaria adaptar meu sonho (da biblioteca) a essa nova realidade tecnológica. Em que eu não terei a sensação de ser abraçado pelos livros, por aquele monte de livros. Muito agradável. De você ser abraçado por tudo que você mais gosta. Ser abraçado, receber o abraço de quem gosta de você, é a mesma coisa. E aí é que tá, eu tenho um outro conceito.

Ele tenta traduzir a imagem na sua cabeça agora que não tem mais os livros físicos e a dificuldade que a tecnologia impôs para a realização do seu sonho com a mesma veracidade de antes. Sua biblioteca dos sonhos seria composta por várias prateleiras vazias e um *Kindle* ali no meio. Ele percebe a necessidade de adaptar o sonho à nova realidade tecnológica. Mas sente falta da sensação do abraço dos livros, de se sentir envolvido pelos livros físicos. Uma sensação que ele descreve como sendo muito agradável. A mesma de ser abraçado por quem você mais gosta. O livro representa as pessoas que ele mais gosta, ser abraçado pelos livros pode ser comparado ao abraço das pessoas mais queridas. Interessante que esse discurso vem da mesma pessoa que se apaixonou pelo livro digital e está satisfeito com esta relação. A nova

realidade, entretanto, colocou seu sonho à prova. E ele continua afirmando que a biblioteca para ele não pode ser de mentira, ela precisa ser real, verdadeira.

Cadu: Eu não acho que a biblioteca possa ser virtual, ela tem que ser verdadeira. Os livros que estão lá precisam ser comprados, lidos. Tem que pegar cada um deles e contar a história daqueles livros, se não, não faz sentido, na minha opinião, se não é para que? Para galera? Para torcida? É pra mim. Cada livro que eu tinha na estante, quando eu tinha minha biblioteca, eu sabia te dizer cada um deles, a história de cada um deles, o que eu li, se eu gostei, se não gostei, até onde eu li, ou porque eu não li. Olha, comprei e não li por causa disso, mas ele tem um vínculo comigo. Não adianta colocar uma porção de coisas lá que não te dizem absolutamente nada. Tem que ter um vínculo como você, se não fica uma coisa de mentira. E de mentira já basta para mim. Já estou cercado de tanta mentira, tanta falsidade, que pelo menos no meu íntimo eu quero estar cercado de verdade...

Na sua biblioteca, os livros precisam ser verdadeiros, e além de reais, físicos e tangíveis, eles precisam ter participado da sua vida. Ele precisa contar a história da biografia da vida deles: onde foram comprados, lidos, se não foram lidos, as razões da não leitura, se tinha gostado ou não daquele livro, daquela edição e daquele autor. A materialização precisaria ser real, ou seja, ele deveria ter passado pelos rituais de materialização para que o livro pudesse ser considerado seu. Buscado, comprado, organizado, cuidado, lido. Ele precisava ter um significado para pertencer à biblioteca. Caso contrário, seria uma mentira. Algo para os outros verem. Uma comunicação falsa da relação existente entre ele e os livros ali presentes. Ele quer estar cercado de verdade e não de mentiras. De livros reais e não falsos. Ele não acha que a biblioteca possa ser virtual. Aqui, o significado da palavra virtual é quase sinônimo da palavra falsa. Aqui percebemos uma diferença entre o acesso à imaterialidade do livro permitida pelo livro digital tão apreciada por ele e seu pai, mas a impossibilidade de materializar essa imaterialidade em uma biblioteca. Para Cadu, o livro pode ser digital, a biblioteca não. A biblioteca precisa ser física e abraçar o dono. O livro só precisa transferir o conhecimento com sua imaterialidade acessível digitalmente. De toda forma, parece que o livro digital substitui razoavelmente bem o livro físico em relação ao acesso ao conteúdo. Mas a falta da materialidade sim é sentida, independente de todos os benefícios que o livro digital tenha trazido. O desaparecimento da biblioteca deixa um vazio literal de algo que desapareceu fisicamente.

Cássio faz uma separação bem clara dos benefícios dos livros digitais e físicos, e também de outras mídias relacionadas a música. A relação que estabelece com cada uma é diferente: as mídias digitais são descartáveis, de curto prazo, as físicas, são para guardar, e têm um significado de *para sempre*.

Cássio: Minha relação com as mídias digitais é uma relação mais descartável, preciso ler isso, um livro, uma revista, ouvir uma música, eu baixo, eu leio...eu tenho o ipad...Ai se eu gostar, eu compro o LP, que é mais rico que o CD, ou o livro físico, que é mais rico que o livro digital. Ele é rico porque você pode presentear, guardar, a mídia digital você não pode guardar. Se você morrer, você não vai deixar para alguém, deixar para alguém em um testamento sua biblioteca digital. Eu tendo a achar que o que é para guardar, para presentear, vai sobreviver, o que for mais descartável, é consumível. Ai você vai escolher o melhor. O livro de capa dura, o LP, o encarte para você guardar, doar para alguém, uma pessoa querida. Acho que as mídias vão conviver normalmente, mas o produto físico vai ter que ser o melhor, e mais agradável do que ele é. O livro de bolso, por exemplo, tende a esfarelar, o papel é pior. Acho que ele não é tão agradável como um de capa dura!

Cássio estabelece categorias e benefícios para cada uma das mídias existentes, comparando LP's e livros de capa dura, como mais ricos que os objetos digitais, como o livro digital e o MP3, que têm o benefício de prover o acesso, mas não são tão efetivos para manutenção do seu conteúdo a longo prazo. Ele aposta que essas mídias vão coexistir e conviver, cada uma com seus benefícios. Apenas as que não tiverem benefícios claros, ou estiverem no meio do caminho, como os livros “de bolso” estarão com os dias contados. Isto porque seu maior benefício de garantir o acesso e ser um livro com valor econômico mais baixo tende a perder terreno para o livro digital. Seu papel de impressão é ruim, não proporciona uma leitura tão agradável e não tem o mesmo valor de um livro de capa dura que pode ser guardado. Deixado para posteridade e doado. Assim como Cadu não acredita na biblioteca virtual, Cássio não imagina como colecionadores deixarão bibliotecas virtuais em testamento. Ou como essas bibliotecas poderão ser doadas ao invés de virar lixo eletrônico virtual perdido em alguma nuvem sem acesso por falta de senha ou conhecimento da existência.

Juliano, o arquiteto apaixonado por viagens, é taxativo: ele não gosta do livro digital. Ele até fala dos benefícios para o material de trabalho e estudo, e para a conclusão do doutorado. Mas não se sente confortável lendo no livro digital.

Juliano: Não (eu não gosto do livro digital), porque eu gosto do físico... Um certo apego com o livro real, essa é uma coisa que pra mim é importante, eu não tenho interesse (no livro digital), não me sinto confortável. Com exceção do material de trabalho, bibliografia do meu doutorado, isso eu tenho quase tudo em PDF, eletrônico, e não tenho apego, imprimo e depois joga fora, delete aquilo que não preciso mais.

Por ser arquiteto, projetista e trabalhar com projetos reais em que coisas são desenhadas e depois executadas e construídas, fisicamente, o mundo digital parece pouco real para ele. Como planeja viagens, escolhe roteiros a serem visitados, as imagens e as cores também são muito importantes. Por isso não imagina substituir suas coleções por livros digitais. No caso do material do doutorado, tudo bem. Teoria, artigos, publicações podem ser acessadas, e até impressas, mas são temporárias. São descartáveis como explicado por Cássio.

Não são como *souvenirs* trazidos de uma viagem a um castelo que talvez não seja nunca mais visitado. Os livros para Juliano são muito mais do que objetos para informação, são instrumentos físicos para preparação da viagem e para armazenar as experiências reais vividas. Eles precisam ser físicos, reais e materializados.

Esses discursos estão impregnados pelos valores do passado que o livro físico carrega. Todos têm trajetórias como colecionadores e fizeram (ou estão fazendo) o ritual de desmaterialização de forma diferente. Cadu doou sua biblioteca de uma única vez para uma instituição de caridade e começou a ler nos livros digitais. Os livros físicos não fariam mais parte da sua vida cotidiana na sua vida de casado e na casa nova que iria viver com a esposa. Em princípio, superou a perda física e está feliz lendo no seu *Kindle*, mas se dá conta que seu sonho da biblioteca ideal se desmanchou e não poderá mais ser realizado. Cássio construiu a biblioteca dos sonhos, e se transformou em um *sommelier* de livros. Queria compartilhar o conhecimento armazenado e viver da venda dos próprios livros, e realizou seu sonho. Desmaterializa pouco a pouco os livros e as histórias que armazenou ao longo da vida. Juliano vem fazendo doações constantes para diminuir o estoque de livros que armazenou ao longo da vida na busca por não repetir a história do pai e do avô, mas continua muito apegado ao aspecto material dos livros. De formas diferentes, os três têm discursos que demonstram que transcender todos os benefícios do livro físico e do apego material ainda não é possível. Demonstram que independente da sua imaterialidade, o apelo do livro físico vem de benefícios que são originários da característica material. Existe uma dialética ainda a ser equacionada.

A biblioteca e os livros físicos simbolizam a verdade e a lembrança de um tempo idealizado em que as pessoas liam mais, eram mais calmas e mais felizes. O ambiente da biblioteca tem uma aura sagrada. Talvez porque muitos livros foram armazenados por muitos anos em mosteiros. Ou porque o próprio livro tenha esse poder de carregar o conhecimento e propiciar um estado de tranquilidade interna a partir da leitura. O ler e conviver com os livros, consultá-los. A experiência física, o gesto tátil, a experiência com o espaço, com os limites da imaginação e do real, dos sonhos e dos desejos. Para Antônio Pedro, sua biblioteca representa sua história, os rastros da sua história contados por aqueles livros que foram estudados e manuseados ao longo da sua vida.

Antônio Pedro: A biblioteca é a minha história, os rastros da minha história, são instrumentos de trabalho não tem muito culto, mas instrumentos de trabalho e de lazer e que contam minha história, como o primeiro bistori para o médico. Muitos livros que eu já li eu releio, não só para lembrar mas para ver com um novo olhar

São como o primeiro bisturi para o médico. Os rituais de singularização do objeto não são apagados ou esquecidos com o afastamento físico. O colecionismo como atividade de consumo hedônico, que permite a realização do desejo de posse dos livros parece conseguir ser reinventado e reinterpretado, pela experiência, pelo acesso, pela transcendência da materialidade e pela transferência do conhecimento. Ele tem quase todos os seus livros digitalizados e acessíveis no computador, mas não se desfaz da biblioteca física por serem a concretização da sua história de vida.

Constanza já doou vários livros, as enciclopédias e algumas coleções, mas hoje investe em comprar livros para montar a biblioteca dos netinhos. Ela espera ansiosamente pela chegada desses netos e imagina o dia que contará histórias para eles. Uma continuidade do modelo de contação de histórias que fizeram com ela, e que ela fez com as filhas. As filhas ainda são solteiras, mas ela já começou a materializar os livros para os netinhos que um dia vão chegar. Os livros ficam guardados no seu quarto. Um dos programas que mais gosta de fazer hoje em dia é sair para a seção infantil e passar a tarde toda nas livrarias para comprar mais livros para a biblioteca, que já está crescendo. A biblioteca simboliza tudo que ela quer passar para seus netos, transferir seu amor pelos livros e pela literatura, não deixar esse amor morrer.

Constanza: hoje estou montando a biblioteca dos meus netinhos, eu compro livros que eu possa ler para eles, que que possa contar histórias para eles. Quando eu viajo para fora, eu passo tardes em livrarias procurando livros para eles. E mesmo aqui no Brasil. Fico procurando livros para a biblioteca deles, que eles vão gostar depois que crescerem um pouquinho...

Ela fala da biblioteca dos netos como se eles já existissem, mas as filhas ainda não estão planejando a chegada de filhos. Para Constanza, a biblioteca dos netos é uma forma de materializar o desejo por perpetuar tanto o amor pela leitura como pela família. Ela fala também da vontade de mostrar sua biblioteca para os netos, os livros que acumulou ao longo da vida e não se desfez. Os livros que ficaram, depois das doações específicas que fez. Desses, ela não imagina se desfazer. Eles são um elo também com suas filhas.

Constanza: a minha biblioteca hoje ainda tem muitas histórias inspiradoras. Que muitas vezes eu empresto ou dou para algumas pessoas que sinto que estão precisando daqueles livros. Depois eu reponho. Apenas aqueles mais raros, que eu não conseguirei repor, esses eu não dou nem empresto, como os do Eduardo Galleano que são muito difíceis de conseguir. Eu tenho um apego pela inspiração que o livro me dá. Que pode ser até pela internet, pela história. Mas eu também gosto de consultar meus livros e usá-los quando minhas filhas estão

passando por algum momento difícil e eu vou ali na biblioteca, pego um livro e passo para elas lerem.

Renata tem também uma preocupação dos filhos não terem a mesma experiência que ela teve ao ver a mãe lendo livros físicos. Como ela hoje lê no *ipad*, as crianças a veem lendo no aparelhinho e podem pensar que está na internet, e não lendo o livro. Ou seja, ela não está passando o mesmo exemplo. Por isso, tem muitos livros infantis no quarto das crianças, lê para eles e mantém livros espalhados por todos os cômodos da casa.

Renata: isso me preocupa muito. O fato deles não me verem lendo, com um livro na mão. Quando eu vou fazer o pequenininho dormir, eu sempre levo meu ipad para o quarto dele, porque posso ler sem precisar acender a luz.. E fico ali lendo até ele dormir, até ele pegar no sono profundo. As vezes também estou lendo na sala no ipad, e eles podem achar que estou na internet. Eles não terão a mesma lembrança que eu tenho da minha mãe lendo, com o livro na mão. Aquela imagem que eu tenho na minha memória. Eles não têm o mesmo exemplo que eu tive, então faço outras coisas para incentivar a leitura. Tenho medo deles não serem leitores.

Independente da preocupação com a família, com a perpetuação do hábito de leitura e a transferência do conhecimento, o apego ao objeto físico existe. Mesmo quando é superado cada vez que um livro é desmaterializado, seja via doação, venda, descarte ou digitalização, o amor é mantido. É esse amor que permite a transferência da singularidade do objeto, mas que também deixa um vazio, uma saudade, uma nostalgia em quem desmaterializou.

Nostalgia é uma emoção social, uma lembrança sentimental de uma experiência pessoal valiosa no passado. Ela se refere aos entes queridos e pessoas próximas no contexto de eventos memoráveis e uma sensação forte de conexão. Descrições nostálgicas normalmente trazem o *self* do protagonista intermediando rituais com pessoas significativas. A nostalgia tem uma função vital e relacional: ela estreita laços sociais (ZHOU et al., 2012).

No contexto desta pesquisa, a nostalgia promove compartilhamento, entrega e liberdade aos colecionadores que desmaterializam suas bibliotecas. O livro físico representa uma pessoa querida que é apartada do convívio diário, mas que deixa as lembranças e o afeto. As memórias positivas de tudo que foi vivido em conjunto, na relação pessoa-objeto.

As relações dos colecionadores com seus livros são e foram relações duradouras, que envolvem estudo, tempo, dedicação, horas de convivência com um livro enquanto está sendo lido, anos e décadas de convivência com o conhecimento armazenado. E o mais importante: quem doa não perde o conhecimento transferido, ele já foi adquirido. Embora não perca o

conhecimento, existe uma separação física. Flávio, em seu depoimento sobre quando decidiu dar um papel social aos livros, explica que foi algo que ele racionalizou para justificar a separação física necessária devido à quantidade de mudanças que fez e ainda fará na sua carreira diplomática. A separação física, por mais necessária que seja do ponto de vista prático, ou racional, ela é sentida: a separação física acontece e é superada. O processo de análise deste trabalho demonstra como acontecem os rituais e processos de desmaterialização e afastamento dos objetos singularizados e as transferências de todo o significado incorporado aos livros e bibliotecas nos rituais de singularização e desmaterialização. De formas diferentes, os depoimentos dos informantes demonstram como o processo de se afastar dos livros reflete o apego material que existe. Ele apenas não impede o afastamento e a separação. É necessário transcender o apego material, e isso pode acontecer de diversas maneiras.

As vantagens do livro digital e as sensações positivas advindas da doação e venda para outros amantes de livros tentam compensar a falta física. A desmaterialização permite continuar a relação com os objetos de desejo anteriormente singularizados de outras formas. Outros benefícios pessoais são atingidos, e contribuem para uma transformação na relação com o livro físico. Mas a saudade fica. O amor aos livros permanece. A ponte entre passado e presente continua existindo. Nada pode apagar a lembrança preciosa de tudo que foi vivido e aprendido em uma história de vida. A lembrança e o afeto estão armazenados na memória dos colecionadores, mesmo depois da desmaterialização. A desmaterialização promove a libertação de amarras existenciais por meio do ritual de separação das posses. Como já visto na revisão teórica e confirmado pelo depoimento dos informantes, *dispossession* é um processo de separação que afeta e provoca transformações na identidade, nos definindo não apenas pelo que temos, mas também que possuímos no passado e não possuímos mais (ROSTER, 2014).

Consumidores usam várias táticas para se afastar de suas posses singularizadas, para desapegar. De acordo com Price, Arnould e Curasi (2000), passar os objetos de valor para pessoas escolhidas não é o mesmo que descarte. A grande questão é a garantia do futuro do objeto, assegurando que ele continuará sendo cuidado, e não esquecido. Em momentos de revisão de vida, o papel das transições e decisões voluntárias de afastamento das posses especiais e significativas ficam latentes. O futuro dos objetos representa a continuidade da narrativa de vida dos indivíduos e o confronto com a finitude da existência, o medo do esquecimento e o desejo de deixar um legado para as futuras gerações.

Nos momentos de separação física e desapego, quando indivíduos vendem e se desfazem de suas posses singularizadas, eles podem se ver confrontados com o significado refletido na memória desses objetos (LASTOVICKA; FERNANDEZ, 2005).

5. Discussão

A discussão proposta nesta dissertação repercute em inúmeras implicações para entendimento do caráter experiencial do consumo para os indivíduos. Quando consumidores desmaterializam parte ou completamente uma coleção de livros, eles confrontam seus valores ligados à materialidade, à posse, ao compartilhamento e a relação com os bens, e com os outros seres humanos. O contexto extremo analisado, de colecionadores de livros, interessados em conhecimento, estudiosos, e, em alguma fase de mudança de vida, mostra como as pressões da sociedade contemporânea modificam a relação das pessoas com os objetos, e com os outros seres humanos. Numa sociedade com muito menos espaço, casas menores, mudanças constantes de cidade, país e uma vida atribulada, os livros que outrora significavam tudo para os colecionadores, passam a representar um peso, uma âncora, um limitante.

5.1 O ritual de desmaterialização

Quando McCracken (1986) definiu os rituais como a ação simbólica com propósito de comunicação e caracterização coletiva e individual, ele estava falando sobre a capacidade dos objetos em transferir seus significados para os indivíduos e comunicar essas categorias simbólicas para a sociedade. Ao dividir os rituais em quatro: troca, posse, organização e *desinvestment*, McCracken (1986) definiu que existiam estágios para a transferência de significados para os consumidores. Em princípio, os rituais de materialização dos colecionadores de livros se assemelham aos três primeiros definidos por McCracken (1986). É quando é selada a relação pessoa-objeto. Tanto no momento de decidir colecionar, como ao desfazer de suas bibliotecas, colecionadores estão comunicando uma mensagem que tem relação com sua identidade. O ritual de *desinvestment*, que seria traduzido como desinvestimento, ocorre quando consumidores querem retirar as propriedades significativas antes da mudança de dono. Esvaziar o significado dos bens antes de passá-los adiante, a fim de evitar a perda de significado ou a contaminação ou contágio para o próximo dono. Os rituais de *desinvestment* acontecem muitas vezes simultaneamente com outros rituais, como o de *dispossession*, quando um bem é doado ou vendido para outra pessoa, ou *disposal*, quando um bem é descartado.

A partir da análise do discurso dos informantes neste estudo, o ritual de desmaterialização não se assemelha ao *desinvestment*, mas tem um significado contrário tanto para quem o faz quanto para quem recebe. Pelo menos no contexto dos objetos

singularizados, como colecionadores de livros. Neste cenário, o ritual de desmaterialização não pretende apagar os significados construídos durante os rituais de materialização, mas manter o valor atribuído pelo antigo dono que singularizou aquele objeto, aquela biblioteca. O doador ou vendedor que está se desfazendo do objeto convida o receptor ou comprador a compartilhar das propriedades que o objeto singularizado possui. O ritual de desmaterialização mistura atributos do ritual de *gift-giving*, quando o doador escolhe um presente porque este possui as características que ele deseja transferir para o receptor do presente, e que vão contribuir para a construção da sua identidade. Ao mesmo tempo que ao desmaterializar, sua própria identidade se transforma com o distanciamento material do objeto. A desmaterialização não é um descarte, e sim mais uma possibilidade de transferência de significado dos objetos, que estabelece uma comunicação de valor e das categorias de classificação entre doador e receptor.

Novos modos de troca podem ser usados para criar novas condições onde valores podem ser transferidos e transitar de um modo para sistema de intercâmbio de bens e serviços, avançando no entendimento da biografia dos objetos (SCARABOTO, 2015; EPP; PRICE, 2010; KOPYTOFF, 1986). Recentemente a pesquisa com consumidores vem examinando contextos em que as trocas ocorrem simultaneamente com características de economia de mercado, *gift-giving*, *sharing*, e obedecem a várias lógicas inter-relacionadas (SCARABOTO, 2015; MOLESWORTH; DENENEGRI-KNOTT, 2009). Permitem examinar a transformação da influência exercida pelos objetos na construção da lógica de saída (desmaterialização) e entrada (materialização) em uma rede (coleccionadores), assumindo diferentes status na sua trajetória (de objetos singularizados).

Pesquisas anteriores no campo de comportamento do consumidor tratam a desmaterialização como um sinônimo de digitalização, transformação em virtual (BELK, 2013; MAGAUDDA, 2012). Já esse estudo abre a discussão e analisa a desmaterialização como algo que transcendo o mundo digital, embora também incorpore a digitalização dos livros e o fenômeno dos *e-readers*, *e-books*, computadores, *tablets*, e objetos digitais no seu campo de pesquisa. Segundo as informações obtidas com os informantes, a desmaterialização de uma coleção de livros pode ocorrer também a partir venda de livros físicos para sebos, lojas de livros raros ou a doação. No caso das doações, o colecionador tem duas formas de doar sua coleção. A primeira é doar a coleção pessoal completa ou parcial para bibliotecas públicas, universidades e instituições de caridade. A segunda é doar aos poucos, livro a livro, de forma customizada, selecionando a dedo àquele que será presenteado com o item, que será

capaz de valorizar o objeto singularizado. A digitalização representa o afastamento, a separação, mas não a perda do objeto imaterial. Ele não mais será capaz de ler novamente o livro. Sentir o cheiro do livro, de limpar a poeira, de passar as páginas, de exibi-lo esteticamente na estante ou tê-lo fisicamente ao alcance das mãos e dos olhos. O ritual de desmaterialização pode representar uma ruptura. Porém, alguns colecionadores irão continuar os rituais de busca, posse e organização no mundo imaterial. Assim, poderão continuar sua peregrinação por relíquias no universo virtual e até possuir e organizar uma biblioteca digital.

O ritual de desmaterialização, como aqui observado e analisado, é o processo de ver suas posses singularizadas desaparecerem fisicamente do seu domínio, via doação, venda, descarte ou digitalização. Um ritual executado por colecionadores em relação a suas bibliotecas físicas, que as viram ou fizeram desaparecer parcialmente ou totalmente do seu domínio, ainda que existam na casa de outra pessoa, em um museu ou no mundo digital.

5.2 Manutenção do valor singularizado

No contexto analisado nesta pesquisa, o objeto singularizado pode sim ser trocado, sem perder seu valor singular, único, mostrando como objetos que circulam em economias híbridas podem se manter singularizados, mesmo nos momentos de mudança de dono em que o *self* do antigo dono e do novo dono estão alinhados (LASTOVICKA, FERNANDEZ, 2005). A singularização do objeto é mantida mesmo no momento de troca. Essa constatação contribui para a extensão da teoria descrita por Kopytoff (1986), em que o objeto singularizado não possuía preço e, portanto, valor de troca. Caso possuísse, seria uma *commodity*. No contexto analisado, de colecionadores de livros que desmaterializam suas bibliotecas, o valor singularizado permanece e o bem não é comoditizado enquanto muda de dono. Ele mantém seu significado, que é transferido de um dono para outro.

Da mesma forma que um objeto pode ter diferentes significados em uma mesma cultura, o mesmo significado em diferentes culturas, ele pode manter o seu significado em uma mesma cultura e ser passado de um dono para outro. Na verdade, ele mudou o significado dentro da biografia do primeiro dono. Para o primeiro dono, ele não tem exatamente o mesmo valor, mas o mesmo valor esperado pelo novo dono. E o objeto é usado como ferramenta para comunicar e construir laços sociais.

5.3 Novas relações pessoa-objeto e interpessoais

O estudo nos abre portas para entendimento das relações pessoa-objeto e o estabelecimento de novas relações pessoais, interpessoais, com os objetos a sua volta e com o mundo. Novas relações de troca e de transferência de conhecimento, valores e afeto.

A transformação de uma *commodity* em um objeto singularizado transforma o indivíduo. A biografia do objeto se funde com a história de vida da pessoa. As experiências advindas dos rituais relacionados ao ato de colecionar, como também proporcionadas pelo bem colecionado, e pelo ato de desmaterializar, são transformadoras e transformam a identidade e as relações dos indivíduos. Quando os objetos singularizados voltam ao mercado, mesmo que com valor de troca, eles não voltam a ser uma *commodity*. Eles mantêm seu valor singularizado. Neste contexto, foram identificados alguns fatores que podem contribuir e facilitar o processo de desmaterialização e afastamento físico das posses singularizadas e como outras formas de troca também modificam a economia de mercado e os consumidores.

A energia de transformação envolvida para a singularização do objeto agora é transferida para uma relação pessoa-objeto-pessoa, uma relação interpessoal intermediada por um objeto singularizado, que tem valor para ambos, quem doa ou quem recebe, quem vende ou compra. No mundo digital, ela continua uma relação pessoa-objeto, apenas se transforma de uma relação pessoa-objeto físico para uma relação pessoa-objeto digital, mas que na maioria das vezes transforma a relação do indivíduo com o seu entorno, suas relações e sua identidade.

A grande mudança acontece na natureza da relação pessoa-objeto. É como se a relação *eu-objeto* se convertesse em uma relação *eu-objeto-você-tu-ele-nós-vós-eles*. A relação individual para uma relação que envolve outras pessoas e a sociedade, mediada pelo objeto, não é mais uma relação apenas individualista. O objeto não é o fim, mas o meio, o intermediário. Relações formais e informais mediadas pela transferência do significado que aquele bem representou e representa, todo o conhecimento que ele gerou e pode gerar em outras pessoas, toda a transformação ocorrida que ainda pode ocorrer e ser provocada em outras pessoas. Multiplicar e não dividir.

A característica da nova relação vem da natureza híbrida das novas formas de troca. Ao compartilhar, o valor adquirido não é perdido. Ao passar para outra pessoa o valoriza, o objeto é protegido do esquecimento, do abandono, da mortalidade e da commoditização – ele adquire um status de imortal. E a garantia que ele não será abandonado na estante dos livros mortos, esquecidos. O dono do objeto passado adiante também ganha a chance de não ser

esquecido, passando para a posteridade, para outros o seu bem de forma generosa. Não guardou todo aquele conhecimento dentro de casa, na sua estante, protegido do mundo e dos outros. O processo é um processo de abrir, metaforicamente o contrário de fechar. O contrário do medo de perder.

5.4 Libertação das amarras

As coisas estão mais móveis, mais dinâmicas e mudando de lugar constantemente. Não nascemos e morremos na mesma casa, mudamos de emprego diversas vezes e de carreira algumas vezes na vida. Nos casamos, descasamos. Ou não nos casamos nenhuma vez e temos vários relacionamentos durante a vida. É comum ver casais do mesmo sexo, casais sem filhos, solteiros com filhos e famílias reconstruídas. Ainda que um indivíduo específico decida não mudar e não se envolver com as mudanças que estão acontecendo na sociedade, é como ficar parado com tudo movendo, mesmo se você não se mexer está tudo mudando, então sem querer você também está mudando com esse mundo que nunca se cansa de mudar. Cada um à sua maneira, está transformando e sendo transformado. Todas as relações estão em transformação, inclusive a relação com os objetos. Neste processo, indivíduos podem transformar junto sua identidade, seus valores, sua vida.

Os livros ficaram pesados literalmente. E se afastar deles significa uma libertação. A atitude não é somente altruísta, ela acarreta em benefícios individuais. Colecionadores perdem o medo de se afastar fisicamente dos objetos, de não ter mais aqueles livros todos por perto, aquele conteúdo todo armazenado à mão na *minha* biblioteca. É como uma passagem. Uma transformação em que os colecionadores perdem o medo do imaterial, do desconhecido, do invisível. É como encarar a morte da biblioteca, e a morte enquanto figura que amedronta. O conceito de morte em seu sentido mais amplo. Vivenciar nossos medos e também nossos sonhos de liberdade. Libertar daquilo que te aprisiona, prende, amarra. Soltar as amarras.

O contexto escolhido, de colecionadores de livros, nos ajuda a compreender as práticas de consumo como criadoras de significado nas condições de transitoriedade da atualidade. No passado existiam as casas grandes com seu espaço dedicado à leitura, às bibliotecas, a mania por colecionar possuir, cuidar. Armazenar. Agora parece que existe uma vontade de se livrar de tudo isso. Uma busca por leveza, e não por novos livros para acumular. Desmaterializar. Para trazer leveza, liquidez, compartilhamento, suavizar a relação com o conhecimento e passá-lo adiante. Não quero mais guardar tudo isso para mim, até porque ele está disponível de qualquer forma na internet mesmo. Quero manter meu acúmulo no nível mínimo necessário para minha sobrevivência e do planeta, que está sendo consumido

no meio de todas essas mudanças. O contexto dos colecionadores de livros é um contexto extremo: alto grau de imaterialidade e alto grau de apego.

Interessante perceber como o livro, independente da sua imaterialidade intrínseca, é um dos últimos objetos a ser considerado na hora do descarte, viagem, mudança. A natureza imaterial concede toda a aura e prestígio a esses objetos. Para os colecionadores, talvez por isso mesmo, o descarte, ou como dizem: “jogar no lixo”, seja quase um sacrilégio.

5.5 Afastamento físico e manutenção do amor aos objetos desmaterializados

Por se tratar de um objeto de análise com alto valor imaterial, o livro, que transcende o objeto físico, e representa o conteúdo ali armazenado (fisicamente ou digitalmente), por si já é um contexto rico para a compreensão deste fenômeno. No caso ainda mais extremo, de colecionadores que singularizaram esses livros ao longo do tempo, conviveram, cuidaram, ritualizaram e por fim decidiram se desfazer, desmontar sua biblioteca, desterritorializaram aquele espaço já incorporado ao seu *self*, sua vida, sua casa. Mas não foi o valor do objeto que mudou. Foi o momento de vida.

Uma das questões que o foco nos rituais de desmaterialização permitiu detectar foi que o afastamento físico não implicava em uma diminuição do amor aos objetos singularizados. O processo de desapego do livro físico explicitou o amor imaterial pelo objeto singularizado, que poderia transcender o apego material e permitir um aprofundamento da compreensão da relação pessoa-objeto. Ao inverter o olhar para o desapego, ao invés do apego, as relações emocionais que muitas vezes ficavam implícitas, afloraram no discurso. O objetivo de aprofundar na compreensão da relação pessoa-objeto foi então atingido. O aprofundamento nos rituais de desmaterialização contribuiu para a compreensão das transformações pelas quais os colecionadores passaram desde que decidiram comprar livros e começar suas bibliotecas, até o afastamento.

As contradições entre o mundo digital e a simplicidade de uma contação de histórias, ou a capacidade de imaginação de um adulto ou uma criança também tornam esse contexto bastante rico para entendimento do ritual de desmaterialização. Numa época em que crianças que não sabem ler têm seu próprio *ipad* e já assistem a filmes sozinhas, ler um livro cheio de figuras pode ser um bom estímulo à imaginação. Mas o estímulo não seria ainda maior, se a história fosse apenas narrada, dando espaço para imaginação, ou lida em um *e-reader*, sem nenhuma figura, e com nada mais do que a história escrita? A tecnologia, nesse caso, pode significar o resgate de um velho hábito de contação de histórias, o retorno a nossa forma

primitiva de manutenção da memória e transferência de conhecimento, possibilitando, assim, o reencontro com a capacidade de sonhar e imaginar.

6. Considerações Finais

Este trabalho aprofunda e traz *insights* teóricos e gerenciais sobre as relações que consumidores estabelecem com suas posses especiais na atualidade. Contribui para a compreensão de cenários híbridos, conceituando e explicando como a relação pessoa-objeto acontece, é moldada e sustentada em um cenário que objetos singularizados estão sendo desmaterializados. Quando a pesquisa começou, a grande motivação era o estudo do fenômeno do colecionismo, dos rituais de singularização dos objetos e a relação com o *extended-self*. O olhar seria sobre os rituais de materialização para compreender questões ligadas ao apego e identidade dos colecionadores que passaram a vida acumulando livros em um mundo cada vez mais digital. Após duas entrevistas existencial-fenomenológicas, os informantes falaram muito mais sobre seus processos de desapego do livro físico do que sobre o colecionismo. A metodologia e o roteiro aberto permitiram a mudança na tônica da conversa, que acabava migrando para os processos de separação do livro físico, das crises para organização da biblioteca que havia crescido demais, para o valor imaterial e afetivo do livro. Existia, então, um fenômeno latente a ser estudado: o processo de afastamento físico desses objetos, todos os rituais envolvidos e as transformações provocadas.

O contexto dos colecionadores de livros, que combina características materiais e imateriais, de apego e transcendência, contribuiu para o avanço do diálogo teórico com publicações recentes que analisam a relação pessoa-objeto e as transformações de *status* dos objetos ao longo do tempo (EPP; PRICE, 2010; LASTOVICKA; FERNANDEZ, 2005; BARDHI et al., 2012; MAGAUDDA, 2011, 2012; BELK, 2013). A lacuna teórica vem da própria atualidade do tema. O fenômeno analisado é recente. As contribuições avançam no entendimento das relações pessoa-objeto em novas condições em que a materialidade física não é a única realidade visível. A internet e os objetos digitais são uma realidade. A volatilidade da sociedade atual e a pressão por espaço, mudanças na vida dos entrevistados e a dificuldade de transportar os objetos para apartamentos menores, outras cidades e países afetou drasticamente o desejo de manter as posses físicas por perto. Manter os objetos de desejo materializados dentro de casa não é mais a única alternativa para ter acesso aos seus benefícios. Existem outras maneiras, formas de criar relações com os objetos e estas possibilidades estão em plena transformação. Novos estudos são necessários para a continuidade da construção deste conhecimento, que é vivo e carece de mais investigação.

6.1 Implicações teóricas

O ritual de desmaterialização

Essa modalidade de ritual é uma mistura de descarte com *gift-giving*, que soma atributos e conjuga benefícios dos dois rituais. McCracken (1986) classificou os rituais de transferência de significado em quatro: troca, posse, arrumação e *desinvestment*. O ritual de desmaterialização seria, então, um quinto tipo de ritual, com uma transferência de todo o significado acumulado nos anos de colecionismo singularizando os objetos. Uma analogia para compreensão dos rituais de desmaterialização é o processo por que passa a sociedade neste momento de liquidez e volatilidade, o contrário do que provavelmente sentimos quando a espécie deixou de ser nômade para se fixar e demarcar seu território. Quando nos fixamos, como espécie, em um lugar determinado, territorializamos, e começamos a ter espaço para acumular, comprar e juntar coisas, começamos a colecionar. O contrário acontece quando a sociedade nos impele a ficar leves, flexíveis, prontos para a mudança que se aproxima... A *desmaterialização do objeto singularizado, dispossession*, afastamento físico das posses *especiais* acontece justamente no momento de mudança interna ou externa: busca por uma leveza maior, num momento de nomadismo ou mudança de estágio de vida: casamento, nascimento de um filho, mudança de casa, mudança de país, espera pelos netos.

Manutenção do valor singularizado dos objetos

A partir de uma perspectiva da história da vida dos indivíduos foi possível perceber a transformação da relação com os objetos na contemporaneidade. Uma importante constatação que o estudo permitiu foi a verificação da manutenção do status singularizado dos objetos com o afastamento físico, a troca de dono ou a digitalização. O envolvimento com o valor imaterial do livro permite a manutenção da singularidade do objeto. A singularização transcende a materialidade e mantém o valor construído nos rituais de materialização. O alinhamento do *self* do antigo e do novo dono permite que o valor seja mantido e repassado com a mudança de dono ou da localização física do objeto. O conhecimento é transferido sem causar a perda para quem o possuía, assim como coleções mudam de dono, passam de bibliotecas privadas para públicas, ou livros são digitalizados.

De toda forma, existe uma perda física sentida como a perda de uma pessoa próxima. Colecionadores transcendem a perda, superam a perda, mas a sentem. Narram o afastamento do livro físico com emoção, com apego. Como uma dor que foi aliviada e substituída por

outros benefícios, que foi possibilitada por uma transformação interna e causou outras mudanças, pessoais e na vida dos entrevistados.

Várias pesquisas já demonstraram também como a estrutura identitária pode ser reestruturada e transformada por meio de práticas de descarte, afastamento das posses e doações (CHERRIER, 2009; CHERRIER; MURRAY 2007; LASTOVICKA; FERNANDEZ 2005; ROSTER, 2014).

Objeto de ligação na construção da relação pessoa-objeto-pessoa

Outra questão que a análise das entrevistas permitiu observar foi como no ritual de desmaterialização o livro funciona como objeto de ligação na relação pessoa-objeto-pessoa. Muitas vezes, a relação pessoa-objeto nasce na família ou em outro ambiente de aconchego que permite a aproximação com o livro, até então inalcançável. O afeto faz a conexão e o transforma em objeto de desejo. O afeto rompe a barreira da transferência do conhecimento e o livro é o instrumento da comunicação que simboliza a transferência do conhecimento. A relação pessoa-objeto se estabelece quando ele se transforma em colecionador, e não apenas leitor do livro da casa dos pais, ou da biblioteca do colégio, ou frequentador de sebos e bibliotecas públicas. A relação pessoa-objeto é uma relação individual, que permite um encontro consigo mesmo, de autoconhecimento e transformação interna. Os rituais de materialização constroem a relação de posse, controle e troca que se assemelha a uma relação entre duas pessoas. Uma relação de amor e apego, com características de uma relação física entre duas pessoas, quando ocorre a transferência de significados e valores que vieram da família e são incorporados pelo indivíduo. Uma relação forte, única e singularizada. Quando acontece a superação da materialidade, o livro novamente intermedia e possibilita novas relações, fazendo a ponte pessoa-objeto-pessoa. O desapego físico pode permitir a ligação com outras pessoas, abre espaço real na vida e conecta com outros aspectos anteriormente esquecidos. O papel do livro físico é revisto na vida dos colecionadores quando se casam, têm filhos, se divorciam. Da mesma forma que a relação estabelecida entre quem doa ou vende sua coleção singularizada e quem recebe o livro é intermediada pelo objeto que permite a conexão entre as duas pessoas que alinham seu *self* nesse momento.

A relação pessoa-objeto-pessoa também acontece quando o livro digital é escolhido para não atrapalhar o sono da esposa deitada ao lado, que se incomodava com o abajur aceso. Ou que não quis todos os livros velhos na casa nova decorada por um arquiteto. Ou os filhos que nasceram que se tornaram alérgicos à poeira dos livros. É a luz interna do aparelho que permite a manutenção de um antigo hábito de solteiro na nova vida de casado, ou sua

capacidade de armazenamento permitindo levar vários livros sem ocupar espaço na casa nova. O conhecimento armazenado sem poeira nos móveis ou no quarto do bebê. Em todos esses casos, e mais outros narrados no capítulo de análise, o objeto intermedia novas relações, e a desmaterialização auxilia na transformação necessária nos momentos de mudança de vida.

Rituais como conexão entre o sonhos e realidade

A literatura de rituais e o uso de um processo que buscava os rituais no discurso dos informantes contribuiu para o resultado da análise e a construção do campo teórico desta pesquisa. O ritual por si já faz a ligação entre a ação e a imaginação, entre as crenças e a vida prática, entre o pensamento e a ação. No contexto estudado, os rituais de materialização e desmaterialização unem o físico e o metafísico, materializam o imaterial e desmaterializam o material. Os rituais de materialização, primeiro, concretizam os desejos de aquisição do conhecimento e da posse de livros na construção da biblioteca, e são atividades essencialmente hedônicas. Neste momento, a busca pelo prazer da leitura e da posse são o anseio máximo. Depois o desejo é por libertar-se das amarras. Um desejo por leveza e liberdade. Podemos classificar os colecionadores entrevistados como hedonistas contemporâneos. De acordo com Campbell (1987), o hedonista contemporâneo é um artista do sonho, que busca satisfazer seus desejos e obter prazer das experiências da vida. Eles querem materializar a biblioteca dos sonhos, querem conhecer e saber, experimentar os limites da existência, aproximar do universo literário, da poesia, da religião, da filosofia e da arte. Ambicionam a experiência metafísica. Pela materialidade, conectar com as grandes questões da humanidade do ser e saber. Depois, desejam se livrar das amarras materiais dos livros físicos, do peso e das barreiras de possuir e acumular. Querem compartilhar. Transferir o conhecimento para outros, viajar mais leves, ter prazer durante a viagem em busca do conhecimento e da liberdade. Eles buscam o melhor dos mundos, o acesso e a posse do conhecimento sem o ônus do peso, da poeira e dos limites físicos. Querem transcender, viver e transformar a realidade.

A imaginação é uma faculdade humana comum e tem um papel a desempenhar no hedonismo tradicional. Ela implica na capacidade de sonhar acordado e devanear e é uma atividade que mistura fantasia e realidade (CAMPBELL, 1987). A imaterialidade do livro e sua capacidade de se situar entre o real e o imaginário no contexto da literatura e do colecionismo permitiram avançar no entendimento dos rituais de desmaterialização. O universo digital também propicia novas formas de se conectar com experiências que transcendem a materialidade e ampliam o horizonte dos indivíduos. Contextos que permitam

a transcendência física, como música, a arte e a literatura possuem características próximas que possibilitam a transposição de barreiras materiais e experiências emocionais e sensoriais, e podem ser mais explorados para o aprofundamento no entendimento do fenômeno da desmaterialização. A possibilidade de concretização dos desejos dos consumidores teve seus limites alargados com a internet e o ambiente digital. Tudo parece possível. Todos esses cenários, separados ou combinados permitem compreender a experiência de consumo na atualidade. Mesmo contextos de consumo clássico que permitam satisfazer necessidades básicas, como alimentação, podem proporcionar experiências conectadas com o sonho e o universo da imaginação. O prazer pode vir pela escolha de uma iguaria que não somente mate a fome, mas faça a degustação desencadear sensações sensoriais e emocionais que misturam a fantasia com a realidade. O consumidor moderno deseja romance ao invés de um produto habitual, porque isso o habilita a acreditar em sua aquisição, e, seu uso, pode proporcionar experiências que ele não encontrou na realidade (CAMPBELL, 1987). No contexto estudado, o que o objeto provê na relação pessoa-objeto é literalmente um romance e a imaginação é intrínseca ao processo de leitura e de convivência com o universo literário. Neste caso, a possibilidade de concretização dos sonhos e devaneios aliados ao prazer e ao deleite é ainda mais explícita.

6.2 Implicações gerenciais

O mercado hoje consiste na somatória do ambiente *on-line* e *off-line*. Os consumidores transitam de um cenário *on-line* para o *off-line* e vice-versa e é preciso que esses ambientes sejam complementares e não excludentes. Consumidores querem a materialidade e a imaterialidade, querem comprar o livro físico *on line*, o livro digital na loja física, possuir e doar.

A discussão proposta nesta dissertação repercute em inúmeras implicações gerenciais. Comprar um livro *on line* e buscar na loja, onde pode participar de uma sessão de autógrafos, pode ser uma excelente alternativa para trazer o cliente para loja e gerar relacionamento e vendas. Comprar um *e-book* e ganhar o ingresso para o filme do livro no cinema ou o convite para um bate papo com o autor do livro, na loja física ou por Skype, podem ajudar a fidelizar e estreitar vínculos com os clientes. Livrarias precisam avaliar como e quando começar a vender livros digitais também nas lojas físicas e não apenas nos seus portais *e-commerce*. Esta poderia ser uma solução para aqueles que recém-desmaterializaram sua coleção. Colecionadores e amantes de livros gostam de frequentar livrarias e às vezes têm pouca intimidade com a compra *on line*, mas se adaptam à leitura em *tablets* ou *e-readers*. Pode

parecer um contra-senso, mas *serial readers* são os *early-adopters* da leitura de *e-books*, mesmo que pouco familiarizados com tecnologias. De toda forma, trazer a materialidade da loja física para o consumo digital pode incrementar a venda de *e-readers* e *e-books* no Brasil, que não chega a 5% do total de livros vendidos (NIELSEN, BOOKSCAN 2014).

Projetos de capas personalizadas para os *e-readers*, *smart-phones* e *tablets* poderiam agradar consumidores ao trazer a materialidade das capas para o livro digital. Uma das preocupações dos informantes que desmaterializaram suas bibliotecas é se seus filhos serão leitores como eles. Eles cresceram em casas cheias de livros e viram os pais lendo. Se hoje leem no *tablet*, os filhos podem achar que estão na internet. Capas decoradas adaptadas às capas de proteção dos *devices* usados para leitura podem trazer a materialidade do livro físico para o livro digital e gerar novos negócios. Além de comunicar para os observadores o livro que está sendo lido. E que é possível estar com os olhos presos ali no *tablet* sem estar na internet, em um *game* ou se divertindo nas redes sociais, mas sim lendo Shakespeare ou Dostoiévski.

Outra oportunidade de mercado seria a venda da biblioteca virtual para *e-books* que simulem as bibliotecas físicas, onde um avatar poderia entrar, buscar, selecionar e até comprar livros. Seria outra forma de trazer materialidade para as bibliotecas digitais. Tanto o mercado de bens culturais como livros, arte, música ou mesmo bens de consumo duráveis e não duráveis, podem contemplar a materialização no ambiente virtual e a desmaterialização no ambiente físico. É preciso quebrar as barreiras para ajudar o consumidor a transitar por esses universos, como se estivessem conectados e não apartados.

Muitas livrarias já permitem o acesso irrestrito aos seus livros independente da compra, quando os consumidores estão dentro do território de venda. Os aplicativos dos *e-readers* também permitem o acesso à parte da história que pode ser baixada sem custo – os *samples*. Mas as livrarias podem potencializar o acesso e a troca observando características de outros mercados. Transformar o ambiente da loja em espaços para troca e doação de livros, como os sebos. Proporcionar *sharing*. Essa seria uma oportunidade partindo da premissa que livro novo é livro não lido, independente da data do lançamento. Ainda que fosse uma parte da livraria, um lugar separado, um ponto de encontro em dias determinados.

Os colecionadores são os clientes mais importantes e que têm o maior ticket médio e frequência das livrarias, pelo próprio volume de compra e hábito de aparecer para verificar as novidades. E este estudo mostra que alguns deles estão desmaterializando suas bibliotecas, querem comprar menos e estão comprando cada vez menos livros físicos. Para proteger seu

source of business de colecionadores, com certeza uma fatia importante do seu negócio, livrarias precisam repensar como se conectar com esses clientes e entender seus novos hábitos. Pensar em estratégias e alternativas para não perder um cliente tão importante.

O compartilhamento dos livros digitais, que viram lixos eletrônicos nas nuvens e não podem ser doados atualmente também é uma oportunidade gerencial. Os aplicativos dos *e-readers* hoje não têm esta função, o que parece uma falha do sistema.

Os sebos e livrarias pequenas também tem uma oportunidade de reinventar seus negócios na nova economia. Podem usar a internet e o ambiente das redes sociais para se aproximar de comunidades de amantes de livros e colecionadores de raridades. Especializar em temas e fornecer um serviço customizado que as grandes livrarias não conseguem. Trabalhar com escolas e no incentivo a leitura em um país que tem uma muita oportunidade para transformar crianças e indivíduos em leitores e compradores de livros. Os leilões *on-line* e sites como *e-bay* e estante virtual revolucionaram o mecanismo de descarte e busca por objetos de desejo, livros esgotados e raros. Livrarias pequenas e lojas de livros raros podem se beneficiar dessas plataformas *on line*, das comunidades nas redes sociais e encontrar nichos de mercado para oferecer benefícios exclusivos aos clientes e reinventar seus negócios.

6.3 Limitações e sugestões de pesquisas futuras

Uma das limitações desta pesquisa envolve questões metodológicas. As entrevistas em profundidade foram bastante reveladoras sobre o momento e processos enfrentados pelos 11 colecionadores pesquisados. Mas outros métodos como etnografia, netnografia, revisão histórica da abertura e fechamento de sebos, procura por livros raros, evolução da venda de livros digitais e *e-readers*, assim como o papel das doações na vida dos colecionadores poderiam ser reveladores e complementares para análise e compreensão dos processos e experiências vivenciados pelos informantes. Mais entrevistados poderiam ajudar a esgotar o tema.

Cada história pesquisada nesta dissertação pode ainda ser aprofundada pelo entendimento do seu entorno. É possível inverter o foco e compreender o papel da família, entrevistando outras pessoas que observaram e participaram dos rituais de materialização e desmaterialização. Mudar o olhar para a perspectiva de quem recebe o livro, e não de quem doa: os compradores dos sebos, os contemplados pela doação, as pessoas que encontraram livros em um ponto de ônibus, no avião ou em algum outro lugar inusitado. Outros sebos abertos por colecionadores poderiam ser uma fonte de informação para entender os processos de desmaterialização. Aprofundar no entendimento da transformação das bibliotecas

particulares em lugares para encontro de amantes dos livros, compartilhamento de informação e venda de livros usados que carregam e transferem os valores armazenados durante todo o período de colecionismo.

Outras experiências de *sharing* de livros podem contribuir para compreensão do dilema entre posse e acesso, assim como *sharing* de outras categorias. Existem contextos complementares, como o universo da música com o retorno pelo interesse por LP's e outros itens nostálgicos e com alto valor imaterial e afetivo, que também podem ser explorados. Um tema como as motivações dos donos de bibliotecas em continuar comprando, armazenando e colecionando livros (RAVEN, 2013) poderia ser ainda mais investigado. É certo que colecionismo sempre foi focado em bens materiais (BELK, 1995). Estariam as livrarias com dias contatos? Muitos já anunciaram o fim do livro físico, mas fenômenos como o retorno da venda de LP's e vinis mostram que estes objetos continuam tendo seu espaço. De toda forma, muitas lojas dedicadas a CD's fecharam as portas nas últimas décadas e é preciso estar atento a mudanças de comportamento e a volatilidade da economia e crescimento dos objetos digitais virtuais.

Seria nos dias de hoje o acesso mais importante que a posse, como no caso do mercado fonográfico (BELK, 2013)?

Uma pesquisa longitudinal que analise as mudanças ao longo do tempo na vida de colecionadores desmaterializando suas bibliotecas pode complementar este estudo. Assim como a observação da tecnologia na vida de pais e filhos, no aprendizado e na construção da relação interpessoal. Observar contextos não apenas no universo dos livros, mas relacionada à música, apreciação de arte e desenvolvimento da criatividade.

REFERÊNCIAS

- APPADURAI, Arjun. **The social life of things: Commodities in cultural perspective**. Cambridge University Press, 1986.
- ARSEL, Zeynep; BEAN, Jonathan. Taste regimes and market-mediated practice. **Journal of Consumer Research**, v. 39, n. 5, p. 899-917, 2013.
- BARDHI, Fleura; ECKHARDT, Giana M.; ARNOULD, Eric J. Liquid relationship to possessions. **Journal of Consumer Research**, v. 39, n. 3, p. 510-529, 2012
- BAUMAN, Zygmunt. **Liquid modernity**. John Wiley & Sons, 2013.
- BELK, Russel W. Possessions and the extended self. **Journal of Consumer Research**, v. 15, n. 2, p. 139-168, 1988.
- BELK, Russell W.; WALLENDORF, Melanie; SHERRY JR, John F. The sacred and the profane in consumer behavior: Theodicy on the odyssey. **Journal of consumer research**, p. 1-38, 1989.
- BELK, Russell W. et al. Collecting in a consumer culture. **Highways and buyways: Naturalistic research from the consumer behavior odyssey**, p. 178-215, 1991.
- BELK, Russel W. **Collecting in a Consumer Society**. New York: Routledge, 1995.
- BELK, Russell W.; COSTA, Janeen Arnold. The mountain man myth: A contemporary consuming fantasy. **Journal of consumer research**, v. 25, n. 3, p. 218-240, 1998.
- BELK, Russell W.; GER, Güliz; ASKEGAARD, Søren. The fire of desire: A multisited inquiry into consumer passion. **Journal of consumer research**, v. 30, n. 3, p. 326-351, 2003.
- BELK, Russel W. Sharing. **Journal of Consumer Research**, v. 36, n. 5, p. 715-734, 2010.
- BELK, Russel W. Extended Self in a Digital World. **Journal of Consumer Research**, v. 40, n. 3, p. 477-500, 2013.
- BELL, Catherine. **Ritual theory, ritual practice**. Oxford University Press, 1992.
- CAMPBELL, Colin. Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno. **Cultura, consumo e identidade. Rio de Janeiro: FGV**, p. 47-64, 2006.
- CHEN, Yu. Possession and access: Consumer desires and value perceptions regarding contemporary art collection and exhibit visits. **Journal of Consumer Research**, v. 35, n. 6, p. 925-940, 2009.
- CHERRIER, Hélène; MURRAY, Jeff B. Reflexive dispossession and the self: Constructing a processual theory of identity. **Consumption Markets & Culture**, v. 10, n. 1, p. 1-29, 2007.
- CHERRIER, Hélène. Anti-consumption discourses and consumer-resistant identities. **Journal of Business Research**, v. 62, n. 2, p. 181-190, 2010.

DENEGRI-KNOTT, Janice; MOLESWORTH, Mike. 'I'll sell this and I'll buy them that': eBay and the management of possessions as stock. **Journal of Consumer Behaviour**, v. 8, n. 6, p. 305-315, 2009.

DENEGRI-KNOTT, Janice; MOLESWORTH, Mike. 'Love it. Buy it. Sell it' Consumer desire and the social drama of eBay. **Journal of Consumer Culture**, v. 10, n. 1, p. 56-79, 2010.

DENEGRI-KNOTT, Janice; WATKINS, Rebecca; WOOD, Joseph. Transforming digital virtual goods into meaningful possessions. **Digital virtual consumption**, v. 23, p. 76, 2012.

DION, Delphine; SABRI, Ouidade; GUILLARD, Valérie. Home sweet messy home: Managing symbolic pollution. **Journal of Consumer Research**, v. 41, n. 3, p. 565-589, 2014.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. The World of Goods: Towards an Anthropology of Consumption. **New York**, 1979.

EPP, Amber M.; PRICE, Linda L. The storied life of singularized objects: Forces of agency and network transformation. **Journal of Consumer Research**, v. 36, n. 5, p. 820-837, 2010.

FEATHERSTONE, Mike. **Consumer culture and postmodernism**. London: Sage, 1991.

FIRAT, Fuat; DHOLAKIA, Nikhilesh. Theoretical and philosophical implications of postmodern debates: some challenges to modern marketing. **Marketing theory**, v. 6, n. 2, p. 123-162, 2006.

FURBY, L. (1978). Possessions: towards a theory of their meaning and function throughout the life cycle. In: BALTES, P.B. **Life span development and behavior**. New York: Academic Press.

GAO, L.; HUANG, Y.; SIMONSON, I. (2014). The Influence of Initial Possession Level on Consumers Adoption of a Collection Goal: A Tipping Point Effect. **Journal of Marketing** 78 (6), 143-156.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. In: **A interpretação das culturas**. LTC, 2013.

HERMAN, Robert; ARDEKANI, Siamak A.; AUSUBEL, Jesse H. Dematerialization. **Technological forecasting and social change**, v. 38, n. 4, p. 333-347, 1990.

HOLT, Douglas B. Does cultural capital structure American consumption? **Journal of consumer research**, v. 25, n. 1, p. 1-25, 1998.

KLEINE, Susan Schultz; KLEINE III, Robert E.; ALLEN, Chris T. How is a possession "me" or "not me"? Characterizing types and an antecedent of material possession attachment. **Journal of Consumer Research**, p. 327-343, 1995.

KOPYTOFF, Igor. The cultural biography of things: commoditization as process. **The social life of things: Commodities in cultural perspective**, v. 68, p. 70-73, 1986.

LASTOVICKA, John L.; FERNANDEZ, Karen V. Three paths to disposition: The movement of meaningful possessions to strangers. **Journal of Consumer Research**, v. 31, n. 4, p. 813-823, 2005.

LEHDONVIRTA, Vili; ERNKVIST, Mirko. Knowledge map of the virtual economy. **World Bank, Washington**. <http://www.infodev.org/en/Document>, v. 1056, 2011.

LEHDONVIRTA, Vili. A history of the digitalization of consumer culture: From Amazon through Pirate Bay to FarmVille. **Digital Virtual Consumption**. New York: Routledge, p. 11-28, 2012.

MAGAUDDA, Paolo. When materiality 'bites back': Digital music consumption practices in the age of dematerialization. **Journal of Consumer Culture**, v. 11, n. 1, p. 15-36, 2011.

MAGAUDDA, Paulo. What Happens to Materiality in Digital Virtual Consumption?. **Digital Virtual Consumption**, v. 23, p. 111, 2012.

MARSHALL, Francisco. Epistemologias históricas do colecionismo. **Episteme**, v. 20, p. 13-23, 2005.

McCRACKEN, Grant. Culture and consumption: A theoretical account of the structure and movement of the cultural meaning of consumer goods. **Journal of consumer research**, p. 71-84, 1986

McCRACKEN, Grant. **The long interview**. Newbury Park: Sage Publications, 1988.

MCINTOSH, William D.; SCHMEICHEL, Brandon. Collectors and collecting: A social psychological perspective. **Leisure Sciences**, v. 26, n. 1, p. 85-97, 2004.

MILES, Matthew B.; HUBERMAN, A. Michael. **Qualitative data analysis: An expanded sourcebook**. Sage, 1994.

MOLESWORTH, Mike; DENEGRÍ-KNOTT, Janice (Ed.). **Digital virtual consumption**. Routledge, 2013.

O'BRIEN, George. Living with collections. **New York Times Magazine**, v. 26, n. 2, p. 25-42, 1981.

PINO, Claudia A.; ZULAR, Roberto. Escrever sobre escrever: uma introdução crítica à crítica genética. **São Paulo: WMF Martins Fontes**, 2007.

PRICE, Linda L.; ARNOULD, Eric J.; CURASI, Carolyn F. Older consumers' disposition of special possessions. **Journal of Consumer Research**, v. 27, n. 2, p. 179-201, 2000.

RAVEN, James. Debating Bibliomania and the Collection of Books in the Eighteenth Century. **Library & Information History**, v. 29, n. 3, p. 196-209, 2013.

RIGBY, Douglas; RIGBY, Elizabeth. **Lock, stock and barrel: The story of collecting**. JB Lippincott Company, 1944.

ROCHA, Everaldo. P. G. **O que é etnocentrismo**. Brasiliense: Rio de Janeiro, 1988.

- ROOK, Dennis W. The ritual dimension of consumer behavior. **Journal of Consumer Research**, p. 251-264, 1985.
- ROSTER, Catherine A. "Help, I Have Too Much Stuff!": Extreme Possession Attachment and Professional Organizers. **Journal of Consumer Affairs**, v. 49, n. 2, p. 303-327, 2015.
- SCARABOTO, Daiane. Selling, sharing, and everything in between: the hybrid economies of collaborative networks. **Journal of Consumer Research**, p. uc004, 2015.
- SCHWANDT, Thomas. A. (2003). Three epistemological stances for qualitative inquiry: Interpretativism, hermeneutics and social constructionism. In Denzin, N. and Lincoln, Y (Eds.), **The Landscape of Qualitative Research: Theories and issues**. (pp. 292-331). Thousand Oaks, CA: Sage.
- SHIELDS, Rob. **The virtual**. Psychology Press, 2003.
- SHERRY, John. Gift-giving in Anthropological Perspective. **Journal of Consumer Research**, v. 10, n. 2, p. 157-168.
- SILVA, Carlos L. **Colecionar: do ideal temático às posses que lhe dão tangibilidade e concretude ao estender o eu (self) do colecionador**. Tese de doutorado. Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getulio Vargas, 2010.
- STEBBINS, Robert A. Serious leisure a conceptual statement. **Sociological Perspectives**, v. 25, n. 2, p. 251-272, 1982
- STEBBINS, Robert A. **Serious leisure: A perspective for our time**. Transaction Publishers, 2007.
- THOMAS, Valerie. Demand and dematerialization impacts of second-hand markets. **Journal of Industrial Ecology**, v. 7, n. 2, p. 65-78, 2003.
- THOMPSON, Craig J.; LOCANDER, William B.; POLLIO, Howard R. Putting consumer experience back into consumer research: The philosophy and method of existential-phenomenology. **Journal of consumer research**, p. 133-146, 1989.
- THOMPSON, Craig J.; POLLIO, Howard R.; LOCANDER, William B. The spoken and the unspoken: a hermeneutic approach to understanding the cultural viewpoints that underlie consumers' expressed meanings. **Journal of Consumer Research**, p. 432-452, 1994.
- THOMPSON, Craig. J. The politics of consumer identity work. **Journal of Consumer Research**, v. 40, n. 5, p. ii-vii, 2014
- TURNER, Victor. **The anthropology of performance**, p. 1-36, 1987.
- WICKLUND, Robert A.; GOLLWITZER, Peter M. **Symbolic self completion**. Routledge, 2013.
- ZHOU, Xinyue et al. Nostalgia: The gift that keeps on giving. **Journal of Consumer Research**, v. 39, n. 1, p. 39-50, 2012

